

# **RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

---

Maria João Pontes Silva

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DO EDUCADOR NA GESTÃO DE  
CONFLITOS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre para a Qualificação para a  
docência em Educação Pré-Escolar

março de 2016

---



Instituto Superior de Educação e Ciências



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS

Provas para obtenção do grau de Mestre qualificado para a Docência em  
Educação Pré-Escolar

**RELATÓRIO FINAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE DO EDUCADOR NA GESTÃO  
DE CONFLITOS NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR**

**Autora: Maria João Pontes Silva**

**Orientadora: Ana Patrícia Almeida**

março de 2016



## **AGRADECIMENTOS**

Ao terminar mais uma etapa da minha vida, não poderia deixar de agradecer a algumas das pessoas que contribuíram, de forma direta e indireta, para a concretização de mais um desafio que foi a realização de todo o Mestrado e concretização deste relatório de estágio.

À professora Ana Patrícia Almeida, por ter aceite orientar-me, por todo o apoio, motivação, compreensão e por todas as críticas construtivas que tornaram melhor o meu trabalho.

A todos os professores, que me acompanharam ao longo de todos estes anos e que contribuíram para o meu crescimento com todos os seus saberes e experiências.

À educadora cooperante Cláudia Fernandes, à assistente operacional Gilda e ao monitor de ATIL Bruno, por todos os conselhos e por todas as palavras de encorajamento que levaram a que os dias passados no Jardim de Infância fossem felizes.

A todas as crianças com que já tive oportunidade de trabalhar, por contribuírem para o meu desenvolvimento tanto a nível profissional como pessoal, ao podê-las acompanhar e contribuir no seu crescimento.

Às minhas colegas e amigas de longa data e de universidade, por terem sempre acompanhado e partilhado grandes momentos, uns melhores e outros piores.

Aos meus pais e ao meu irmão, por tudo. Pela oportunidade, pelo esforço, pela paciência, pelos conselhos e por muito mais que se torna indiscreto.

A todas estas pessoas e muitas outras que cruzaram e acompanharam o meu percurso, um grandíssimo obrigada.



## RESUMO

O presente estudo tem como principal objetivo compreender as representações de vários agentes educativos sobre qual o papel da relação de afetividade estabelecida pelo educador de infância com as crianças na resolução de conflitos na educação pré-escolar, sendo que, este tema são diariamente vivenciados por todos apresentando um papel fundamental e determinante ao longo da vida de cada um.

Para este estudo de carácter qualitativo foram realizadas entrevistas semiestruturadas, realizadas, a seis educadoras, a um técnico e a uma psicóloga.

A afetividade é explicada neste estudo através de palavras como carinho, confiança e afeto, sendo que os educadores consideram que a mesma é a base da relação. Já segundo o técnico ainda que partilhe da mesma opinião, não considera que as escolas ofereçam a devida importância aos afetos. Quanto à psicóloga a mesma considera que existe uma maior preocupação com a dimensão afetiva, por parte das escolas principalmente no ensino pré-escolar e à medida que o nível vai aumentando estas vão dando maior destaque e prioridade ao aproveitamento escolar.

Já no que respeita ao conflito e às formas de resolução do mesmo, todos os entrevistados concordam que o diálogo é a estratégia mais eficaz e facilitadora da resolução do conflito, compreendendo que este por vezes pode verificar-se como sendo negativo para a criança quando conduz a alguma sensação de mau estar, mas por vezes quando ultrapassado, pode ser positivo para a criança, transmitindo uma sensação de maturidade e confiança para a mesma.

Desta forma, as concepções dos entrevistados foram mais ou menos as esperadas e tiveram um grande contributo para a análise deste tema.

**Palavras-chave:** *Afetividade, Conflito, Gestão de conflitos, Relação Adulto-criança.*





## **ABSTRACT**

This study aimed to understand the representations of several educational agents about the role of affectivity relationship established between the kindergarten teacher and children's in conflict resolution in pre-school education, being this theme daily experienced by all, presenting a fundamental and decisive role throughout the life of each one.

For this qualitative study, semi-structured interviews were conducted, to six teachers, a technician and a psychologist.

In this study, affection is explained by words like endearment, trust and affection, being this, the basis of the relationship in teacher's opinion. According to the technician despite having the same opinion, does not consider that schools offer importance to the affections. The psychologist considers that there is a greater concern with the affective dimension, in schools mainly in the pre-school and as the level increases these will give greater prominence and priority to academic success.

However, concerning to conflict and the ways of solving it, all interviewed agree that dialogue is the most effective strategy to conflict resolution, recognizing that this can sometimes be seen as negative for children when it leads to some discomfort, but sometimes when exceeded, can be positive for the child, transmitting a sense of maturity and confidence to it.

Thus, the views of respondents were more or less expected and had a great contribution to the analysis of this topic.

**Keywords:** *Affection, Conflict, Conflict management, Adult-Children Relationship*



## ÍNDICE

I.INTRODUÇÃO.....	1
II.QUADRO TEÓRICO.....	5
1) As questões da Afetividade e de Gestão de Conflitos na Educação Pré-escolar.....	5
1. Afetividade.....	6
1.1. A Afetividade, as Emoções e os Sentimentos.....	6
1.2. Piaget, Wallon e Vygotsky .....	7
1.3. Inteligência Emocional .....	9
2. Os conflitos na educação.....	11
2.1. O papel dos conflitos na construção da identidade das crianças.....	12
2) Papel do Educador e Estratégias Utilizadas.....	14
1. A afetividade no desenvolvimento e aprendizagem da criança em idade pré-escolar.....	14
2. Os conflitos na educação pré-escolar.....	16
2.1. Resolução de conflitos do modelo High-Scope.....	17
3. Articulação Escola-Família.....	19
III. ESTUDO EMPÍRICO.....	23
1. Problemática e Metodologia.....	23
1.1. Problema, objetivos e questões de investigação.....	23
1.2. Paradigma.....	24
1.3. Participantes .....	25
1.4. Instrumentos de Recolha de dados.....	26
1.5. Análise e Discussão de Resultados.....	29
1.5.1. Qual a importância do estabelecimento de relação de afetividade entre adulto e criança, na resolução de conflitos no contexto de educação pré-escolar?.....	29

1.5.1.	Qual a importância do estabelecimento de relação de afetividade entre adulto e criança, na resolução de conflitos no contexto de educação pré-escolar?.....	28
1.5.2.	Que estratégias são mais utilizadas, por intervenientes na área infantil, promotoras da afetividade e da resolução de problemas?.....	30
1.5.3.	Identificar quais os vocábulos recorridos pelos entrevistados para definir afetividade e conflito.....	33
1.5.4.	Compreender a partir das representações dos autores, até que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças.....	34
1.5.5.	Conhecer qual a importância atribuída, pelos entrevistados, na utilização da afetividade para a resolução de conflitos.....	35
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		37
V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		40
VI. ANEXOS.....		43

## **Lista de Abreviaturas**

JI – Jardim de Infância

ME – Ministério da Educação

APEI – Associação de Profissionais de Educação de Infância



## **I - INTRODUÇÃO**

A importância das relações humanas para o crescimento do homem está escrita na própria história da humanidade. O meio social é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo. Sem ele a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pôde construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade (Almeida., 2004, p.4).

Na história, por influência evidente da filosofia, de onde surgiram, durante muitas décadas as teorias psicológicas, estudaram-se separadamente os processos cognitivos e afetivos. Por vários motivos, como dificuldade em estudá-los ou por várias crenças, a separação entre estes dois processos levou a visões distorcidas da realidade com impactos nas investigações realizadas e também em vários modelos educacionais.

Um dos primeiros autores que é possível indicar por ter questionado as teorias que tratavam a afetividade e a cognição foi Jean Piaget alertando que apesar de na sua natureza serem diferentes, a afetividade e a cognição são inseparáveis. Para este psicólogo e pedagogo, toda ação e pensamento contêm um aspeto cognitivo, apresentado pelas estruturas mentais, e um aspeto afetivo, exposto por uma energética, que é a afetividade. (Arantes, s.d., citado por Sousa, 2013)

Segundo Piaget (citado por Arantes, s.d., citado por Sousa, 2013), não existem então estados afetivos sem elementos cognitivos, da mesma forma que não existem comportamentos unicamente cognitivos.

Durante o estágio decorrente da disciplina de PES (Prática de Ensino Supervisionada), ao estar com um grupo de pré-escolar, constituído por vinte e cinco crianças, muito heterogéneo, a nível de género e de idades, também pertencentes a um bairro social, observei que as mesmas apresentavam diversos problemas a nível de estratégias para a resolução de conflitos, e em alguns casos apresentavam alguma necessidade de afeto.

Assim sendo, em primeiro lugar, tendo em conta o local de estágio, decidi inicialmente desenvolver como tema, ao longo do estágio “A Importância da Afetividade do Educador na Gestão de Conflitos na Educação Pré-Escolar”.

Contudo, devido à grande planificação de atividades já existente, no JI não foi possível a dinamização de atividades relacionadas com o tema. Desta forma, optou-se então por realizar um pequeno conjunto de entrevistas de forma a compreender algumas das conceções sobre alguns pontos, tendo em conta vários intervenientes na área da educação, neste caso, educadores, psicóloga e técnico de intervenção.

Em segundo, um outro motivo para a realização deste tema resulta do interesse da investigadora enquanto futura educadora de infância e do relevo que os afetos representam na vida de todos nós.

Desta forma, tendo em conta a problemática escolhida foram formuladas duas questões de investigação às quais com este trabalho pretendo dar resposta: (1) Qual a importância do estabelecimento de uma relação de afetividade entre adulto e criança, importante para a resolução de conflitos no contexto de educação pré-escolar? (2) Que estratégias são mais utilizadas, por intervenientes na área infantil, promotoras da afetividade e da resolução de problemas?

Além dos dois objetivos formulados anteriormente foram reunidos também três objetivos mais específicos: (1) Identificar quais os vocábulos recorridos pelos entrevistados para definir afetividade e conflito; (2) Compreender a partir das representações dos atores, até que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças; (3) Conhecer qual a importância atribuída, pelos entrevistados, na utilização da afetividade para a resolução de conflitos.

Tendo presente o que está expresso na Carta de Princípios para uma Ética Profissional, da Associação de Profissionais de Educação de Infância; este relatório pretende: Respeitar cada criança; Cuidar da gestão da aproximação e da distância na relação educativa; Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança; Respeitar as famílias e a sua estrutura; Manter o sigilo relativamente às informações sobre as famílias; Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa; Respeitar as normas e regulamentos [das instituições onde ocorreu a intervenção]. (APEI, s.d., pp.1 e 2)

Tendo em conta os pontos acima referidos e a fim de se manter o anonimato de todos os entrevistados, nesta investigação todos os nomes foram substituídos por siglas.



Desta forma, de forma a responder aos vários objetivos propostos, o trabalho dividiu-se em quatro partes, sendo que a primeira corresponde à introdução, a segunda à fundamentação teórica, a terceira ao estudo empírico e por último as considerações finais. Na segunda parte, procurarei compreender algumas questões da afetividade e de gestão de conflitos na educação pré-escolar e ainda qual o papel do educador e quais as estratégias mais utilizadas pelos mesmos. Já na terceira parte, seguir-se-á uma explicação de como o estudo foi organizado, referindo os instrumentos utilizados, qual a amostra em estudo, quais os procedimentos utilizados e por último de que forma foi realizada a análise e tratamento dos dados de forma a responder às questões propostas.



## **II - Quadro Teórico**

### **1) As questões da Afetividade e de Gestão de conflitos na Educação Pré-escolar**

Os primeiros estudos realizados na área educacional eram geralmente dedicados ao desenvolvimento das capacidades cognitivas, contudo nos últimos anos, é observável, um aumento da realização de pesquisas sobre a afetividade, de forma a dar respostas, a várias questões, sendo uma delas, a sua influência na dimensão social e educativa.

Educar, segundo vários autores, não deve passar apenas pela transmissão de conhecimentos, mas também pelas oportunidades dadas à criança de aprender. Sendo que a criança deve ser um sujeito ativo na sua aprendizagem, este não deve apresentar um papel de mero expectador, onde apenas ouve os conteúdos transmitidos pelo educador. É essencial, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OEPE, 1997), que o educador reconheça que a criança apresenta já saberes e que os mesmos devem ser valorizados e tidos em conta para dar início, por vezes, a novas aprendizagens. Tal como refere Cunha (2008),

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades académicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz (p.51).

Por forma a conseguir promover uma aprendizagem plena da criança é essencial procurar conhecer a mesma de uma forma individual, e o mais profunda possível, tanto no que respeita aos seus estágios de desenvolvimento cognitivo, bem como os seus interesses. Desta forma, o educador conseguirá identificar e reconhecer as suas falhas, na sua prática pedagógica e ainda será capaz de utilizar e adequar, sempre que necessário, os recursos utilizados para o desenvolvimento total da criança. Segundo Cunha (2008), “é importante que o professor conheça os estágios do desenvolvimento cognitivo do seu aluno, para utilizar os mecanismos educativos apropriados que

promovam práticas pedagógicas estimulativas e não restritivas, adequadas ao período de amadurecimento de cada idade” (p.57).

Assim, tendo como principal objetivo, para esta investigação compreender qual o papel que o educador desempenha, na resolução de conflitos, através dos afetos, na Educação Pré-Escolar, importa primeiramente perceber dois conceitos importantes que são, no presente caso, a Afetividade e o Conflito.

## **1. A Afetividade**

Segundo Almeida (2004), “a afetividade constitui um domínio tão importante quanto a inteligência para o desenvolvimento humano incorporando as aquisições efetuadas pelo intelecto” (p.52).

A afetividade apresenta-se, em qualquer nível de ensino, incluindo na Educação Pré-Escolar, como facilitadora dos processos de aprendizagem, sendo que é através da mesma que a criança estabelece uma relação de empatia com o educador. Através desta relação é possível criar no educador um estímulo que o incentive a dirigir a sua prática pedagógica à criança. Para além da vantagem anterior referida, no que respeita à criança, esta, ao sentir-se amada e respeitada, pelo educador, acabará por criar um desejo e prazer pela aprendizagem e ainda, consequentemente torná-lo-á mais participativo.

### **1.1.A Afetividade, as Emoções e os Sentimentos**

Definir Afetividade revela-se uma tarefa difícil, sendo que este é um conceito polissémico, ou seja, apresenta uma variedade de sentidos, revelando muitas vezes distinções pouco claras, em relação à emoção, sentimentos e paixão.

Recorrendo ao uso de dicionários encontram-se definições que remetem para sentimentos de ternura, apego, amizade, amor, carinho, afetos, entre outros.

Segundo Pinto (2001), “emoção, sentimento e afeto são considerados sinónimos quando se fala de um estado emocional ou afetivo que influenciou uma determinada opção, interferiu na percepção de um acontecimento ou desencadeou uma recordação específica” (p.245).

Estando todos nós inseridos numa cultura, pertencentes a um meio social, com uma história, somos indivíduos sujeitos a demonstrações de emoções, sentimentos e consequentemente afetividade.

Através de um conjunto de trabalhos, realizados ao longo do século XX, mais precisamente nos últimos anos, é cada vez mais assumida uma relação harmoniosa entre a afetividade e a cognição (Sousa, 2013).

Para Assman (1998) e Damásio (2000), a aprendizagem depende da emoção e da valorização do corpo, motivo esse que leva a que modelos, que têm em conta apenas o aspeto intelectual sejam postos em causa. Desta forma, torna-se cada vez mais certo dizer-se que um bom relacionamento entre criança e educador é benéfico para ambas as partes, contudo é necessário a compreensão sobre o que é então a Afetividade e o que a distingue de conceitos como emoção e sentimento.

A Afetividade provém da palavra afeto que designa a qualidade de ser afetivo. A palavra afeto, do latim *affectus*, designa-se como um conjunto de atos ou atitudes daquele que tem afeto por algo ou alguém, como por exemplo bondade, proteção, gratidão, ternura, entre outras, em que essa pessoa, que foi alvo de preocupação responde aos cuidados, positivamente.

Já as Emoções, por um lado, segundo Goleman (1996), são sentimentos que se manifestam por impulsos que têm uma alargada intensidade, capaz de gerar ideias, condutas, ações e ainda reações, por outro, segundo Echeburúa (2002), (citado por Pérez, J.; Pozo, M. (2007) as emoções são “afectos intensos de curta duração que surgem, bruscamente, quando uma pessoa vive ou viveu uma experiência agradável ou desagradável” (p.39).

Desta forma, a palavra Afetividade relaciona-se com as vivências de indivíduos, num sentido mais vasto, referindo-se a formas de expressão mais complexas e fundamentalmente humanas.

## **1.2.Piaget, Wallon e Vygotsky**

Segundo Piaget (1945), a afetividade é definida como os restantes movimentos mentais conscientes e inconscientes não racionais (razão), sendo este um fator importante para o desenvolvimento cognitivo. (Sousa, 2013) Os seus vários estudos e

pesquisas realizados no âmbito do tema da afetividade demonstram que esta contribui na construção do conhecimento, acabando assim por contribuir para o funcionamento da inteligência. Assim sendo, podemos concluir que existe uma relação de causa-efeito, visto que sem afetividade não haveria motivação e interesse e consequentemente a aquisição da inteligência seria comprometida.

Um outro ponto relevante, sobre a visão de Piaget é que segundo ele, toda a ação deve remeter para um “saber fazer”, em que as dimensões afetivas e cognitivas, no campo da ação moral são inseparáveis e que o presente afetivo do sujeito é decidido pelo histórico emocional já experimentado pelo mesmo (Sousa, 2013).

Wallon, (citado por Sousa, 2013) considera que as emoções do sujeito são indissociáveis à vida orgânica, dedicando-se ao estudo de vários aspetos do desenvolvimento da criança, nos domínios cognitivos, motores e afetivos. Ao longo dos seus estudos procurou mostrar o desenvolvimento de cada um desses domínios e relacioná-los entre eles, realizando a sua teoria baseada em quatro temas fundamentais: (1) Afetividade; (2) Inteligência; (3) Movimento; (4) Questão do Eu.

Segundo Wallon (1968), as emoções têm um caráter biológico e consistem nas manifestações de estados subjetivos utilizando componentes orgânicos, sentidos através do uso de contrações musculares e viscerais originadas por alterações emocionais capazes de provocar algum tipo de modificação muscular. Desta forma, o autor considera que a emoção é sempre seguida de uma expressão. Para além do referido anteriormente, Wallon (1968) considera que as emoções são estados provisórios e muito voltadas para o próprio Wallon (citado por Sousa, 2013).

Segundo a perspectiva Walloriana existe uma relação harmónica entre o desenvolvimento da inteligência e consequentemente do conhecimento e a afetividade, da curiosidade e paixão que tornam as experiências mais significativas para a criança.

Wallon (1968, citado por Sousa, 2013) alia-se à teoria do desenvolvimento de Vygotsky, ao referir que os ideais, a cultura e o contexto social, onde a criança se desenvolve influenciam o desenvolvimento infantil. Segundo estas teorias as emoções caracterizam-se pela capacidade que o indivíduo encontra em inserir-se num contexto social. Com o uso da expressividade a criança é auxiliada não só nos processos psíquicos mas também na aquisição da linguagem e ainda na formação do pensamento.

Segundo Vygotsky (citado por Sousa, 2013), a forma de pensar, em conjunto com o sistema de conceitos é colocada pelo meio que nos rodeia, rejeitando os sentimentos, daí a abordagem unificadora, entre as dimensões cognitivas e as dimensões afetivas do funcionamento psicológico.

É possível observar que Vygotsky e Wallon, (citado por Sousa, 2013), no que respeita ao tema Afetividade apresentam muito em comum. Ambos demonstram que as manifestações de caráter orgânico vão ganhando complexidade, atuando no universo simbólico, onde as formas de manifestação constroem fenômenos afetivos. Para além disso ambos identificam o seu caráter social e defendem a relação e a influência mútua, entre o ambiente cultural e social e os processos cognitivos e afetivos.

Ainda segundo os mesmos autores, temos que as emoções estão presentes em todo o desenvolvimento e na procura do conhecimento, quando estas estabelecem relações quer com objetos quer com outros indivíduos.

Para Vygotsky (citado por Sousa, 2013) só é possível obter uma compreensão plena do pensamento humano quando é compreendida a sua base afetiva. Piaget e Wallon partilham dessa mesma ideia de que a emoção e a razão estão intimamente relacionadas. Para além disto, Vygotsky (citado por Sousa, 2013) defende que para que haja desenvolvimento os fenômenos psicológicos, originados a partir da atuação dos sujeitos no contexto social e cultural, bem como o fator cultural são decisivos.

Assim, conclui-se que os três autores referidos acima, Vygotsky, Piaget e Wallon têm muito em comum nas suas teorias visto defenderem a ideia de que o desenvolvimento da afetividade está dependente das construções realizadas no plano da inteligência.

### **1.3.Inteligência Emocional**

A definição do conceito de Inteligência Emocional está dependente das definições das palavras inteligência, emoção e a sua interação.

Assim sendo, de uma forma alargada, é possível dizer que,

tanto inteligência como emoção são funções adaptativas do organismo associadas a comportamentos do cérebro que auxiliam o organismo a se adaptar

ao meio. Talvez a principal diferença entre emoção e cognição é que as emoções constituem em uma inteligência cristalizada pré-programada no cérebro para tratar de problemas existenciais fundamentais. Entretanto estes programas têm uma relativa flexibilidade e interação com capacidades superiores de raciocínio mais flexíveis e abertas às influências ambientais (Primi, 2003,p.73).

Para Salovey e Mayer, (citado por Primi, 2003), é a capacidade de processar as informações emocionais e usa-las de forma favorável no processo adaptativo.

Segundo Goleman (1999), a Inteligência Emocional é definida pela “capacidade de reconhecer os nossos sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerirmos bem as emoções em nós e nas nossas relações” (Jesus, 2012, p.9). Ou seja, é a uma capacidade individual, que permite ser desenvolvida, de forma a compreender e perceber, as emoções (as nossas e as dos outros), propagando assim o crescimento pessoal e intelectual.

Então, através do que foi já dito é essencial que os educadores, desde cedo, promovam a inteligência emocional, ou seja, eduquem as emoções das crianças para que estas sejam capazes de lidar com as várias situações que possam surgir, como frustrações e outros conflitos.

Para que um educador seja capaz de ajudar as crianças é necessário que este também possua uma boa competência emocional. Assim sendo, segundo as OEPE, o Educador deve, “Observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem...” (Ministério da Educação, 1997, p.25) de forma a “compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades” (ME, 1997, p.25).

Para esse conhecimento o educador poderá recorrer a diálogos, observações diretas, e a muitas outras técnicas de recolha de dados, de forma a poder oferecer às crianças uma educação plena, tendo em conta as necessidades de cada um.

Segundo Goleman (1996), existem cinco princípios para uma boa competência emocional, sendo que estes são:



1. Autoconhecimento emocional – conhecimento que o ser humano tem de si incluindo os sentimentos e intuição (autoconsciência);
2. Controlo emocional – capacidade de gerir as emoções;
3. Auto motivação – capacidade de conduzir as emoções segundo objetivos determinados;
4. Empatia – capacidade de compreender o outro e as suas emoções para uma melhor relação;
5. Relacionamento pessoal – facilidade de relacionamento.

Em suma, uma educação emocional pretende que as crianças sejam capazes de gerir e exprimir as suas emoções, de forma a promover um conjunto de interações positivas. Para isso os educadores deverão fornecer um conjunto de estratégias para que as crianças sejam capazes de resolver os seus próprios conflitos, mostrando respeito pelas emoções e ideias de outras partes envolvidas.

## **2. Os conflitos na educação pré-escolar**

Segundo Neves, (citado por Jesus, 2012) para que ocorra um conflito é necessário que cada um dos intervenientes interprete a situação, em seguida que exista alguma forma de oposição e incompatibilidade, e por último que exista alguma forma de interação entre ambos. Alguns autores associam a palavra conflito ao sentido mais negativo, associando-o a uma ideia de perigo.

Contudo, ao verificar-se que o conflito faz parte de toda a nossa vida, é possível compreender que por vezes este acaba por ser útil, no sentido que por vezes altera comportamentos ou atitudes tornando-os positivos.

Segundo o mesmo autor, o conflito é encarado como “algo que é necessário encorajar em termos de surgimento, no pressuposto de que o conflito é algo benéfico para estimular a inovação e criatividade dos comportamentos, das atitudes e das cognições” (p.583).

Assim sendo, podemos ver que existem duas opiniões diferentes quanto ao conflito, sendo que uma converge para um sentido positivo e a outra para o negativo.

Os conflitos, ainda assim podem ser divididos em três tipos segundo Neves e Carvalho, (citado por Jesus, 2012):

- **Indivíduo – indivíduo:** que se expressa pelo choque de personalidades, pela hostilidade, pela não cooperação ou até pela conspiração
- **Indivíduo – função:** manifesta-se pelo desempenho eficiente, por elevada tensão e ansiedade
- **Indivíduo – grupo:** isolamento do indivíduo face ao grupo, pela falta de sintonia com o grupo, pelo relacionamento à margem do grupo (p.581).

## **2.1. O papel dos conflitos na construção da identidade das crianças**

É no jardim-de-infância que as crianças começam a moldar as competências e habilidades sociais, inserindo-se ou não em grupos de pares. (...) É nesse espaço feito de comunicações interpessoais que se vivenciam, os primeiros conflitos e os primeiros confrontos com uma realidade não tao protegida como a familiar. (Veríssimo e Santos, (citado por Henriques, 2014)

As crianças em idade pré-escolar encontram-se numa fase em que a sua identidade está ainda em construção bem como a socialização e dessa forma, o conflito torna-se inevitável.

Sendo o conflito, segundo Vieira & Amando (citado por Janes, 2014), “(...) uma situação de diferença de critério, de interesses ou de posição pessoal que ocorre em qualquer contexto de interação. Nesse sentido, os conflitos em si mesmos não são fenómenos negativos, mas o que há a evitar é que eles progridam, pois se forem mal resolvidos, poderão evoluir no sentido da agressão e de outras manifestações de violência” (p.62).

Desta forma, é possível compreender que os conflitos estão presentes em todo o quotidiano, ainda que nem sempre sejam esperados ou desejados, contudo é importante que sejamos capazes de realizar as escolhas mais acertadas de forma a lidar com os obstáculos de forma construtiva. Caso contrário, caso não se verifique uma resolução

plena do conflito, o mesmo poderá originar violência e consequentemente irá desenvolver crianças com uma baixa autoestima e com problemas de socialização.

Assim sendo, é importante distinguir conflito e agressão, sendo que agressão corresponde a um “comportamento cujo objetivo é magoar outra pessoa ou pertences que pretende (para si), enquanto o conflito é especificado como um estado de resistência ou oposição entre, pelo menos, dois indivíduos” (Sobral, citado por Batista, 2014).

Ainda que não seja possível identificar uma única causa para os comportamentos agressivos, sabe-se que existe uma interligação entre três fatores:

- **Biológico** – Predisposição biológica para a agressividade;
- **Ambiental e Interpessoal** – Presença de condutas agressivas no meio familiar e social da criança, servindo de modelo;
- **Personalidade** – Perturbações a nível da personalidade caracterizadas por desrespeito pelos outros, falta/ausência de empatia. (Janes, 2014)

Segundo Janes (2014), existem três tipos de agressividade:

- **Agressividade verbal** – Agressão a outro através de palavras ou expressões verbais;
- **Agressividade física** – Agressão através do contacto físico;
- **Agressividade social** – Exclusão social. (Janes, 2014)

Desta forma, caso os conflitos sejam bem resolvidos, e não cheguem à agressão, os autores concorram que os conflitos são benéficos para o desenvolvimento da criança.

Hohmann e Weikart (2011) defendem que os conflitos são “oportunidades para as crianças desenvolverem competências no domínio da resolução de problemas interpessoais” (p.89).

Em suma, os conflitos são benéficos se forem dadas às crianças várias estratégias de resolução de conflitos, para que quando as mesmas se estiverem envolvidas sejam capazes de gerir o conflito de uma forma calma, através do diálogo, mostrando respeito pelo outro. Desta forma ultrapassará o conflito interpessoal e tornar-se-á uma pessoa mais confiante e segura das suas ações e ideias.

## **2) Papel do Educador e Estratégias Utilizadas**

“(...) a escola deve ser pensada como um espaço educativo em que trabalhar e se formar não sejam atividades distintas” (Nóvoa, citado por Roca, 2006, p.3).

Atendendo à afirmação acima transcrita, o educador deve apresentar desde o início um papel não só de transmissor de conhecimentos como também deve preocupar-se com a dimensão social e afetiva da criança. Sendo a escola um meio de transmissão de conhecimentos e consequentemente de interações entre pessoas, está subjacente neste processo de socialização uma relação entre pessoas, onde o afeto está sempre presente quer entre professor-criança quer entre criança-criança.

### **1. A afetividade no desenvolvimento e aprendizagem da criança em idade pré-escolar**

A criança ao entrar no pré-escolar depara-se com uma nova oportunidade de alargar tanto em quantidade como em qualidade as suas interações sociais, através de brincadeiras de faz-de-conta com outras crianças ou até mesmo sozinhas.

Através desta socialização as crianças passam a orientar-se pelas normas e regras estabelecidas tanto na sala de atividades como pelo próprio grupo e tende a desenvolver um sentido de justiça sendo capaz de dar e explicar os seus pontos de vista.

Segundo Sá (citado por Sousa, 2013), referem que a afetividade tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, sendo que, adultos autoritários, que são incapazes de impor regras, abusam frequentemente de castigos e ameaças, ajudam no desenvolvimento de crianças com baixa autoestima e com comportamentos agressivos nas relações entre pares. Já os adultos afetuosos e participativos com as crianças desenvolvem crianças com uma autoestima positiva e estáveis emocionalmente, acabando por contribuir para um melhor desenvolvimento das suas tarefas.

Para Katz (2007), um fator importante para que a criança desenvolva uma relação afetiva, com o educador, semelhante à dos pais, está na adaptação que ocorre nos primeiros contactos que ocorrem no jardim-de-infância entre ambos (Sousa, 2013).

Segundo Hohmann e Weikart (2011), são cinco as capacidades fundamentais do bem-estar social e emocional da criança que constituem a base da socialização e transição para a vida adulta: (1) desenvolvimento da confiança nos outros; (2) autonomia; (3) iniciativa; (4) empatia e (5) autoconfiança. O desenvolvimento destas encontra-se facilitado quando o ambiente e as relações que existem, onde se encontram as crianças são positivas.

É sabido, que as crianças “copiam” os adultos, que estes são os seus modelos. Desta forma, referindo Filliozat (citado por Sousa, 2013), uma criança ao verificar que o educador apresenta qualidades como ser paciente, atento, dedicado, levará a que a criança tenha vontade de aprender, enquanto se pelo contrário, o educador demonstrar desinteresse e autoritarismo levará a que a criança se sinta desmotivada e não quererá aprender.

Desta forma o educador deve fomentar nas crianças o desejo de aprender, de participar e estimular a criatividade e raciocínio. Uma relação positiva, com as crianças, onde o educador ouve as suas ideias, conhece as suas dificuldades e os seus interesses promove um melhor ambiente na sala de atividades. Contudo para isso existe a necessidade de desenvolver formas de expressar e receber afetos.

Segundo Freire (citado por Sousa, 2013), um ambiente que transmite sensações de segurança e conforto, onde se promovem relações próximas entre todos promovem melhores aprendizagens por parte das crianças.

Assim sendo, referindo Abrantes (2003, citado por Sousa, 2013), um educador que respeita a dignidade da criança, ajuda-a construtivamente e trata-a com compreensão, desenvolve nessa criança várias capacidades, entre as quais a capacidade de procurar dentro de si própria as respostas para os seus problemas, tornando-a responsável pelo seu próprio sistema de aprendizagem.

## **2. Os conflitos na educação pré-escolar**

É na infância que se iniciam os processos de socialização e de interação entre pares e assim consequentemente segundo Veríssimo e Santos (citado por Henriques, 2014) é nesse contexto que ocorrem também os primeiros desentendimentos e naturalmente os primeiros conflitos interpessoais (Henriques, 2014).

Ao longo do crescimento as crianças, capacidades como as de antecipar e resolver conflitos aumentarão, contudo os conflitos que vão enfrentando vão tornando-se cada vez mais complexos. É por isso importante que desde cedo seja praticada uma resolução de conflitos, para que em adultos consigam pôr em prática as competências interpessoais adquiridas de que necessitam (Weikart e Hohmann, 2011).

A transmissão e o ensino de valores sustentam as atitudes das pessoas e acabam por funcionar também como uma ação preventiva. Esta transmissão de valores deve ser feita também desde a infância e trará frutos a longo prazo. Alguns dos valores que deverão ser ensinados são por exemplo a justiça, a tolerância, a solidariedade, entre outros, que servirão para que as pessoas adquiram um sólido sistema de valores e as ajude em decisões importantes da sua vida.

Assim sendo, uma das formas de resolução de conflitos é através da mediação, que segundo Torrego (citado por Jesus, 2012), acontece quando as duas partes envolvidas num confronto recorrem a um terceiro elemento neutro, que neste caso é o mediador para conseguirem chegar a um acordo.

O mediador, segundo autores como, Jares e Munné e Mac-Cragh (citado por Janes, 2014) ainda que imparcial deve apresentar características como dinamismo e preocupação pelos outros, humildade e prudência, independência e ainda paciência e capacidade de resistência que todo o processo pode originar.

Desta forma os educadores, devem ser capazes de olhar com atenção, para cada uma das crianças, e sejam capazes de compreender se estas estão bem psicologicamente de forma a conseguirem obter um melhor desempenho escolar.

Segundo Uranda (1998, citado por Jesus, 2012), a mediação nas escolas é utilizada na resolução de conflitos por ser um método muito eficaz e construtivo, apresentando como aspetos positivos alguns dos seguintes: (1) Um ambiente mais descontraído e produtivo; (2) Ajuda a reconhecer e a dar valor aos sentimentos,

interesses, necessidades e valores não só próprios como dos outros; (3) Estimula o desenvolvimento de atitudes cooperativas; (4) Contribui para o desenvolvimento do diálogo e não a violência na resolução do conflito; (5) Contribui para as relações interpessoais (Jesus, 2012).

Assim sendo, é visível que a mediação é uma estratégia, com resultados muito positivos na resolução de conflitos, que apesar de poderem ocorrer em diferentes contextos e envolver diferentes intervenientes é capaz de tornar o ambiente educativo mais calmo, favorecendo o número de conflitos e ainda possibilita que ambas as partes saiam satisfeitas.

### **2.1.Resolução de conflitos do modelo High-Scope**

Durante o período de estágio, ainda que não houvesse um modelo específico utilizado por toda a comunidade escolar, o que mais se verificava era um apoio no Modelo Pedagógico High-Scope e desta forma considerei relevante averiguar algumas das formas de resolução de conflitos pelo uso do mesmo.

Segundo Hohmann e Weikart (2011 citado por Janes, 2014),

A abordagem de resolução de problemas face ao conflito interpessoal é uma estratégia a longo prazo que os adultos apoiantes utilizam com as crianças, desde a 1ª infância, até ao final do liceu. (...) No entanto, quando as crianças praticam a resolução de conflitos desde idades precoces, pela altura em que atingem a idade adulta têm muitas competências interpessoais de que necessitam, o hábito de as pôr em prática, e a necessária confiança em si para os resolver, confiança essa ganha através de muitos anos de experiência e apoio (p.65).

Geralmente, podem surgir conflitos em todas as formas de brincadeira de crianças e por isso é necessário que o adulto esteja atento às necessidades das crianças. Entre as brincadeiras do tipo exploratório e do tipo construtivo, deve ser dado um maior apoio às crianças, na segunda, visto que é neste tipo de brincadeira que poderão encontrar mais dificuldades, visto apresentarem muitas vezes objetivos específicos. Assim, muitas vezes, quando as crianças param de trabalhar nos seus planos, um dos motivos possíveis para essa desistência poderá ser a dificuldade em resolver ou ultrapassar um problema (Weikart e Hohmann, 2011).

Segundo Post e Hohmann (2007, citado por Batista, 2014), o apoio do adulto persistente e atento potencia na criança, um crescimento, uma aprendizagem e ainda um conhecimento prático do mundo físico e social.

Contudo, para que seja possível que as crianças vejam o adulto como uma pessoa capaz de as auxiliar na resolução dos seus problemas é essencial que exista uma relação de confiança, entre ambas as partes (criança-adulto), para que estas possam ser capazes de crescer com autonomia, com autoconfiança, necessárias para a criação de um bom clima de apoio. Segundo Hohmann e Weikart (2011), são cinco os elementos do clima de apoio: “partilhar o controlo, centrar as atenções nos talentos e riquezas das crianças, formar relações autênticas, comprometer-se a apoiar as brincadeiras das crianças e adotar uma abordagem de resolução de problemas face ao conflito interpessoal” (p.92).

Hohmann; Weikart (2011) destacam ainda sete passos para a resolução de conflitos do modelo High-Scope, sendo estes:

- **1º Passo – Abordar a situação com calma** – É nesta fase que o adulto deve observar o que está a acontecer, estando ao nível das crianças, sentado ou ajoelhado tentando uma aproximação com as mesmas. Deverá utilizar um tom de voz calmo e tranquilo demonstrando gestos simpáticos, como por exemplo uma mão no ombro;
- **2º Passo – Reconhecer os sentimentos das crianças e recolher informação** – Nesta fase o adulto deve descrever o que observou, indicando de forma descritiva e afirmativos detalhes do conflito. Em seguida deve ouvir ambas as partes, com atenção e valorizando cada detalhe, colocando também questões abertas;
- **3º Passo – Definir o problema, tendo em conta o que as crianças dizem** – Esta fase passa pela colocação de novas questões de forma a compreender qual o motivo que levou ao conflito;
- **4º Passo – Perguntar ideias ou soluções** – Nesta fase o educador deve incentivar as crianças a resolverem o conflito com base no diálogo uma com a outra. Caso se verifique que as mesmas não são capazes, o adulto deverá colocar algumas questões orientadoras;
- **5º Passo – Pedir às crianças que tomem decisões sobre a solução que será posta em prática** – É nesta fase que as crianças decidem, em consenso, as soluções que irão pôr em prática, tendo sempre o adulto como mediador;



- **6º Passo – Apoiar as crianças a pôr em prática o que ficou decidido –**

Nesta fase o adulto deverá dar um reforço positivo não só sobre a (s) solução (ões) encontradas pelos intervenientes, no conflito bem como pelo esforço demonstrado;

- **7º Passo – Estar preparado para dar apoio no seguimento dos acontecimentos** – Nesta última fase, o adulto deve esclarecer todas as opções decididas, para que estas sejam capazes de utilizar o que aprenderam num próximo conflito. Caso se verifique um novo conflito, o adulto deverá auxiliar novamente as crianças repetindo o todo o processo.

(adaptado de Hohmann & Weikart, 2011, pp.617-618)

Ao utilizar este conjunto de passos ou alguns deles de forma frequente, na resolução de conflitos, as crianças vão desenvolvendo capacidades e estratégias que as tornam aptas a resolver problemas futuros, tanto na infância como numa fase adulta. Além disto, são desenvolvidos valores de cooperação e respeito, formando cidadãos mais sociáveis e conscientes.

Ainda assim, apesar de na escola existirem diversas estratégias, utilizadas entre educador e criança, é essencial que estas estejam acompanhadas da família e também da comunidade onde estão inseridas, de forma a construir um ambiente mais unísono e seguro para que a criança se desenvolva de forma plena.

### **3. Articulação Escola-Família**

Segundo o Princípio Geral, da Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, Dec. Lei nº5/97 de 10 de Fevereiro),

a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve obedecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (ME, p.670).

Desta forma, tanto as famílias dos educandos, bem como as escolas e todos os seus intervenientes, deverão ter como principal objetivo que os mesmos sejam bem-sucedidos a nível escolar, pessoal e futuramente profissional.

Neste ponto falarei de família, de uma forma alargada, sendo que ao referir pais e mães estarei a pensar não só nos progenitores biológicos mas também os adotivos, outros familiares e encarregados de educação.

Segundo Reimão (1994), citado por Homem (2002),

(...) a família constitui a primeira instância educativa do indivíduo. É o ambiente onde este desperta para a vida como pessoa, onde interioriza valores, atitudes e papéis e onde se desenvolve de forma espontânea, o processo fundamental da transmissão de conhecimentos, de costumes e de tradições que constituem o seu património cultural (p.36).

Nos dias de hoje, todos falam do envolvimento e participação das famílias na educação, tanto das crianças como dos jovens, uns pela sua importância e urgência e outros ainda, para criticar a sua ausência.

Segundo Lima e Nóvoa (1992, citado por Homem, 2002), “A *participação* corresponde a uma prática, a um exercício e refere-se à parte de poder que os indivíduos têm numa qualquer decisão, projectando, através dessa prática, o seu sistema de interesses e valores e exprimindo os seus projetos educativos” (p.44). Assim, uma participação é intervir numa decisão, quer espontaneamente ou legalmente ou ainda claramente ou dissimuladamente.

Já para Macbeth (1984, citado por Homem, 2002), “a colaboração entre a escola e a família – entendida como uma acção concertada e planificada em conjunto, numa perspectiva de apoio mútuo – pressupõe a existência de uma estreita cooperação” (Homem, 2002, p.40), atualizando-se esta através do “desenvolvimento de estratégias de interação, fundamentalmente propostas pela escola” (p.49).

Atualmente a participação e envolvimento da família na educação escolar dos educandos é um direito, uma responsabilidade e ainda um valor. Contudo, os pais pretendem ser co educadores e admitidos como tal pelos educadores. Já estes querem que os pais desempenhem um papel de parceiros intervenientes no processo de aprendizagem. Citando Demailly (1991, citado por Homem, 2002), “a participação é vista pelos vários actores – sejam eles pais ou professores – como uma tentativa de manipulação, uma perda de tempo, um impedimento à sua autonomia e uma crítica à sua competência” (p.60).

Partindo do pressuposto que a escola e as famílias têm funções de complementaridade junto dos educandos, nenhuma delas deve tentar sobrepor-se mas sim interagir de forma a ultrapassar as dificuldades, fazer uma constante troca de informação e ideias que levará a soluções e inovações (Jesus e Neves, s.d., p.25).

Não havendo duvida que uma relação positiva entre a família e a escola promove então um maior sucesso escolar dos alunos, segundo Marujo, Neto, Perloiro, (1998), a maior parte dos estudos revela que as famílias querem envolver-se mas por vezes possuem algumas dificuldades, tais como, não saber fazê-lo, não terem muito tempo disponível ou então estão perante uma escola que não estimula esse envolvimento.

A articulação escola-família é necessária e crucial para que as crianças cresçam com critérios educativos semelhantes e consequentemente se sintam mais seguras. É essencial como educadores respeitar os ritmos e a individualidade de cada criança, tentando apoiar e esclarecer qualquer dúvida que possa surgir. Para isso é importante ainda que ao comunicar com os pais haja sempre uma boa e clara transmissão da informação, tentando sempre mostrar um lado positivo. Ou seja, perante um problema em que seja necessário uma comunicação mais negativa é necessário acompanhar a mesma de uma solução conjunta e uma motivação para que confiem na mudança.

“A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (ME, 1997, p.43). Assim sendo, apenas com uma relação construída na base da confiança é possível um trabalho fluido e com sucesso.



### **III – Estudo Empírico**

#### **1. Problematização e metodologia**

A seleção feita, no que refere à metodologia é um ponto essencial, pois esta deve estar de acordo com os objetivos pretendidos.

Assim, ao longo do presente capítulo, seguir-se-á a explicação sobre a forma em que o estudo está organizado, referindo quais os instrumentos utilizados, qual a amostra em estudo, quais os procedimentos utilizados e de que forma foi realizada o tratamento dos dados, de forma a obter respostas às questões colocadas.

##### **1.1. Problema, objetivos e questões de investigação**

No âmbito da disciplina de Práticas de Ensino Supervisionada, foi realizado um estágio com um grupo de pré-escolar, constituído por vinte e cinco crianças. O facto de serem muitas crianças condicionou as atividades que foram sendo desenvolvidas, nomeadamente em relação à forma de organização e gestão do tempo das mesmas.

Segundo a Observação Direta o grupo apresentava algumas dificuldades em respeitar algumas regras grupais de interação, como esperar pela sua vez para falar e também de concentração, sendo que não conseguiam ficar muito tempo sentados corretamente, a realizar uma atividade. Contudo, novamente indo ao encontro das Observações Diretas foi possível observar que este era um grupo muito autónomo.

Segundo Mauco (1975), no que respeita ao desenvolvimento da afetividade na criança, a influência do meio apresenta maior relevância do que os dados hereditários.

Assim sendo, tendo em conta o local de estágio, decidi assim desenvolver como tema, ao longo do estágio “A Importância da Afetividade do Educador na Gestão de Conflitos na Educação Pré-Escolar”.

Assim, tendo em conta a problemática escolhida tive, inicialmente, como principal objetivo a realização diária de atividades específicas na gestão de conflitos utilizando a afetividade. Contudo, devido aos projetos já definidos pela escola não foi possível desenvolver as mesmas, sendo assim apenas possível interligando-as com as restantes áreas de conteúdo.

Desta forma, e de acordo com a problemática escolhida foram formuladas assim, algumas questões de investigação, de forma a conhecer as representações dos vários atores:

(1) Qual a importância do estabelecimento de uma relação de afetividade entre adulto e criança, importante para a resolução de conflitos no contexto de educação pré-escolar?

(2) Que estratégias são mais utilizadas, por intervenientes na área infantil, promotoras da afetividade e da resolução de problemas?

Assim sendo o objetivo de qualquer investigação, encontrar resultados consideráveis ao estudo em questão de forma a contribuir para uma eficaz compreensão da situação é essencial, a obtenção de dados pertinentes sujeitos à qualidade da amostra.

Para isso, foi formulado um conjunto de objetivos específicos como:

(1) Identificar quais os vocábulos recorridos pelos entrevistados para definir afetividade e conflito;

(2) Compreender a partir das representações dos autores, até que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças;

(3) Conhecer qual a importância atribuída, pelos entrevistados, na utilização da afetividade para a resolução de conflitos;

## **1.2.Paradigma**

No presente estudo, foi utilizada uma abordagem interpretativa com recurso à metodologia qualitativa. Segundo Albarello et al. (1997), “A análise qualitativa pode então assemelhar-se às técnicas clássicas de análise de conteúdo, que podem servir para fins estritamente descritivos ou para fins de verificação de hipóteses.” (p.120)

Desta forma, foram realizadas entrevistas a seis educadoras, a um técnico e ainda a uma psicóloga, onde foram colocadas questões acerca da afetividade e da resolução de conflitos com o objetivo principal de investigar qual o papel da afetividade do educador de infância na resolução de conflitos na educação pré-escolar.

### 1.3.Participantes

Os participantes sobre o qual incide o presente estudo são formados por um conjunto de 6 educadoras a lecionar num J.I. em Lisboa, no ano letivo 2014/2015, um técnico de prevenção, atualmente exercendo funções de diretor pedagógico do ATL e uma psicóloga que exerce funções na área da saúde infantil. Os mesmos foram selecionados devido a motivos de carácter pessoal tais como a proximidade do local de residência e ainda o conhecimento do meio devido ao período de estágio.

Falando um pouco de cada um dos participantes:

**Educadoras** – As seis educadoras entrevistadas exercem funções de educadora de infância entre os 13 anos e os 36 anos.

**Técnico** – trabalha na área desde 1999, há cerca de dezassete anos, tem formação profissional na área da animação e da prevenção e atualmente exerce funções de coordenador pedagógico de ATL;

**Psicóloga** - trabalha na profissão há já dezasseis anos, possui um Mestrado em Psicologia Clínica e Psicopatologia, é terapeuta familiar e encontra-se atualmente a exercer funções num Centro de Saúde na Equipa de Saúde Escolar e Apoio ao Jovem.

Desta forma, o método de amostragem utilizado foi o não probabilístico/intencionada.

Segundo Mattar (2001), este método de amostragem corresponde a “aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo...”

Neste método, o investigador está interessado na opinião de um pequeno número de elementos de uma população, mas não representativos dela. Ainda dentro deste método, a escolha incidu numa amostra por conveniência.

#### **1.4. Instrumentos de Recolha de dados**

A técnica de recolha de dados é, para Moresi (2003), um “conjunto de processos e instrumentos elaborados para garantir o registo das informações, o controle e a análise dos dados”.

O primeiro passo necessário, para o acesso ao terreno para a realização desta investigação comportou inicialmente em efetuar pedidos informais de permissão, junto das educadoras do Jardim de Infância, para a realização de uma entrevista às mesmas. Este assunto foi tratado pessoalmente, explicando qual o intento da realização das entrevistas e de que forma estas seriam utilizadas, tendo as mesmas sido autorizadas. Após a realização das entrevistas às educadoras, devido à necessidade de mais informação, de forma a compreender e a ter uma outra perspetiva do tema realizei dois novos pedidos informais, por correio eletrónico a um técnico e a uma psicóloga que prontamente se disponibilizaram a dar-me uma entrevista.

##### **Entrevistas**

De modo a concretizar os objetivos definidos nesta investigação foi selecionado como instrumento de recolha de dados, a entrevista semiestruturada, sendo que este instrumento faculta uma grande riqueza informativa, a possibilidade de esclarecer dúvidas que possam surgir, no seguimento da entrevista e ainda favorece ao entrevistador a hipótese de não seguir exatamente a ordem de questões previstas no guião, possibilitando assim uma entrevista mais flexível e profundada sobre os aspetos mais relevantes.

Desta forma, o entrevistado deverá sentir-se à vontade para ocupar um papel principal durante todo o seguimento da entrevista e em muitos dos momentos deverá ser ele a tomar iniciativa no discurso.

Segundo Le Grand (1988), “(...) Uma entrevista corresponde sempre a uma versão de uma história. Por um lado, sempre que alguém quer falar de si ou do que pensa, conta-se a alguém em concreto e numa determinada circunstância.” (p.4)

Durante a elaboração dos três guiões das entrevistas semiestruturadas (Anexo A; Anexo E; Anexo I), foram organizados um conjunto questões distribuídas por Blocos Temáticos. Um outro instrumento de recolha de dados usado, auxiliar do guião de entrevista construído, foi o telemóvel com gravador. Ao adicionar este instrumento, foi



necessário novamente um pedido de autorização, junto dos entrevistados, ao que estes autorizaram.

Apesar do uso do telemóvel como gravador, inicialmente, causar um pequeno momento de “embaraço”, este foi facilmente ultrapassado com a proximidade gradual entre entrevistado e entrevistador, sendo que o último torna a vida do entrevistado o núcleo da entrevista.

Passado pouco tempo, ao tornar-se insignificante a presença do gravador, tornam-se mais observáveis e significativas as expressões verbais, e até mesmo as não-verbais, os momentos de silêncio e de excitação, cruciais para o presente tema de investigação.

Durante a elaboração do guião da entrevista semiestruturada, para as educadoras (Anexo A), foram organizados um conjunto de vinte e três questões distribuídas por nove Blocos Temáticos: **(1)** Legitimação da entrevista (onde devemos motivar o entrevistado, informá-lo sobre o objetivo da entrevista e assegurar o caráter confidencial da mesma); **(2)** Educadoras (onde é caracterizado o percurso profissional das mesmas); **(3)** Instituição (onde é conhecida a instituição e a inserção da educadora na mesma); **(4)** Grupo (pretende-se caracterizar as crianças enquanto grupo); **(5)** Noção de conceitos básicos (será importante conhecer a opinião dos educadores cooperantes sobre a noção de conflito e de afetividade); **(6)** Os conflitos entre as crianças (conhecer a opinião do educador cooperante sobre a ocorrência de conflitos e a sua importância); **(7)** Papel do adulto na gestão de conflitos (conhecer a opinião do educador cooperante sobre o papel do adulto na gestão de conflitos); **(8)** Afetividade do adulto na gestão de conflitos (onde é conhecida a opinião do educador cooperante sobre a afetividade do adulto na gestão de conflitos); **(9)** Articulação Escola-Família (onde é conhecida a opinião do educador cooperante sobre a articulação Escola-Família na gestão de conflitos).

Já para o guião do técnico e a psicóloga foram organizados um conjunto de dezasseis questões distribuídas também por nove Blocos Temáticos, mantendo-se a maior parte das questões idênticas: **(1)** Legitimação da entrevista **(2)** Psicóloga/Técnico **(3)** Conceções sobre a valorização dos afetos no pré-escolar (compreender qual a opinião do entrevistado sobre a valorização dada à afetividade no pré-escolar) **(4)** Meio e Grupo (pretende-se compreender qual a opinião do entrevistado sobre a influência do meio e do grupo no aparecimento de conflitos); **(5)** Noção de conceitos básicos; **(6)** Os

conflitos entre as crianças; (7) Papel do adulto na gestão de conflitos; (8) Afetividade do adulto na gestão de conflitos; (9) Articulação Escola-Família.

A realização das entrevistas, às educadoras, ocorreram durante o mês de junho de 2015, enquanto as entrevistas ao técnico e à psicóloga ocorreram no mês de novembro do mesmo ano.

Após as mesmas estarem realizadas procedi à sua transcrição, em seguida à realização de três tabelas, sendo que a primeira corresponde à análise por blocos temáticos da entrevista das educadoras, a segunda do técnico e por último a da psicóloga. Em seguida, pela mesma ordem realizou-se um segundo nível de análise das tabelas, realizando um registo por extenso da informação anteriormente selecionada. Por último, de forma a responder às várias questões colocadas no início desta investigação realizei uma nova seleção de informação e confrontei as respostas dadas com o quadro de referência teórico já realizado.

### **Pesquisa Bibliográfica**

A Pesquisa Bibliográfica apresentou um papel fundamental na realização tanto no guião como na preparação para as entrevistas, visto que, ao serem entrevistas semiestruturadas, possibilitou-me uma maior abertura para criar novas questões pertinentes ao tema.

### **Diário de Bordo**

As conversas informais decorrentes ao longo do período letivo, com alguns dos participantes do estudo foi crucial, estando estas registadas num diário de bordo. Durante a convivência, nos períodos não letivos (como era o caso da hora de almoço, no período de estágio), muitas vezes foram partilhadas experiências e conselhos que acabaram por não só levar ao entendimento de algumas questões pertinentes neste estudo, como também contribuíram para o meu desenvolvimento enquanto futura profissional de educação.

### **Análise de Dados**

Após a realização das entrevistas aos vários atores, de forma a analisar os dados, prosseguiu-se à transcrição de cada uma delas. Estando esta primeira etapa de análise concluída, de forma a facilitar a leitura de informação, desenharam-se tabelas onde foram inseridas as categorias mais importantes e as respostas mais determinantes,

elegendo ainda algumas palavras-chave. Por último, no segundo nível de análise de cada entrevista foi elaborada uma síntese, por extenso, mostrando os pontos mais importantes destacados ao longo das tabelas, com a informação dada pelos diversos atores entrevistados.

## **1.5. Análise e Discussão dos Resultados**

### **1.5.1. Qual a importância do estabelecimento de relação de afetividade entre adulto e criança, na resolução de conflitos no contexto de educação pré-escolar?**

A primeira questão de pesquisa visa compreender a importância do estabelecimento de relação de afetividade entre adulto e criança, na resolução de conflitos no contexto de educação pré-escolar. Segundo Cunha (2008),

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz (p.51).

Deste modo torna-se assim essencial verificar qual a relação entre o uso da afetividade na relação de conflitos, tendo em conta três diferentes perspectivas, sendo que a primeira engloba a opinião de seis educadoras, a segunda de um técnico de apoio à infância e por último a de uma psicóloga de saúde escolar, dando um total de oito respostas.

Através das várias entrevistas, verificou-se que as respostas dadas são unissonantes, sendo que todos os entrevistados referem, de um modo geral, que a afetividade é a base de tudo.

Respondendo à mesma questão, mas desta vez de uma forma mais pormenorizada, tendo em conta, em primeiro lugar, a opinião das educadoras, é possível referir um exemplo de quatro salas, que demonstra o anterior:

“...formamos crianças mais seguras e capazes e posteriormente serão mais capazes de gerir e resolver os seus conflitos” (L.94-95 – Sala 3);

“A afetividade é a base de tudo, se não houver afetividade tu não consegues nada com esta faixa etária. Até com os adultos as coisas muitas vezes passam pela parte afetiva portanto se uma criança não tiver a parte afetiva bem desenvolvida, bem trabalhada e se sentir amada vai ser muito mais difícil o seu percurso” (L.78-81 – Sala 4);

“Se não houver uma boa relação entre o educador e o aluno nada se faz” (L.104 – Sala 5);

“Porque através do afeto a criança é mais tocada, sente melhor o que o outro sente. Percebe, consegue manifestar o que sente e consegue perceber ou tenta conseguir perceber o que o outro sente. É através daquilo que sente que é importante para a gestão do conflito” (L.84-87 – Sala 6).

Desta forma é possível verificar que as educadoras defendem que através de uma relação baseada nos afetos é possível formar crianças mais seguras e capazes de compreender melhor tanto os seus sentimentos como os das restantes pessoas que os rodeiam, facilitando muitas vezes a resolução de conflitos e consequentemente promovendo um melhor ambiente de trabalho na sala de atividades e um melhor desenvolvimento de todas as crianças. É importante para todos, quer crianças quer adultos sentirmo-nos amados.

Em segundo lugar, desta vez segundo a opinião do técnico, este faz uma comparação, referindo que nós somos como os radares dos morcegos dizendo: “ (...) o morcego não vê, portanto o morcego o que faz é emitir determinados sons (...) bate num objeto e devolve. Nós, mandamos afetos e eles devolvem-nos...” (L.466-468)

Em terceiro e último lugar, procurando ainda responder à primeira questão, segundo a psicóloga:

“O afeto está por detrás de todas as nossas atitudes e comportamentos” (L.138-139);

“As crianças dão o que recebem. Uma criança criada com afetos positivos aprende a dá-los e a reconhecê-los nos outros. Se ela cresce a sentir que é amada, respeitada, compreendida, que as suas atitudes boas são valorizadas, que tem aspetos positivos, será uma criança muito mais afetuosa e adequada no contacto com as outras” (L.143-147).

Segundo Goleman (1999), a Inteligência Emocional é definida pela “capacidade de reconhecer os nossos sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de gerirmos bem as emoções em nós e nas nossas relações” (Jesus, 2012, p.9). Ou seja, é a uma capacidade individual, que permite ser desenvolvida, de forma a compreender e perceber, as emoções (as nossas e as dos outros), propagando assim o crescimento pessoal e intelectual.

Assim sendo, se o adulto promover a afetividade na criança estará a educar as suas emoções para que estas sejam capazes de lidar com as várias situações de conflito e a promover um conjunto de interações positivas para que no futuro estas sejam mais cada vez mais seguras das suas atitudes e opiniões.

### **1.5.2. Que estratégias são mais utilizadas, por intervenientes na área infantil, promotoras da afetividade e da resolução de problemas?**

É na infância que se iniciam os processos de socialização e de interação entre pares e assim consequentemente segundo Veríssimo e Santos (2014) é nesse contexto que ocorrem também os primeiros desentendimentos e naturalmente os primeiros conflitos interpessoais (Henriques, 2014). Desta forma, as crianças ao entrarem no J.I., estando numa realidade em que estão menos protegidas pelos pais deparam-se inevitavelmente com conflitos.

Segundo Neves e Carvalho (2011), os conflitos podem surgir de três diferentes formas:

2. **Indivíduo – indivíduo:** que se expressa pelo choque de personalidades, pela hostilidade, pela não cooperação ou até pela conspiração

3. **Indivíduo – função:** manifesta-se pelo desempenho eficiente, por elevada tensão e ansiedade

4. **Indivíduo – grupo:** isolamento do indivíduo face ao grupo, pela falta de sintonia com o grupo, pelo relacionamento à margem do grupo (p.581).

Assim sendo, torna-se essencial compreender, em primeiro lugar, em que situações é que se verificam uma maior ocorrência de conflitos.

Segundo os entrevistados, é possível observar que os motivos que podem levar à ocorrência de conflitos podem ser muito variados. Alguns dos exemplos dados são por exemplo, (1) a partilha, que neste caso seria de um brinquedo ou de um material, (2) uma situação menos estruturada, que crie nas crianças alguma instabilidade ou insegurança, (3) o cansaço tanto físico como psicológico que pode levar a uma má gestão de emoções e sentimentos, (4) a falta de capacidade para comunicar desejos e opiniões, que podem ser diferentes e ainda (5) o contexto onde as crianças estão inseridas.

Já a psicóloga, tendo a mesma opinião que o técnico refere que “ As crianças mais pequenas têm dificuldade em partilhar e em colocar-se no lugar do outro, por isso muitos conflitos têm a ver com o egocentrismo próprio da idade. Consoante crescem ocorre principalmente em situações de recreio, onde têm mais liberdade e espaço para brincar, menos limites...” (L.46-49). Assim defendem que ocorrem em ambientes pouco estruturados e de maior liberdade.

Tendo já analisado, as várias situações em que o desenvolvimento de um conflito é mais propício, na primeira infância, torna-se importante agora verificar algumas das estratégias mais utilizadas, por vários intervenientes na área infantil que tendem promover a afetividade e a resolução de problemas.

Segundo as educadoras entrevistadas, é possível recolher um ou mais exemplos de como cada uma tenta desenvolver a afetividade e resolver os problemas:

“...através de jogos e dando-lhes também as ferramentas de forma a eles conseguirem resolver os problemas através do diálogo...” (L.55-56 – Sala 1);

“...pela minha prática, com conselhos e por vezes com afetividade...” (L.140-141 – Sala 2);

“...tento sempre dar exemplos” (L.143-144 – Sala 2);

“...entrar como mediadora e fazer-lhes perceber que há vários pontos de vista...”  
(L.77-78 – Sala 3);

“Pelo diálogo...” (L.66 – Sala 4);

“...e a partir da conversa” (L.86 – Sala 5);

“Eu tento que a criança converse, que escute, converse com o outro, que escute o outro e tento que a criança se ponha no lugar do outro” (L.72-73 – Sala 6).

Através da análise das respostas, a estratégia mais destacada por todas as educadoras é o diálogo/conversa, sendo que, a partir da mesma é possível que a criança aprenda a escutar, a se colocar no lugar do outro e ainda seja capaz de transmitir o seu ponto de vista e sentimentos.

Segundo o técnico refere como sendo muito importante, “ouvir, ouvir primeiro... não primeiro não, primeiro eu não sou dono da razão eu não tenho a verdade absoluta, segundo eu só posso controlar a mim mesmo, terceiro eu não sei o que vai na cabeça do outro e nem quero adivinhar. Muito importante, não sei nem quero adivinhar, quarto ouvir e por último negociar, a ouvir ou negociar a entender e depois atuar.” (L. 471-475)

Para a psicóloga, o adulto, de forma a promover uma resolução eficaz do conflito deverá apresentar um papel de mediador, ou seja, segundo autores como, Jares (2002) e Munné e Mac-Cragh (2006), ainda que imparcial deve apresentar características como dinamismo e preocupação pelos outros, humildade e prudência, independência e ainda paciência e capacidade de resistência que todo o processo pode originar (Janes, 2014), referindo que:

“O adulto pode aconselhar a criança, mas não se meter, até porque muitas vezes agrava uma situação que iria resolver-se naturalmente, o que muitas vezes acontece quando os pais se envolvem em demasia em conflitos que ocorrem na escola, acabando por os agravar com queixas e acusações” (L.84-88);

“O adulto deve sempre ouvir ambas as partes e ser empático com ambos, o que não significa desculpabilizar” (L.104-105);

“Tentar que cada uma das partes perceba a perspetiva da outra, que procurem estratégias ou soluções para resolver o conflito...” (L.106-108);

“Podemos pedir ao grande grupo, turma que debatam sobre a situação, avaliem o problema, analisem situações hipotéticas, dramatizem situações, troquem de papéis” (L.113-115).

Segundo Uranda (1998), a mediação nas escolas é utilizada na resolução de conflitos por ser um método muito eficaz e construtivo, apresentando como aspetos positivos alguns dos seguintes: (1) Um ambiente mais descontraído e produtivo; (2) Ajuda a reconhecer e a dar valor aos sentimentos, interesses, necessidades e valores não só próprios como dos outros; (3) Estimula o desenvolvimento de atitudes cooperativas; (4) Contribui para o desenvolvimento do diálogo e não a violência na resolução do conflito; (5) Contribui para as relações interpessoais (Jesus, 2012).

### **1.5.3. Identificar quais os vocábulos recorridos pelos entrevistados para definir afetividade e conflito.**

Definir Afetividade, como já foi referido anteriormente, revela-se uma tarefa difícil, sendo que este é um conceito polissémico, ou seja, apresenta uma variedade de sentidos, revelando muitas vezes distinções pouco claras, em relação à emoção, sentimentos e paixão. Tal como a definição de afetividade, também a definição de conflito para os entrevistados foi um ponto que também suscitou alguma reflexão mas que ainda assim mostrou que todos se apoiavam nas mesmas ideias.

Assim, relativamente à análise feita às respostas dadas, foi possível observar que todas concordam que o conflito surge durante uma disputa ou um confronto, quer de opiniões ou vontades, quer de objetos, que leva a uma sensação de mal-estar e que pode originar uma discordância ou um impasse. Além disso, é retirado da análise que o conflito surge de uma má gestão de emoções e sentimentos, quer do locus interno quer do locus externo e que muitas vezes é feita através de agressões físicas ou verbais e não utilizando a forma mais correta que é, segundo todos os entrevistados é feita, através da conversa.

O conflito pode ser positivo se através do diálogo chegarem a um acordo comum e respeito pelas diferenças ou negativo caso parta para ações ou relações verbais ou físicas. Já em relação à afetividade, é a capacidade de experimentar afetos quer sejam



positivos quer negativos. A afetividade engloba sentimentos e atitudes e é necessário que cada um de nós os compreenda e aprenda a reagir de forma adequada. Ao analisar as respostas dadas à questão da afetividade, é notório que todos os entrevistados consideram a afetividade, não só como sendo a base tanto da profissão, bem como da confiança, do respeito e de todas as relações criadas. A criação de laços afetivos, segundo as educadoras, quer entre adulto-criança, quer criança-criança promove segurança, essencial para um bom ponto de partida para o desenvolvimento de trabalho na sala de atividades quer para o próprio desenvolvimento da criança, emocional e intelectual. Segundo os mesmos, as demonstrações de afetividade podem ser manifestações tanto verbais como não-verbais, onde podem ser transmitidos sentimentos e sensações, por exemplo, através de uma troca de afetos, como com um beijo, um abraço ou até mesmo o ralar.

#### **1.5.4. Compreender a partir das representações dos atores, até que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças.**

Como referido já anteriormente, de forma a responder à questão “A partir de que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças?”, segundo Vieira e Amando (s.d.), “(...) uma situação de diferença de critério, de interesses ou de posição pessoal que ocorre em qualquer contexto de interação. Nesse sentido, os conflitos em si mesmos não são fenómenos negativos, mas o que há a evitar é que eles progridam, pois se forem mal resolvidos, poderão evoluir no sentido da agressão e de outras manifestações de violência” (Janes, 2014, p.62).

Assim sendo, é importante distinguir conflito e agressão, sendo que agressão corresponde a um “comportamento cujo objetivo é magoar outra pessoa ou pertences que pretende (para si), enquanto o conflito é especificado como um estado de resistência ou oposição entre, pelo menos, dois indivíduos” (Sobral, 2007, p.53).

Além deste problema, no futuro, caso não se verifique uma resolução plena dos conflitos que vão surgindo, a criança poderá desenvolver problemas como uma baixa autoestima e problemas de socialização.

Para as educadoras, o conflito não é um problema quando nos ajuda a conhecemo-nos e a evoluir, apenas o é quando há uma má gestão do mesmo e consequentemente uma incontrolável frustração. Assim sendo, são da opinião que deve haver conflito e que é importante, para o crescimento da criança, desde que este não seja em demasia.

Também para a psicóloga, partilhando ideias semelhantes ao técnico refere que o conflito torna-se um problema “ Quando estes não são monitorizados pelos adultos ou quando não são dadas as estratégias adequadas para a sua resolução, originando uma escalada nos conflitos e o uso de estratégias pouco eficazes e negativas como a agressividade e a rigidez de pensamento.” (L.72-75)

#### **1.5.5. Conhecer qual a importância atribuída, pelos entrevistados, na utilização da afetividade para a resolução de conflitos.**

À semelhança do que foi respondido anteriormente, as educadoras consideraram a afetividade como sendo a base de tudo. Defendem que através de uma relação baseada nos afetos é possível formar crianças mais seguras e capazes de compreender melhor tanto os seus sentimentos como os das restantes pessoas que os rodeiam, facilitando muitas vezes a resolução de conflitos e consequentemente promovendo um melhor ambiente de trabalho na sala de atividades e um melhor desenvolvimento de todas as crianças. É importante para todos, quer crianças quer adultos sentirmo-nos amados.

Retomando um dos seus exemplos já dados, o técnico refere que “ (...) o seguro, é o estruturar-me a mim mesmo para depois poder oferecer estrutura. O tal radar do morcego que bate e volta, porque depois eu só vou ter que me... é que as coisas estão mal pensadas é que se eu oferecer estas coisas boas se eu oferecer tolerância, se eu oferecer saber ouvir, o respeito é assim que eu vou ser tratado e por tanto tudo se vai estruturar para ser melhor.” (L. 558-562)

Além disso, refere ainda que “É muito importante para a afetividade, para a nossa afetividade venha de uma família.” (L. 566-567)

Desta forma, segundo o Ministério da Educação “A família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da

mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas” (ME, 1997, p.43).

No que respeita à articulação escola-família as respostas apresentadas pelas educadoras foram ao encontro das minhas expectativas, visto que ao longo do ano foi visíveis as várias tentativas de “chamar” à participação de diversas atividades. Assim, todas as educadoras referiram ser importante existir articulação entre as escolas e as famílias, visto ser mais facilmente possível verificar comportamentos e atitudes e atuar de forma uníssona para uma resolução do problema de forma mais eficaz. Contudo, tendo em conta que a família apresenta um papel crucial no desenvolvimento e educação da criança, ou seja, são modelos constantes, as mesmas ao verificarem, por exemplo, que ninguém em casa resolver os conflitos com base no diálogo, esta automaticamente aplicará o mesmo modelo e desta forma torna-se mais difícil a alteração do comportamento e realizar uma relação de parceria para um desenvolvimento pleno da criança.

Segundo a psicóloga, a família, juntamente com a escola, articuladas, são capazes de ajudar a desenvolver, de melhor forma a criança, visto que desta forma existe a possibilidade de compreendê-la como um “todo” e adequar estratégias para que as medidas sejam tomadas em conformidade, tornando-se um ambiente mais seguro para a criança.

Por último, segundo a mesma, respondendo à questão da importância dos afetos para a resolução dos conflitos, refere que as crianças aprendem com o exemplo dos adultos, uma criança criada num ambiente positivo aprende esses mesmos afetos positivos e torna-se capaz de transmiti-los, enquanto uma criança num ambiente oposto necessita por vezes mais de afeto e ajuda para encontrar formas de obter o que pretende.



#### IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída esta investigação, será apresentado não só uma análise reflexiva de todo o procedimento bem como alguns aspetos que considero relevantes para uma boa prática educativa como educadora de infância.

O principal objetivo desta investigação foi compreender as representações de vários agentes educativos sobre qual o papel da relação de afetividade estabelecida pelo educador de infância com as crianças na resolução de conflitos na educação pré-escolar e de um modo geral as respostas foram ao encontro do que era esperado.

Esta problemática tornou-se claramente visível desde os primeiros dias, ao observar diversas situações de pequenos conflitos e pela forma a que as crianças respondiam conforme a atitude do mediador.

a criança, ao observar que o educador apresenta qualidades como ser paciente, dedicado, prestável, que fomenta uma atitude democrática, predispõe-se mais facilmente a aprender. No sentido oposto, o autoritarismo e o desinteresse podem levar a criança a perder a motivação e o interesse por aprender” (Filliozat, 2001; citado em Sousa, 2013, p. 15).

No final da PES em JI, senti que aprendi uma imensidão de novas competências e saberes, que contribuíram diariamente para o meu desempenho profissional e igualmente, se não mais importante senti que dei o melhor de mim ao grupo de crianças que me acompanhou e que elas sentiram tudo o que lhes quis passar. A ligação criada entre mim e as crianças, ainda que não tenham sido realizadas atividades especificamente dedicadas ao tema, foi essencialmente baseada no uso da afetividade, o que me possibilitou ao longo do tempo ir conhecendo cada vez melhor o grupo e adequar cada vez mais e melhor as estratégias utilizadas para a transmissão de conhecimentos e resolução de conflitos.

Os educadores que gerenciam bem suas emoções transmitem equilíbrio, tranquilidade e objetividade. Falam com tom calmo, e quando discordam, o fazem sem agredir nem humilhar. Os alunos captam claramente as mensagens e mesmo quando não concordam, manterão o vínculo afetivo, o relacionamento e continuarão abertos para novas mensagens. (Moran, 2012, p.2)

Hoje, ao fazer uma breve reflexão, vejo e compreendo que ser educador é ser portador de uma grande responsabilidade. Ser educador é ser capaz de orientar cada criança para novos caminhos e descobertas, dando o seu apoio, sempre que necessário, é ser uma figura de referência, com quem a criança se sinta segura e amada, é ser por vezes uma extensão da família de cada um.

Estar numa sala de JI, não foi uma nova experiência, ainda assim, deparei-me com algumas dificuldades, que ao longo deste percurso ainda não tinham surgido. Contudo, como em várias situações da nossa vida, foi crucial, toda a teoria que me foi transmitida ao longo destes quatro anos assim como o apoio de toda a comunidade escolar, na qual estava inserida que frequentemente partilhavam as suas experiências e estratégias, enquanto profissionais que serão muito úteis na minha prática educativa. Igualmente importante a confiança em mim própria levou-me a acreditar que cada obstáculo era apenas mais um passo para uma nova aprendizagem, de forma a tornar-me melhor profissional.

Uma das dificuldades com que me deparei foi a gestão de um grupo tão grande de crianças, sendo ele muito heterogéneo a nível de género e idades. O grupo era constituído por vinte e cinco crianças, com idades compreendidas entre os três e os seis anos, havendo ainda uma criança com necessidades educativas especiais. Ainda sabendo que a heterogeneidade pode ser benéfica para as crianças, sendo que, numa turma heterogénea o apoio das crianças mais velhas pode ser um grande estimulador no processo de aprendizagem da criança que partilha saberes e conhecimentos, a realização de atividades diversificadas tornava-se por vezes difícil de gerir a nível de tempo.

Contudo, como anteriormente referido, o apoio de todos e com o conjunto de ferramentas e conhecimentos que o mestrado me foi oferecendo, fui sendo capaz de ultrapassar essa dificuldade de forma progressiva.

Passando agora um pouco às conclusões que fui tirando com a realização desta investigação, ao conseguir responder aos vários objetivos a que me propus, em forma de síntese compreendi que:

... o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto.

... a afetividade é a base de tudo.

... conflito é diferente de agressão.

... deve haver conflito e que é importante, para o crescimento da criança, desde que este não seja em demasia.

... uma não resolução plena dos conflitos pode desenvolver na criança problemas como uma baixa autoestima e problemas de socialização.

... através de uma relação baseada nos afetos é possível formar crianças mais seguras e capazes.

... as famílias, juntamente com as escolas, articuladas, são capazes de ajudar a desenvolver, de melhor forma a criança.

Assim sendo, ao nível da relação pedagógica, o educador deverá:

relacionar-se com as crianças por forma a favorecer a necessária segurança afectiva e a promover a sua autonomia; [...] [fomentar] a cooperação entre as crianças, garantindo que todas se sintam valorizadas e integradas no grupo; [...] [envolver] as famílias e a comunidade nos projectos a desenvolver; [...] [apoiar] e fomentar o desenvolvimento afectivo, emocional e social de cada criança e do grupo; [...] [estimular] a curiosidade da criança pelo que a rodeia, promovendo a sua capacidade de identificação e resolução de problemas; [...] [e] [promover] o desenvolvimento pessoal, social e cívico numa perspectiva de educação para a cidadania. (Ministério da Educação, 2001, pp. 4 e 5).

Em suma, após alguma reflexão feita ao longo de todo o trabalho, percebi que ainda tenho muito que aprender. Sendo que a entrada no mundo do trabalho nem sempre será fácil, decidi realizar um período de tempo indefinido, voluntariado numa creche, de forma a poder aprender e estar cada vez mais à altura de todos os desafios. Pela satisfação pessoal, pela motivação que tenho, em querer dar o melhor de mim e permitir que a maior quantidade possível de crianças seja tão feliz como eu fui, sou e pretendo continuar a ser, espero então ser educadora de infância.

“A maior recompensa do nosso trabalho não é o que nos pagam por ele, mas aquilo em que ele nos transforma”. (John Ruskin, s.d.)





## V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros

- Almeida, A. (2004). *A emoção na sala de aula*. São Paulo: Papirus Educação
- Barata, S. (2014). *A Importância da Afetividade na Relação Pedagógica*. (Relatório da Prática Pedagógica Profissional Supervisionada). Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa
- Batista, D. (2014). *O Papel do Adulto na Resolução de Conflitos entre crianças do Jardim-de-infância*. (Relatório da Prática Pedagógica Profissional Supervisionada). Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa
- Cunha, E. (2008). *Afeto e Aprendizagem: Relação de amorosidade e saber na Prática Pedagógica*. Rio de Janeiro: Wok
- Goleman, D. (1996). *Trabalhar com Inteligência Emocional*. Lisboa: Círculo de Leitores
- Henriques, A. (2014). *A criança como ator na resolução de conflitos interpessoais*. (Relatório da Prática Profissional Supervisionada). Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa do Instituto Politécnico de Lisboa
- Hohman, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Homem, M. (2002, 1ª Edição). *O Jardim de Infância e a Família. As fronteiras da cooperação*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional
- Janes, A. (2014). *A resolução de conflitos enquanto aprendizagem social das crianças*. (Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do Primeiro Ciclo do Ensino Básico). Évora: Departamento de Pedagogia e Educação da Escola de Ciências Sociais da Universidade de Évora
- Jesus, C. (2012). *Gestão de Conflitos na Escola*. (Relatório Final). Beja. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Beja

Jesus, H.; Neves, A. (s.d.). *Cadernos de Apoio à Formação: 2: Relação Escola – Aluno – Família. Educação Intercultural – Uma Perspectiva Sistémica*. Porto: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acime)

Katz, L. (2007). *Perspetivas atuais sobre a aprendizagem na infância*. In: *Saber e educar, II Edição*. Porto : ESEPF

Marujo, H; Neto, L.; Perloiro, M. (2005, 4ª Edição). *A Família e o Sucesso Escolar – Guia para pais e outros educadores*. Lisboa: Editorial Presença

Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação

Sobral, C. (2007). *Gestão de Conflitos: A educação de infância como mediadora de conflito do quotidiano pré-escolar?* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Sousa, S. (2013). *A Afetividade do Educador na Promoção de Atitudes de Inclusão no Contexto da Educação Pré-Escolar*. (Dissertação de Mestrado em Educação Especial – Intervenção Precoce na Infância). Porto: Universidade Fernando Pessoa

## Fontes

APEI, A. d. (s.d.). Carta de Princípios para uma Ética Profissional. Recuperado em 01 de fevereiro de 2016. Disponível em: Obtido de APEI: <http://apei.pt/upload/ficheiros/edicoes/carta%20etica-%20final.pdf>

Conde, A. (2009). *Entrevista Semi-estruturada*. Recuperado em 08 de julho de 2015. Disponível em: <http://metodologiasua.blogspot.pt/2009/12/entrevista-semi-estruturada.html>

Decreto-Lei n.º5/97 de 10 de fevereiro. Diário da República, nº34 – I Série A. Ministério da Educação. Lisboa (Lei Quadro da Educação Pré-Escolar)

Moran, J. (2012). *A afetividade na relação pedagógica*. Recuperado em 08 de julho de 2015. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao\\_inovadora/afetividade.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_inovadora/afetividade.pdf)

Primi, R. (2003). *Inteligência: Avanços nos Modelos Teóricos e nos Instrumentos de Medida*. Recuperado em 06 de junho de 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v2n1/v2n1a08.pdf>

Roca, M. (2006). *O Educador de Infância e a sua ação Pedagógica na Atualidade*. Recuperado em 06 de junho de 2015. Disponível em: [http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd\\_viseminario/trabalhos/eixo\\_tematico\\_1/o\\_educador\\_da\\_infancia.pdf](http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_1/o_educador_da_infancia.pdf)



## **VI - ANEXOS**



## **ANEXO A - GUIÃO DE ENTREVISTA ÀS EDUCADORAS**





Blocos Temáticos	Objetivos	Formulário de questões
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	<p>Motivar o entrevistado;</p> <p>Informar sobre o trabalho em curso e o objetivo da entrevista;</p> <p>Assegurar o carácter confidencial e anónimo dos dados Pedir autorização para gravação áudio.</p>
Educadoras	Caracterizar o percurso profissional das educadoras	<p>Há quanto tempo exerce as funções de educadora?</p> <p>Há quanto tempo trabalha nesta instituição?</p>
Instituição	Conhecer a instituição e a inserção da educadora nesta	O que pensa da forma como funciona esta instituição?
Grupo	Caracterizar as crianças enquanto grupo;	Na sua opinião como caracteriza este grupo, em termos gerais e a nível de disciplina e comportamento?
Noção de conceitos básicos	Conhecer a opinião do educador cooperante sobre a noção de conflito e de afetividade	<p>Na sua opinião, qual a definição de conflito?</p> <p>Na sua opinião, em que consiste o conflito?</p> <p>Na sua opinião, qual a definição de afetividade?</p>

		Na sua opinião, em que consiste a afetividade?
Os conflitos entre as crianças	Conhecer a opinião do educador cooperante sobre a ocorrência de conflitos e a sua importância	<p>Porque pensa que ocorrem os conflitos entre crianças? Na sua opinião, em que ocasiões ocorrem maioritariamente?</p> <p>Considera os conflitos importantes para o desenvolvimento social/moral das crianças? Porquê?</p> <p>A seu ver, a partir de que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças?</p> <p>Qual a importância, na sua opinião, de serem as crianças a resolverem os conflitos por si?</p>
Papel do adulto na gestão de conflitos	Conhecer a opinião do educador cooperante sobre o papel do adulto na gestão de conflitos	<p>Tem alguma estratégia, com base em algum referencial teórico para a resolução de conflitos ou é fruto da sua experiência? (Piaget ...)</p> <p>Como ajuda a resolver as situações de conflito entre as crianças?</p>

		<p>Desvaloriza alguma situação de conflito? Qual ou quais?</p> <p>Tentar promover o diálogo entre as crianças envolvidas no conflito? De que forma?</p>
Afetividade do adulto na gestão de conflitos	Conhecer a opinião do educador cooperante sobre a afetividade do adulto na gestão de conflitos	<p>Considera importante o uso da afetividade para a resolução de conflitos? Porquê?</p> <p>Qual a importância da afetividade do adulto para a criança?</p>
Articulação Escola-Família		<p>Considera importante a articulação escola-família? Em que sentido?</p> <p>E a articulação escola-família na resolução de conflitos?</p>



**ANEXO B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS  
ÀS EDUCADORAS**



## Transcrição da Entrevista - Sala 1

1 **Entrevistador** - Esta entrevista surgiu no âmbito da minha tese que passa pela  
2 importância da afetividade do educador na gestão de conflitos, esta entrevista será  
3 confidencial e anónima, dá-me autorização para gravar?

4 **Educadora (Ed.)** - Sim senhora.

5 **Entrevistador** - Então a primeira questão serve para caraterizar o seu percurso  
6 enquanto educadora e assim sendo há quanto tempo é que exerce essas funções?

7 **Ed.** - 26 Anos. Quase 27.

8 **Entrevistador** - E há quanto tempo é que trabalha nesta instituição?

9 **Ed.** - Há 5.

10 **Entrevistador** - Consecutivos?

11 **Ed.** - Sim, quase 6.

12 **Entrevistador** - De forma a conhecer o seu parecer sobre a instituição, o que é que acha  
13 do seu funcionamento?

14 **Ed.** - Acho que funciona bem. Há sempre pontos a melhorar, claro, coisas que  
15 funcionam um bocadinho melhor outras que podemos vir a melhorar, mas acho que  
16 funciona bem, a equipa de trabalho funciona muito bem e isso é fundamental para que o  
17 trabalho se desenvolva também bem. Mas em termos gerais funciona bem. Não é ótimo  
18 mas funciona bem.

19 **Entrevistador** - Na sua opinião, como é que carateriza o seu grupo, em termos gerais, a  
20 nível de disciplina, comportamento... e também se quiser referir a nível geral do J.I.  
21 também pode...

22 **Ed.** - O meu grupo este ano, a nível do comportamento é um grupo estável, é um grupo  
23 que tem adquirido determinadas regras do saber estar na sala e com os outros e não há  
24 nada assim a referir a nível do comportamento e da disciplina. A nível do jardim-de-  
25 infância também este ano não há assim situações graves de disciplina. Como disse a  
26 nível de comportamento e disciplina este ano estão estáveis mas não quer dizer que para  
27 o ano não possa haver um ou dois elementos num grupo que destabilizam depois os

28 outros grupos e nota-se nos recreios, no refeitório, isso tudo e temos tido anos muito  
29 complicados a nível da disciplina e do comportamento quando crianças que são bastante  
30 agressivas com os outros e com os adultos e isso manifesta-se depois também a nível  
31 geral da instituição.

32 **Entrevistador** - Sendo que a minha tese passa pela gestão de conflitos através da  
33 afetividade é importante conhecer a sua opinião sobre a noção de conflito e de  
34 afetividade. Assim sendo, qual é a sua opinião sobre a definição de conflito? E em que é  
35 que consiste?

36 **Ed.** - Pois, é a minha. **(Risos)** O conflito é quando há uma agressão que pode ser verbal  
37 ou física, em que é essencialmente.... No que consiste o conflito... é quando as crianças  
38 neste caso as crianças não conseguem resolver de uma forma através da conversa  
39 situações de conflito entre elas. Desde partilha de objetos, mais nesta fase é a partilha a  
40 que eles levam a situações de conflito.

41 **Entrevistador** - E acerca da definição de afetividade e no que é que consiste?

42 **Ed.** - Pois, a afetividade é a relação que a pessoa consegue estabelecer com outra, uma  
43 relação afável, uma relação baseada no respeito, na parte também emocional e  
44 relacional da relação...

45 **Entrevistador** - E porque é que acha que ocorrem conflitos entre as crianças? Em que  
46 situações é que ocorrem maioritariamente?

47 **Ed.** - Pois, já respondi há bocadinho que é na partilha, considero que é mais nesse  
48 aspeto. Muitas vezes também e já me aconteceu aqui também ter eles não conseguirem  
49 resolver as situações de uma forma mais tranquila, através da conversa, através do  
50 diálogo, porque em casa também não tem um modelo de resolução de conflitos de uma  
51 forma mais adequada e então partem logo muitas vezes para a agressividade e o  
52 confronto físico, e já me aconteceu uma criança que se relacionava com os outros e  
53 chamava a atenção das outras crianças sempre com a agressão física.

54 **Entrevistador** - Então considera importante, e tenta sempre promover o diálogo com as  
55 crianças... e tenta fazer isso de que forma?

56 **Ed.** - Sim, através de jogos e dando-lhes também as ferramentas de forma a eles  
57 conseguirem resolver os problemas através do diálogo. E eu tenho um jogo na sala que  
58 tem a ver, que são uma série de cartões em que são colocadas determinadas questões



59 como “Um amigo ta triste como é que se consegue consolar o amigo?” Pronto há uma  
60 serie de situações desde, “Queres o brinquedo que o amigo tem. Como é que vais pedir?  
61 Tiras da mão? Como é que...” Pronto, e através deste jogo vão interiorizando como é  
62 que se pede alguma coisa que o amigo tem...

63 **Entrevistador** - Saber agir...

64 **Ed.** - Saber agir de uma forma mais adequada. E tipo um jogo com dado e eles vão  
65 lançando o dado e tirando, e eles gostam e depois no contexto de sala eles conseguem  
66 passar para o contexto de sala. Quando há uma situação até do início de conflito eu  
67 relembro “Como é que foi? Lembram-se como é que nós se pede ao amigo o brinquedo?  
68 Lembram-se como é que se para passar não se tem que empurrar o que e que se tem de  
69 fazer com o amigo?” Pedir com licença ou se faz favor e eles vão interiorizando estas  
70 aprendizagens que muitas vezes não trazem de casa e aqui sente-se um bocadinho isso.

71 **Entrevistador** - E considera os conflitos importantes para o desenvolvimento social e  
72 moral das crianças?

73 **Ed.** - Sim porque nós durante a nossa vida vamos tendo sempre que gerir conflitos, não  
74 é? O importante é porque vai haver sempre conflitos, nós vamos ter sempre algum  
75 conflito, o importante é gerirmos adequadamente esses conflitos e é a partir da infância  
76 que nós começamos a conseguir geri-los de uma forma mais adequada.

77 **Entrevistador** - E a partir de que momento é que acha que esses conflitos são um  
78 obstáculo para o desenvolvimento da criança?

79 **Ed.** - Quando os conseguem, deixam de os conseguir gerir de uma forma através do  
80 diálogo e passam muitas vezes para a agressão física.

81 **Entrevistador** - E já referiu que acha importante que as crianças resolvam os conflitos  
82 por si mas acha que o educador deve ter um... qual é o papel do educador nesse  
83 sentido?

84 **Ed.** - O educador deve intervir quando vê quando estão a chegar a um limite. Deve  
85 deixar que as crianças deixem, consigam gerir os conflitos entre elas sem intervir logo.  
86 Deixa-os primeiro resolver a situação e depois caso seja necessário intervir, mas é  
87 importante dar-lhes espaço para a resolução.

88 **Entrevistador** - E desvaloriza alguma situação de conflito?

89 **Ed.** - Às vezes...

90 **Entrevistador** - Quais?

91 **Ed.** - Aquelas coisas mais pequeninas, aquelas coisas, o conflito, quando tem um  
92 conflito que tem agressão física claro que não desvalorizo não é? Mas aqueles  
93 pequeninos conflitos da partilha dos lápis, da partilha as vezes desvalorizo se não  
94 estamos sempre a empolgar e a ter que intervir nesses pequenos conflitos e que não os  
95 deixa depois crescer para a resolução deles.

96 **Entrevistador** - Quando tem esse papel de mediadora na resolução de conflitos isso é  
97 fruto de algum referencial teórico ou é com base na sua experiencia?

98 **Ed.** - É essencialmente com base na minha experiencia e de acordo com as caraterísticas  
99 daquelas crianças também.

100 **Entrevistador** - Passando agora um pouco da... já referiu que considera importante o  
101 educador estar presente como mediador na resolução de conflitos mas acha que a  
102 afetividade contribui para essa resolução?

103 **Ed.** - Sim...

104 **Entrevistador** - Porquê?

105 **Ed.** - Porque... A afetividade por parte do adulto?

106 **Entrevistador** - Sim...

107 **Ed.** - Sim porque eu quando estou na resolução de um conflito tenho de manter ali uma  
108 relação afetiva com as crianças e tenho de ser o exemplo também não é? Não posso ter  
109 uma... não posso intervir de uma forma brusca porque se não, não estou a dá-lhes  
110 também uma, a imagem correta, e a afetividade é indispensável na relação...

111 **Entrevistador** - E acha que essa afetividade é importante para as crianças? Que elas  
112 sentem, que é importante para elas e que contribui?

113 **Ed.** - Sim, sim... **(Risos)**

114 **Entrevistador** - Passando agora um pouco para a articulação escola família...  
115 Considera que essa articulação é importante e que contribui para a gestão dos conflitos?

116 **Ed.** - Sim é importante... A relação escola família é sempre importante e na resolução  
117 de conflitos entre eles também. Até porque as famílias muitas vezes também não tem  
118 ferramentas para depois os ajudar em casa a resolver esses pequenos conflitos e nós não  
119 quer dizer que haja aqui nenhum... nenhuma técnica que olhe se fizer assim isto vai-lhe  
120 resolver a situação mas podemos ir dando pistas, como nós também vamos através da  
121 nossa ação tentar resolver as situações de conflito e muitas vezes as famílias precisam  
122 de algumas ferramentas para ajudar a resolver também os conflitos que eles tem em  
123 casa, os conflitos que tem com os irmãos, os conflitos, os pequenos conflitos que  
124 possam até haver entre pais e filhos e é importante. Claro que é.

125 **Entrevistador** - Então queria agradecer-lhe. Obrigada pela entrevista, e dou assim por  
126 concluída.

127 **Ed.** - Está feito. **(Risos)**



## Transcrição da Entrevista - Sala 2

1 **Entrevistador** - Boa tarde, esta entrevista surgiu no âmbito da minha tese que é sobre a  
2 importância da afetividade do educador na gestão de conflitos, dá-me autorização para  
3 que grave?

4 **Ed.** - Sim, com certeza.

5 **Entrevistador** -Então, a primeira questão serve para caraterizar o seu percurso  
6 profissional e gostaria de saber há quanto tempo é que exerce funções de educadora?

7 **Ed.** - Portanto, exerço funções de educadora há 23 anos.

8 **Entrevistador** - E nesta instituição há quanto tempo é que trabalha?

9 **Ed.** - Nesta instituição há seis anos.

10 **Entrevistador** - Consecutivos?

11 **Ed.** - Consecutivos.

12 **Entrevistador** - O que é que pensa sobre a forma que a instituição funciona?

13 **Ed.** - Eu penso que funciona muito bem, muito semelhante, passei por várias  
14 instituições, portanto públicas, do ministério da educação e funciona de igual modo às  
15 restantes instituições, portanto sempre com a componente letiva... com o mesmo  
16 número de horas de trabalho, variando só a hora de almoço. Há instituições que têm  
17 uma hora, outras têm uma hora e um quarto e outras uma hora e meia. Nós temos uma  
18 hora e um quarto de almoço. Fora isso, cada sala tem sempre uma educadora e neste  
19 momento acho que a nossa instituição, tal como algumas do ministério de educação têm  
20 uma educadora, uma assistente por sala que é muito bom, porque em muitas instituições  
21 por vezes já não há uma assistente operacional por sala o que eu não concordo porque é  
22 uma mais-valia ter uma assistente operacional porque só assim é que o trabalho  
23 funciona da melhor maneira.

24 **Entrevistador** - Quanto às crianças enquanto grupo qual é a sua opinião a nível de  
25 disciplina e comportamento, do seu grupo e depois se quiser referir sobre os grupos em  
26 geral do J.I.

27 **Ed.** - Eu pelo conhecimento que tenho das outras turmas, o meu é o grupo que tem um  
28 comportamento mais indisciplinado, são muito barulhentos, não cumprem muitas regras  
29 mas também e o grupo heterogêneo, como são todos, mas e o grupo que esta mais,  
30 apesar de ser heterogêneo que não é tão uniforme. Porque é assim, a maior parte dos  
31 grupos têm a mesma quantidade de meninos e de meninas. O meu grupo não tem 16  
32 rapazes, portanto 16 rapazes e 8 meninas. Logo o grupo esta muito destabilizado e foi  
33 um grupo que também tem muitos meninos de 3 anos.

34 **Entrevistador** - E sendo que a minha tese passa um pouco pelos conflitos e pelos afetos  
35 acho, que seria importante perceber qual e a sua definição sobre o que é e em que é que  
36 consiste o conflito.

37 **Ed.** - Para mim o conflito em sala de aula e por vezes, há vários tipo de conflito, e o  
38 conflito de eles quererem ter um brinquedo e não saberem pedir, querem e querem e  
39 querem e querem e puxa e tira e empurra e isso surge logo ali um conflito, não sabem  
40 muitas vezes dizer “eu quero isso, podes-me emprestar se faz favor” olha ou então se  
41 eles sozinhos não conseguem desenvolver portanto conseguir o seu objetivo que e obter  
42 aquele brinquedo ou obter qualquer coisa que o outro tenha deviam se dirigir ao adulto  
43 mas não eles fazem justiça um bocado por eles próprios “Eu quero!” o outro não dá é  
44 um empurrão, um encontrão, um arranhão e começa ali um grande conflito, mas a maior  
45 parte das vezes os conflitos que existem não é a nível de trabalho de sala é a nível de  
46 adereços, por exemplo na casinha um quer as botas e outro também as quer, ou quer  
47 aquelas botas, porque às vezes há muitos ou outro quer aquela chávena porque acha  
48 aquela chávena quando há muitas mais, mas pronto é uma fixação num objeto num  
49 brinquedo num jogo e todos querem o mesmo e é isso que gera conflitos, porque a nível  
50 de distribuir as crianças por áreas eles sempre têm opção de escolha e sempre que são  
51 distribuídos e seguindo a opção de escolha, pode haver uma vez, ou outra que agente  
52 diga “vai lá um bocadinho vai lá, anda lá tens que ir” porque há crianças por exemplo se  
53 recusam em ir para a casinha que são muito tímidas e na casinha e um sitio onde tem de  
54 haver muita interação, eles têm que comunicar naquele pequeno grupo, têm que  
55 partilhar os utensílios da cozinha têm de fazer de conta que vão comer, tomar pequeno-  
56 almoço, que se vestem que têm filhos, essas brincadeiras deles na casinha das bonecas e  
57 há crianças tímidas que por vezes não querem ir para a casinha, preferem ficar na área  
58 dos jogos porque poem o seu joguinho na frente começam a jogar e tão ali e não  
59 interagem com ninguém ou nos jogos de chão da mesma maneira ou na plasticina e a

60 casinha por vezes as crianças muito tímidas a recusar e aí temos de ser educadores  
61 observadores e estimular o vai e vai mas a maior parte do tempo eles é que fazem as  
62 opções e nisso não surge nenhum conflito eles vão livremente... o conflito é mesmo o  
63 eu quero eu quero eu quero eu quero, são muito egocêntricos e portanto surgem muitos  
64 conflitos.

65 **Entrevistador** - E qual é a sua opinião sobre a definição de afetividade e no que é que  
66 consiste?

67 **Ed.** - Para mim a afetividade é a base da nossa profissão (Risos) não há dúvidas... É  
68 assim, se nós não conseguimos conquistar uma criança pelo através do carinho da  
69 atenção o saber ouvir o saber tocar, nos educadores temos de saber tocar e saber fazer  
70 uma festinha na mão é saber pegar um bocadinho ao colo e encostar a nós, sentirmos.  
71 Eles dar um beijinho, não é preciso andar sempre, mas é preciso eles saberem... A  
72 afetividade é a base da confiança e se houver confiança todo o trabalho se desenvolve  
73 com amor tudo se consegue. Eu acho, a afetividade é um bocadinho do nosso amor para  
74 as nossas crianças, eles têm que sentir a afetividade e a ligação eles têm que se sentir  
75 seguros, têm que sentir qualquer coisa eles têm que sentir... **(Suspiro)** ... “eu estou bem  
76 ao pé dela, eu confio nela eu posso falar eu posso.” Se não temos aquela afetividade eles  
77 não estão seguros e aí o que é que acontece? Acontece que podem ter um problema,  
78 podem querer fazer uma coisa não estar a perceber e não dizem porque tão ficam muito  
79 acanhados ficam tímidos e surgem muitas dúvidas, se houver afetividade aquela relação  
80 de professor aluno, educador aluno, e tudo se resolve. A afetividade é essencial na nossa  
81 profissão é a base do desenvolvimento da criança.

82 **Entrevistador** - E porque é que acha que ocorrem os conflitos. Já referiu que é  
83 maioritariamente nas áreas nas áreas e não em trabalho mas acha que esses conflitos são  
84 importantes para o desenvolvimento da criança socialmente e moralmente?

85 **Ed.** - É assim eu acho que são importantes, mas também acho que aqui é em demasia  
86 porque muitas crianças hoje em dia não sabem ouvir e não sabem ouvir e não sabem  
87 estar são importantes porque aprendem nos através dos conflitos eles conseguem  
88 perceber que têm que saber esperar saber pedir têm que saber dizer as palavras que aqui  
89 no jardim, chamas por favor não te importas, por favor podes-me dar, por favor podes-  
90 me emprestar, o outro dá, obrigada, eu daqui a um bocadinho já te dou, está bem? E que  
91 há tempos e que as coisas pertencem sempre a alguém ou a algum lado. Isso é

92 importante mas por outro lado acho que aqui neste meio do BPC existem conflitos  
93 demasiados, porque nós andamos todo o ano educadoras a debater isto e chegamos ao  
94 final do ano letivo e muitas crianças ainda não têm, ainda não têm adquiridos os  
95 conhecimentos e continuam sempre que querem alguma coisa a não saber por favor  
96 empresta-me por favor dá-me por favor ou pedir ao adulto eu queria aquilo ele não me  
97 dá, podes pedir se ele me empresta? Não... Eles fazem justiça pelas próprias mãos. Mas  
98 eu acho que um bocado disto é influencia aqui também do meio familiar que têm,  
99 muitos deles também são famílias monoparentais, outros os pais trabalham com  
100 horários muito alargados, eles estão muito tempo nas AFF'S e depois vão com avós tios  
101 vizinhos e quer dizer, e andam ali sempre no jogo do empurra e tentam a sorte sempre  
102 com esta família e com aquela... conheço meninos que por exemplo um dia vão com a  
103 tia e dizem oh tia por exemplo quando saem daqui eu quero um gelado, a tia dá, ou  
104 outro dia vão com a mãe oh mãe quero um gelado, a mãe não sabe que a tia deu e vai  
105 dar, ou outro dia vai com outra tia e pede e depois conseguem sempre tudo o que porque  
106 vão variando e não encontram ali nenhuma dificuldade, e como esses meninos também  
107 têm ali

108 Pronto os pais a família não é sempre os mesmos e não dá apoio a 100% o que é que  
109 acontece todos vão cedendo um bocadinho e eles pensam que na escola é o mesmo  
110 sistema ah eu quero vou ter eu quero vou ter e não é mas moralmente acho que isso não  
111 é muito bom resolver as coisas muitas vezes só pela força e eles aqui estão habituados a  
112 resolver um bocadinho as coisas, assim pela força, empurrão, à discussão.

113 **Entrevistador** - Considera então que o conflito pode constituir um obstáculo para o  
114 desenvolvimento da criança quando ela não tem esse apoio?

115 Sim constitui sempre primeiro constitui porque se ela não tem adquirido as  
116 competências necessárias do eu quero, eu posso, ou obrigado logo se não adquiriu essas  
117 competências aqui no jardim-de-infância já ta logo ali com um atraso em relação a  
118 outras crianças que as adquiriram e depois isso pode-lhe trazer vários problemas ao  
119 longo da vida. Imagine vai para ali para o primeiro ciclo para uma escola de primeiro  
120 ciclo a criança já não tem aquelas regras, aquelas as competências incutidas o que vai  
121 acontecer chega lá vai utilizar o mesmo sistema, através da força, através do puxão,  
122 através da birra isso vai fazer o quê, vai fazer que se apanhe um mais forte vai haver um  
123 conflito gravíssimo isso em nós é mau, no jardim-de-infância mas no primeiro ciclo é



124 muito mais grave. Já tem parte disciplinar o que pode fazer que uma criança fique em  
125 casa, perde aulas logo para a sua formação é mau. É mau para a sua formação pessoal e  
126 é mau para formação a nível de competências pedagógicas de aprendizagem

127 **Entrevistador** - E acha importante, as crianças resolverem os conflitos por si?

128 Acho importante desde que seja com regras, agora, da maneira que muitos os resolvem,  
129 uma vez sinto, duas também, mais...já não acho se da primeira vez ele reage assim um  
130 bocado com temperamento agressivo é chamado à atenção, é explicado que não pode  
131 ser assim e melhora, acho que sim agora da maneira que eu pelo menos falo da minha  
132 sala, tenho meninos que não conseguiram adquirir essas competências ao longo do ano  
133 e ainda agora quando querem uma coisa é pelo puxão, é pela ou das ou, é pela lei do que  
134 tem mais força. Puxa, puxa, puxa até o que tem mais força fica, isso eu não acho bem.

135 **Entrevistador** - E por exemplo, para resolver esses conflitos que existem, utiliza algum  
136 referencial teórico ou a maneira como o resolve tem a ver com a sua experiencia?

137 Tem haver um bocado com a minha experiencia e tem a ver com casos concretos da  
138 vida real. Explico, então achas, eu, por exemplo quando eu quero alguma coisa o que é  
139 que eu digo à Sara “Oh Sara, não se importa de me fazer?”. Quando a Sara me dá  
140 alguma coisa o que é que a Anabela diz... Tu dizes obrigado. Exatamente. Quando eu  
141 digo “Oh Sarinha pode-me dar isto, eu digo sempre pode-me dar, obrigado”. “Já me  
142 viram bater à Sarinha? Não, pois não então nós partilhamos as coisas. Não partilhamos  
143 as canetas, a régua, os materiais? Sim e viram-nos puxar as coisas? Não”. Eu tento pela  
144 minha prática, com conselhos e por vezes com afetividade por um em cada perna e  
145 conversar com eles e depois fazer, ajuda-los a entender e depois dar o abraço da  
146 amizade, ou o beijinho da amizade e pronto atenção meus amigos isto nunca mais vai  
147 acontecer tento sempre dar exemplos.

148 **Entrevistador** - Então acha que o diálogo é uma boa maneira de resolver os conflitos?

149 Sem dúvida, sem dúvida. Não é pegar na criança e vais pensar para aquela sala ou pegar  
150 na criança, vais ali e pensas na cadeirinha, na asneira que fizeste. Não. É conversar com  
151 ela, muito bem, e fazer, e perguntar “Achas que estás bem, achas que isto foi a atitude  
152 correta, achas que é assim?” e fazer a criança refletir, mas refletir, em conjunto, com  
153 conversa, conosco, com o adulto, não refletir sozinha. Por vezes, refletir sozinha leva a  
154 que a criança sinta-se angustiada, sinta-se frustrada e isso não pode ser...

155 **Entrevistador** - E desvaloriza alguma situação de conflito?

156 Sim, se for uma coisinha assim muito leve, às vezes, e que aquilo eu vejo e, um puxa e  
157 não me dá, e o outro, tá bem pronto, fica lá, depois dá-me... Não vou intervir assim.  
158 Uma coisa sem sentido. As crianças têm de se explorar um bocadinho e sentir-se  
159 também responsáveis pelas atitudes e pelos comportamentos. É claro que se for uma  
160 coisa grave...Não.

161 **Entrevistador** – Já referiu que considera os afetos muito importantes para a resolução  
162 de conflitos, considera também que é a base...

163 A base de tudo...

164 **Entrevistador** – Quer acrescentar mais alguma coisa, nesse sentido?

165 Eu acho que é assim... Nós educadoras estamos aqui para ajudar as crianças, para  
166 ensinar, mas mais que tudo, estamos para dar afetos. Cada vez mais as famílias dão  
167 menos afetos e nós somos um complemento, mas um complemento essencial na vida  
168 das crianças e das famílias, e nós por vezes, muitas das nossas crianças, têm na  
169 educadora, na assistente, na estagiária, aquilo que não têm em casa. O toque, o saber  
170 pegar, o saber ouvir... Muitos pais chegam a casa, chegam aqui, pegam neles, “Vá  
171 vamos embora, não sei o quê...”, chegam a casa, eles vão ver televisão, vão brincar para  
172 o quarto sozinhos, depois vão tomar banho, e vão comer e vão para a cama... E aqui nós  
173 sabemos ouvir, e acho que nós aqui apesar de termos, não termos nem um, dois, ou três  
174 como eles têm em casa, que a maioria das pessoas, das famílias têm, um dois, três  
175 filhos, há aí uma ou outra mais numerosa, nós aqui temos imensos miúdos na sala, mas  
176 conseguimos ouvi-los, conseguimos estar com eles, escutar uma criança é essencial,  
177 depois dar um toque, um carinho, o conforto é...

178 **Entrevistador** – E a criança sente essa afetividade...

179 Sente, sente sem dúvida. Sente, muitas vezes dizem “eu gosto tanto”, “aí, é tão bom  
180 falar”, “eu gosto tanto de ouvir uma história”, “eu gosto tanto de estar ao teu colo”, “eu  
181 gosto tanto de dar beijinhos”, “leva-me para a tua casa”, eles sentem... eles sentem  
182 quando nós somos afetivos, quando nós gostamos deles. Podemos às vezes dar um grito  
183 mais alto na sala, para pôr ordem, eu dou, muitas vezes, mas eu gosto imenso das  
184 minhas crianças, eu tenho a certeza que eles gostam de mim. Não é ser convencida, mas  
185 é verdade... **(Risos)** A sério, eles são... eles são, eles sentem que agente gosta deles. E

186 depois eles também sentem, às vezes quando agente fala mais alto e diz que não pode  
187 ser e não sei o quê, eles percebem que reagiram mal, que se comportaram mal,  
188 realmente tem que haver alguém que tenha ali um travãozinho. Se não é uma balburdia.

189 **Entrevistador** - Referiu que muitas vezes não existe articulação dentro da própria  
190 família, e que por vezes isso é mau para a criança, muitas vezes até para a sua própria  
191 gestão. E a articulação escola família, considera que é importante para a gestão de  
192 conflitos?

193 Sem dúvida, sem dúvida... Porque é assim, se a criança fez alguma coisa muito grave, e  
194 nós falamos com os pais, com a família, e a família em casa conversa sobre esse  
195 assunto... Conversa! Não é chegar a casa e, como agente sabe alguns, alguns chegam a  
196 casa e passou ao lado, nem ligam nada, outros chegam a casa e poem a criança de  
197 castigo, isso não. Agora se conversarem, “acho que fizeste isto, porque magoaste aquele  
198 teu colega, por causa de um brinquedo, achas bem? A educadora já disse isto e aquilo e  
199 agora vou falar contigo, gostavas que te fizessem...”. Quando os pais falam isto é meio  
200 caminho andado para o desenvolvimento da criança, meio caminho andado. A  
201 articulação escola família é trabalharmos todos par a par. Agora quando um começa a  
202 fugir para um lado, a escola ta de um lado, a família esta do outro, nunca isso resulta.  
203 Mas aqui, às vezes temos desses casos, que as famílias não colaboram com os docentes  
204 e com todo o pessoal da instituição, pensando que eles próprios é que sabem, eles  
205 próprios é que resolvem, só que isso nunca resulta e infelizmente as crianças indefesas  
206 são os mais prejudicados.

207 **Entrevistador** – É só, dou por terminada a entrevista. Queria agradecer-lhe pela  
208 disponibilidade, foi bastante importante.

209 De nada, obrigada.

210 **Entrevistador** - Obrigada eu.

211 Boa tarde. Se precisar alguma coisa mais...



### **Transcrição da Entrevista - Sala 3**

1 **Entrevistador** - Esta entrevista é para a minha tese, a importância da afetividade do  
2 educador, na gestão de conflitos. Esta entrevista será apenas utilizada para a tese e para  
3 nada mais, e assim sendo será confidencial, caso deseje não será colocado o seu nome  
4 em nenhuma parte. Então para começar, há quanto tempo é que exerce funções de  
5 educadora?

6 **Ed.** - Há 13 anos.

7 **Entrevistador** - E há quanto tempo é que trabalha nesta instituição?

8 Desde este ano letivo.

9 **Entrevistador** - Quanto à instituição e à sua inserção nesta mesma instituição, o que é  
10 que acha do seu funcionamento?

11 **Ed.** - Funciona bem, tem uma boa articulação...

12 **Entrevistador** - E as crianças enquanto grupo? Como é que as caracteriza em termos  
13 gerais a nível de disciplina e de comportamento?

14 **Ed.** - Este ou no geral?

15 **Entrevistador** - Pode fazer primeiro individual, do seu, e depois no geral...

16 **Ed.** - Este grupo é um grupo que se controla bem apesar que revela alguma  
17 instabilidade a nível de cumprimento de regras e de rotinas, tentando quebra-las e tendo  
18 que estar sempre a relembrar das regras, das rotinas, especialmente os mais novos. No  
19 âmbito geral, das outras salas, há grupos mais complicados que este, também tem a ver  
20 com o facto de o bairro onde estamos inseridos e das vivências que eles têm, mas que  
21 mesmo assim acho que se controla bem.

22 **Entrevistador** - Então, sendo agora que a minha tese passa pela afetividade e pela  
23 gestão de conflitos acho que é importante perceber o que é e que acha, a nível de  
24 conceito, o que é que é cada um e assim pensei em começar por conflito. O que é que  
25 acha que é... qual na sua opinião qual é a definição de conflito?

26 **Ed.** - A minha definição de conflito passa por um confronto entre opiniões e vontades  
27 diferentes das dos outros. É um confronto que existe interiormente entre a opinião de  
28 uma criança e uma vontade e a do outro.

29 **Entrevistador** - Aqui já respondeu a uma questão que é em que é que consiste o  
30 conflito...

31 **Ed.** - Em que é que consiste o conflito depois tem a ver com a gestão das emoções e dos  
32 sentimentos que se tem de fazer para se conseguir ultrapassar, compreender e aceitar  
33 que há opiniões e vontades diferentes das nossas. Acho que passa por aí...

34 **Entrevistador** - E no que respeita à definição de afetividade, qual é, na sua opinião?

35 **Ed.** - A definição de afetividade passa por criar laços afetivos e uma relação segura e  
36 estável entre educador e criança, sendo essa relação essencial para todo o  
37 desenvolvimento, e sendo a afetividade o ponto de partida para todo o trabalho dentro  
38 da sala.

39 **Entrevistador** - E então agora, em que é que consiste essa afetividade... com as  
40 crianças?

41 **Ed.** - A afetividade consiste numa troca de afetos, numa confiança que a criança tem  
42 que ter no adulto e que se sinta segura.

43 **Entrevistador** - Agora, de forma a conhecer a sua opinião sobre a ocorrência dos  
44 conflitos, porque é que ocorrem. Acha que estes acontecem maioritariamente devido a  
45 que motivos?

46 **Ed.** - Bem, um deles tem a ver com situações menos estruturadas que eles possam estar  
47 a atravessar e por alguma razão seja o despoletar sempre desses conflitos. E a outra será  
48 quando eles já estão mais cansados e que não conseguem gerir tao bem as emoções e os  
49 sentimentos.

50 **Entrevistador** - E considera que esses conflitos são importantes para o  
51 desenvolvimento socio e moral das crianças?

52 **Ed.** - Considero que são importantes porque ajuda-os a crescer e a perceber que nem  
53 toda agente pensa e tem as mesmas vontades deles e que têm que aprender a aceitar e a  
54 respeitar as opiniões e os interesses dos outros, mesmos quando são diferentes das deles.  
55 E isso gera crescimento.

56 **Entrevistador** - E isso é um ponto positivo, mas também sabe que podem existir  
57 conflitos, que podem ser obstáculos para o desenvolvimento social e moral...

58 **Ed.** - Sim, mas por enquanto e como eles são pequeninos cabe-nos a nós ir gerindo essa  
59 parte, conseguindo contornar até que ponto é que eles conseguem sozinhos e é bom e ta  
60 a ser positivo e quando começa a ser negativo, temos que ser nós a interferir para  
61 resolver esse problema de forma a não se tornar uma coisa negativa para a criança.

62 **Entrevistador** - Ou seja, os conflitos podem constituir um obstáculo quando eles não os  
63 conseguem resolver sozinhos e necessitam do apoio do educador?

64 **Ed.** - Não... Acho mais que precisam do apoio do educador, não é quando não  
65 conseguem resolver, porque eles vão ter que estar várias vezes para não conseguir  
66 resolver até conseguir resolver. E aí temos que os deixar sozinhos um bocadinho nesse  
67 processo para que eles o consigam fazer. Tem que ter é a nossa intervenção quando isso  
68 começa a ser negativo para a criança e a afeta-lo negativamente de alguma forma.

69 **Entrevistador** - Nessa gestão de conflitos, tem alguma estratégia com base em algum  
70 referencial teórico ou é tudo fruto da sua experiencia?

71 **Ed.** - É muita experiência e também passa por alguma teoria...

72 **Entrevistador** - Que foi adquirindo, que adquiriu logo de início na faculdade, formação  
73 continua...?

74 **Ed.** - Foi alguma na faculdade, mas é a prática que vai dando mais enfase a qual será a  
75 melhor decisão a tomar na altura certa.

76 **Entrevistador** - Já falou um pouco acima, como é que resolve as situações de conflito  
77 entre as crianças, que é tendo um papel de mediadora, no fundo...

78 **Ed.** - Primeiro tentando que eles sozinhos consigam resolve-la e depois quando isso não  
79 é possível... Portanto entrar como mediadora e faze-los perceber que há vários pontos  
80 de vista, e que temos de os aceitar e aprender a resolver sem entrar em conflito uns com  
81 os outros.

82 **Entrevistador** - Desvaloriza alguma situação de conflito?

83 **Ed.** - Pontualmente, desvalorizo algumas situações de conflito, nomeadamente a  
84 chamada de atenção, tentando canalizar essas chamadas de atenção com outras  
85 atividades.

86 **Entrevistador** - E considera que o diálogo é uma forma de promover a resolução do  
87 conflito entre as crianças, e tenta promover esse diálogo?

88 **Ed.** - Sim, acho que é importante, digo que é para conversarem e resolverem entre  
89 eles... Para conversarem e chego a dar o exemplo entre mim e a assistente operacional  
90 como é que a gente resolve as coisas que nos vão aparecendo, se alguma vez alguém  
91 nos viu estarmos a discutir ou a gritar ou a bater uma à outra... e eles dizem que não.  
92 Ou seja, dando o exemplo para eles verem como e que se faz essa gestão.

93 **Entrevistador** - Sendo então que o tema passa pela gestão de conflitos através da  
94 afetividade, esta estratégia é importante?

95 **Ed.** - Sim...

96 **Entrevistador** - Porquê?

97 **Ed.** - Porque acho que através da afetividade formamos crianças mais seguras e capazes  
98 e posteriormente serão mais capazes de gerir e resolver os seus conflitos.

99 **Entrevistador** - E acha que o adulto existe uma importância da afetividade do adulto,  
100 para a criança?

101 **Ed.** - Sim, acho que é a base de tudo, é a base de uma relação.

102 **Entrevistador** - Quanto à articulação escola-família, considera importante haver essa  
103 relação?

104 **Ed.** - Sim, acho que só se desenvolve um bom trabalho com a criança, mesmo se for  
105 feita em conjunto com a família de forma a aferir comportamentos e atitudes, que sejam,  
106 portanto, feitas de uma forma muito idêntica em casa e na escola.

107 **Entrevistador** - Quero agradecer por ter respondido à entrevista.

108 **Ed.** - Obrigada.

109 **Entrevistador** - Obrigada eu.



## **Transcrição da Entrevista - Sala 4**

1 **Entrevistador** - Então bom dia, esta entrevista será feita para no âmbito de conseguir  
2 realizar a minha tese que passa sobre a importância da afetividade da educadora na  
3 gestão dos conflitos. Toda a entrevista será anónima e confidencial será apenas utilizada  
4 para o trabalho. Para começar queria caracterizar o seu percurso enquanto educadora.  
5 Nesse sentido á quanto tempo é que exerce essas funções?

6 **Ed.** - 36 Anos.

7 **Entrevistador** - 36 anos...e há quanto tempo trabalha nesta instituição?

8 **Ed.** - 11...

9 **Entrevistador** - 11...O que é que acha da forma que a instituição funciona?

10 **Ed.** - Eu acho que, eu acho que...nós aqui...é fruto do trabalho da equipe temos  
11 conseguido manter ao longo deste tempo, acho que funciona muito bem, embora todas  
12 as pessoas cada uma tenho a sua método penso que nos completamos umas as outras e  
13 conseguimos que se façam um bom trabalho e que há, há muitos colégios particulares  
14 que não tem a qualidade que este jardim publico tem.

15 **Entrevistador** - Falando agora um pouco do seu grupo, e também pode caracterizar um  
16 pouco ao nível de, ao nível geral de toda a instituição, como é que caracteriza em termos  
17 gerais e a nível de disciplina e comportamento.

18 **Ed.** - O meu grupo, no meu grupo não há, não há dificuldades, é um grupo muito  
19 estável, é um grupo que não é conflituoso, cumpre as regras, e mesmo a nível de  
20 instituição eu acho que este ano temos uns grupos muito calmos.

21 **Entrevistador** - Muito calmos...

22 **Ed.** - Isto não acontece todos os anos.

23 **Entrevistador** – Pois, não acha que isso tem influência pelo meio em que estão  
24 inseridos também?

25 **Ed.** – Também, também...

26 **Entrevistador** - Sendo que a minha, que o tema da minha tese passa então pela, pela  
27 gestão de conflitos e pelos afetos acho que importa quando conhecermos um pouco o  
28 que, o que, que acha de cada um, então assim, pergunto lhe qual para si. Desta forma  
29 pergunto então qual é a sua definição de conflito.

30 **Ed.** - Ai, isso é muito subjetivo.

31 **Entrevistador** - O que e para si um conflito em relação às crianças o que e que acha  
32 que...

33 **Ed.** - Um conflito é qualquer situação, em que eles disputem qualquer coisa.

34 **Entrevistador** - Que haja uma disputa, portanto, e então em que consiste mesmo uma  
35 disputa em relação a quê?

36 **Ed.** - Em relação a um brinquedo, em relação a um jogo, em relação ao lugar no  
37 comboio, são conflitos menores.

38 **Entrevistador** - E na sua opinião, a definição de afetividade?

39 **Ed.** - Colo, mimo, beijo, abraço, ralar!

40 **Entrevistador** - Também passa pela afetividade.

41 **Ed.** - Mostrar que tá mal aquilo que fizeram também é afetividade.

42 **Entrevistador** - E porquê que acha que ocorrem esses conflitos nas crianças?

43 **Ed.** - Porque é a forma que eles sabem comunicar uns com os outros eles ainda não têm  
44 capacidade nem desenvolvimento para conseguirem doutra forma dizerem aquilo que  
45 querem. Então é pelo conflito.

46 **Entrevistador** - E considera esses conflitos importantes para o desenvolvimento das  
47 crianças?

48 **Ed.** - Claro é assim que eles crescem.

49 **Entrevistador** - Moralmente e socialmente...

50 **Ed.** - E até mesmo para poderem enfrentar quando as coisas, quando o conflito não é  
51 resolvido a favor deles próprios para saberem para começarem a controlar a frustração

52 **Entrevistador** - E em que medida que os conflitos passam a constituir um obstáculo  
53 para o desenvolvimento social das crianças?

54 **Ed.** - Quando são em demasia e que não há controle nesses, nesses conflitos

55 **Entrevistador** - E... considera importante serem as crianças a resolverem os conflitos  
56 por si?

57 **Ed.** - Considero muito importante que eles consigam resolver os por si sempre com a  
58 supervisão do adulto

59 **Entrevistador** - E sente que isto também passa pela relação adulto criança tem alguma  
60 estratégia com base em algum referencial teórico, por exemplo, Piaget ou é tudo fruto  
61 da sua experiência?

62 **Ed.** - Neste momento é fruto da minha experiência porque aquilo que resulta com uns  
63 não resulta com outros, portanto a estratégia tem de ser adequada a cada situação e a  
64 cada criança em si.

65 **Entrevistador** - E como é que ajuda as crianças a resolver as situações de conflito entre  
66 as crianças?

67 **Ed.** - Pelo diálogo...

68 **Entrevistador** - Diálogo, e de que forma tenta promover esse diálogo?

69 **Ed.** - Reuniões de turma, individuais, depende, depende da situação em si. Se for um  
70 conflito que, interfira com todo o grupo, é a reunião de turma, se for um conflito só  
71 entre duas crianças tenta se resolver só com essas duas crianças.

72 **Entrevistador** - E desvaloriza alguma situação de conflito?

73 **Ed.** - Eu normalmente não, estes conflitos menores que são os conflitos próprios desta  
74 faixa etária, eu não os valorizo muito, tento que as coisas passem assim está resolvido  
75 acabou vamos partir para outra.

76 **Entrevistador** - Com normalidade. E considera portanto que o meu trabalho passa pelo  
77 uso da afetividade do educador na gestão dos conflitos, considera que a efetividade é  
78 uma boa estratégia?

79 **Ed.** - A afetividade é a base de tudo, se não houver afetividade tu não consegues nada  
80 com esta faixa etária. Até com os adultos as coisas muitas vezes passam pela parte

81 afetiva portanto se uma criança não tiver a parte afetiva bem desenvolvida, bem  
82 trabalhada e se sentir amada vai ser muito mais difícil o seu percurso

83 **Entrevistador** - Mas isso passa também pela relação criança, criança...

84 **Ed.** - Sim.

85 **Entrevistador** - Mas a nível do adulto com a criança...

86 **Ed.** - Também

87 **Entrevistador** - O que é que isso, qual a importância para a criança, que essa relação  
88 tem?

89 **Ed.** - É muito importante para toda a gente sentir-se amada...

90 **Entrevistador** -E agora passando um pouco pela articulação escola família considera  
91 importante?

92 **Ed.** - Sim, muito importante.

93 **Entrevistador** - Em que sentido?

94 **Ed.** - Eu acho que para a criança se sentir segura e bem aceitar bem o vir para a escola e  
95 sentir-se feliz tem que sentir que a família confia na escola e a escola confia na família e  
96 que somos um todo portanto cada um tem o seu papel os pais a família educar a escola  
97 ensinar mas que estão interligadas e que fazem com que o desenvolvimento da criança  
98 seja mais harmonioso.

99 **Entrevistador** - Acha que então que a articulação escola família também contribui para  
100 a resolução de conflitos?

101 **Ed.** - Sim tudo passa pela família, se a família não souber resolver os conflitos de uma  
102 forma calma, serena e pelo diálogo a criança é também esse modelo que tem é esse o  
103 modelo que aplica portanto tem que se trabalhar com as famílias nesse sentido.

104 **Entrevistador** - Queria agradecer pela entrevista.

105 **Ed.** - De nada.

106 **Entrevistador** - Obrigada.

## **Transcrição da Entrevista - Sala 5**

- 1 **Entrevistador** - Esta entrevista serve, iniciou-se no âmbito da minha tese sobre a  
2 importância da afetividade do educador na gestão de conflitos, toda a entrevista será  
3 confidencial e anónima e por isso, posso gravar?
- 4 **Ed.** – Sim, sim...
- 5 **Entrevistador** - A primeira questão serve para caraterizar o seu percurso profissional  
6 enquanto educadora. E assim sendo há quanto tempo é que exerce essas funções?
- 7 **Ed.** Ora, boa pergunta, desde 99, 15, 16 anos mais ou menos.
- 8 **Entrevistador** - E há quanto tempo é que trabalha nesta instituição?
- 9 **Ed.** - Nesta instituição há 1 ano e meio mais ou menos
- 10 **Entrevistador** - De forma a conhecer o que é que acha da instituição, o que é que pensa  
11 do seu funcionamento?
- 12 **Ed.** - Funcionamento de quê, de...?
- 13 **Entrevistador** - A nível de gestão, relações...
- 14 **Ed.** - Sim funcionam bem, a equipa é uma boa equipa, existe trabalho de equipe, sim  
15 corre lindamente. Flui, as coisas vão fluindo.
- 16 **Entrevistador** - Agora, caraterizando um pouco as crianças a nível do grupo, a nível  
17 geral de disciplina e de comportamento. Se quiser pode especificar o seu e a seguir fazer  
18 a nível geral do que conhece dos vários grupos do JI.
- 19 **Ed.** - O meu grupo é um grupo de 25 crianças, temos na sala mais ou menos 4 a 5  
20 meninos que são um bocadinho conflituosos, vá, problemáticos, com algumas  
21 problemáticas específicas.
- 22 **Entrevistador** - E é isso... **(Risos)**
- 23 **Ed.** - Acho que sim.

24 **Entrevistador** - Sendo que a minha tese passa um pouco pela gestão dos conflitos e de  
25 que forma é que a afetividade ajuda a resolvê-los, ou não, acho importante saber qual a  
26 sua definição de cada um deles. Assim sendo, o que é que entende por conflito...

27 **Ed.** - Pois, isso é muito abrangente.

28 **Entrevistador** - ...Na educação pré-escolar.

29 **Ed.** - Conflito, sei lá, pode ser...

30 E **Entrevistador** - Em que é que consiste?

31 **Ed.** - O conflito normalmente, o que eu considero conflito é quando eles não  
32 conseguem chegar a nenhum entendimento e partem mais para a agressão física. Eu  
33 entendo mais por, deixo ir tentar resolver. Conflito, conflito para mim é quando eles  
34 pronto se magoam uns aos outros vá.

35 **Entrevistador** - E a afetividade? Qual é a sua definição de afetividade e em que é que  
36 consiste?

37 **Ed.** - Afetividade enquanto educador para criança ou entre criança-criança?

38 **Entrevistador** - Os dois, afetividade no geral no pré-escolar. O que é que acha que são  
39 os afetos, a afetividade?

40 **Ed.** - A afetividade é a base, é o essencial (**Risos**). Se não houver afetividade o grupo  
41 não funciona nem as crianças também se... se relacionam positivamente. A afetividade  
42 é o carinho, é o saber escutar, é o saber ajudar, é muita coisa.

43 **Entrevistador** - E porque é que acha que ocorrem conflitos entre as crianças, e em que  
44 ocasiões ocorrem maioritariamente?

45 **Ed.** - Pronto, aqui ocorrem de uma forma mais constante, também temos de ver o  
46 contexto em que as crianças estão inseridas, não é? O bairro, é um bairro que pronto que  
47 eles, muitos estão ali acostumados a resolver os seus assuntos logo na base da palmada,  
48 da, pronto eles reagem logo. O que é que me estavas a perguntar? Desculpa...

49 **Entrevistador** - Em que situações é que acha que ocorrem os conflitos e o porquê...  
50 Mas foi isso, é o contexto social...

51 **Ed.** - É, condiciona muito, eles estão muito habituados logo, por exemplo, ao mínimo, à  
52 mínima contrariedade eles agem logo com uma palmada, ou, é logo de imediato. Aqui,  
53 mais aqui neste jardim-de-infância.

54 **Entrevistador** - E considera esses... esses conflitos que ocorrem no jardim-de-infância  
55 importantes para o desenvolvimento socio e moral da criança?

56 **Ed.** - Esses conflitos importantes? Hum... é assim, de uma maneira geral, os conflitos  
57 são importantes para que eles depois consigam resolver os seus problemas e conseguir  
58 dar a volta, não é? Agora, aqui acho que é um bocadinho exagerado. O contexto é um  
59 bocadinho exagerado e acho que não, que não é muito bom para o seu desenvolvimento.

60 **Entrevistador** - E a partir de que ponto é que esses podem ser um obstáculo para o  
61 desenvolvimento?

62 **Ed.** - A partir do momento em que a criança não consegue interagir com o outro. O  
63 facto de por exemplo não saber brincar, não saber conversar, ser tudo na base de, vá, da  
64 palmada, do imediato, do grito, do não deixar brincar, do não partilhar o brinquedo...

65 **Entrevistador** - E acha importante, as crianças resolverem os conflitos por si só?

66 Claro, sem dúvida. Primeiramente eu defendo que eles devem de sempre tentar resolver  
67 os seus conflitos e muitas das vezes eu não intervenho logo de imediato. Fico numa de  
68 observar e ver se eles conseguem resolver entre si aquele problema. Só quando vejo,  
69 não é, que de facto que eles não conseguem e que estão a partir já assim mais para a  
70 agressão, aí tenho que intervir. Mas sim sem dúvida eles, é importante eles resolverem  
71 os seus próprios conflitos.

72 **Entrevistador** - Quando eles não conseguem resolver esses conflitos e tem de intervir,  
73 usa alguma estratégia com base em algum referencial teórico ou é tudo com base na sua  
74 experiencia?

75 **Ed.** - O referencial teórico agente aprende na faculdade não é? Mas depois temos de  
76 saber ir adaptando, do nosso dia-a-dia, das nossas experiencias, é um bocadinho de  
77 tudo. Hum... Acho que é assim por aí, não tem, eu não faço por exemplo “ah eu agora  
78 vou agir desta forma porque por exemplo é o Piaget, agora vou...”. Não. É bocadinho  
79 da nossa intuição e também já vamos conhecendo a criança em si, sabemos como é que  
80 ... Não agimos da mesma forma com todos, não é? Cada criança é diferente, eu não

81 posso fazer o mesmo para vinte ou trinta, tenho que ir adaptando, que uma criança  
82 funciona de uma maneira, com outra de outra, temos que ir sabendo gerir.

83 **Entrevistador** - E como é que ajuda a gerir as situações de conflito entre as crianças?

84 **Ed.** - Como é que eu ajudo... Lá está, não é sempre da mesma forma como eu estava a  
85 dizer, mas normalmente quando intervenho tento sempre conversar com eles, fazer,  
86 fazê-los ver da situação, por exemplo, o que é que eles fizeram, não é... e a partir da  
87 conversa, entre vá...a três, não é... entre as crianças e o adulto e tentar que eles  
88 percebam que foi uma atitude errada, de que forma é que poderiam ter resolvido e dou  
89 um bocadinho a que sejam eles a resolver, qual é a opinião, o que é que achas que  
90 podias ter feito melhor? Pronto, tento sempre que sejam primeiro eles, e é à base da  
91 conversa.

92 **Entrevistador** - Ou seja, o diálogo considera que é a melhor forma de resolver os  
93 conflitos...

94 **Ed.** - Sim, sim...

95 **Entrevistador** - E desvaloriza alguma dessas situações de conflito?

96 **Ed.** - Desvalorizar como?

97 **Entrevistador** - Hum, não dá, não tem essa conversa de resolução ou...

98 **Ed.** - Não, por exemplo, se eles tiverem no conflito e que eu me aperceba que eles até  
99 estão a conseguir ultrapassar e que se estão a entender ou... aí desvalorizo um bocado,  
100 deixo... Deixo lá está, deixo eles resolverem e deixo ver até onde vai. Só em último caso  
101 é que intervenho. Sim.

102 **Entrevistador** - E agora, tem sido um pouco os conflitos, os conflitos, acha que...  
103 considera importante o uso dos afetos por parte do educador para a resolução dos  
104 conflitos?

105 **Ed.** - Claro. Se não houver uma boa relação entre o educador e o aluno nada se faz. Daí  
106 sim, a afetividade é extremamente importante, sim.

107 **Entrevistador** - E acha que a criança sente... que essa... acha que esses afetos são  
108 importantes para a criança?

109 **Ed.** - Sem dúvida, muito importantes.



110 **Entrevistador** - E que ela sente...

111 **Ed.** - Sim, e que ela perceba que o adulto está pronto a conversar e a fazer com que ele  
112 entenda que não foi uma boa atitude ou que ele perceba sim... e muitas das vezes dou-  
113 lhe um afeto, dou-lhe um carinho, ponho-lhe ao meu colo, dou-lhe um abraço, um beijo,  
114 é importante que ele se sinta também seguro.

115 **Entrevistador** - Passando agora um pouco para a articulação escola-família, acha que é  
116 importante essa articulação, para a resolução dos conflitos?

117 **Ed.** - É importante, mas vamos lá ver, eu pelo menos da minha prática... eu acho...  
118 faço sempre de uma maneira muito “soft”, ou seja, eu tento sempre resolver os  
119 problemas na sala, não é... agora um menino fez uma coisa mal, eu chego aos pais e  
120 vou logo dizer “olhe o seu filho portou-se mal” ou não... Eu tento sempre resolver as  
121 coisas em sala, só em casos assim muito, muito...

122 **Entrevistador** - ... Extremos...

123 **Ed.** - ....Extremos e que eu veja que a criança está a regredir, e que seja uma coisa  
124 grave é que aí eu faço a articulação com os pais. Normalmente resolvo em sala e não  
125 vou dizer aos pais “olhe o seu filho fez isto, o seu filho fez aquilo”, porque até... Até  
126 porque aqui neste jardim-de-infância então teríamos de estar quase todos os dias a fazer  
127 isso. Porque há sempre conflitos na sala diariamente, e não ia todos os dias estar numa  
128 de posição de... A articulação é importante com os pais mas para mim só em casos  
129 assim graves...

130 **Entrevistador** - Extremos...

131 **Ed.** - Sim...

132 **Entrevistador** - ... A nível da gestão de conflitos?

133 **Ed.** - A nível da gestão de conflitos, sim, sim. Ou seja, faço mas pontualmente. Não  
134 faço diariamente. Não sei se respondi...

135 **Entrevistador** - Respondeu, respondeu... Queria agradecer a disponibilidade.

136 **Ed.** - De nada.

137 **Entrevistador** - Dou por terminada...

138 **Ed.** - Um bom trabalho.



## Transcrição da Entrevista - Sala 6

1 **Entrevistador** - Então bom dia, esta entrevista surgiu com base na minha na minha  
2 tese, que passa sobre a importância da afetividade do educador na gestão de conflitos,  
3 esta entrevista é confidencial e será anónima e só será utilizada para a tese. De forma a  
4 caracterizar o seu percurso profissional, há quanto tempo é que exerce as funções de  
5 educadora?

6 **Ed.** - Há 20 anos.

7 **Entrevistador** - E nesta instituição, há quanto tempo é que trabalha?

8 **Ed.** - Desde o princípio do ano letivo, já cá estive, mas foi noutros anos. Este é o quarto  
9 não mas não consecutivo.

10 **Entrevistador** - E o que é que acha do funcionamento da instituição?

11 **Ed.** - Acho que funciona muito bem.

12 **Entrevistador** - Agora de forma a caracterizar um pouco as crianças enquanto grupo,  
13 pode caracterizar primeiro individualmente, ou seja, o seu grupo, e a seguir de uma  
14 forma geral, todos os grupos da instituição. Como é que caracteriza em termos gerais a  
15 nível de disciplina e de comportamento?

16 **Ed.** - Acho que de uma forma geral eles têm bom comportamento e têm muito boa  
17 noção das regras e do cumprimento das regras e em termos de aprendizagem também  
18 não são, também tem algumas qualidades, no entanto há um tipo de indisciplina que é  
19 muito frequente, que é muito frequente devido à falta de atenção e também devido ao  
20 meio sociocultural dos quais eles são provenientes que perturbam um bocadinho a parte  
21 da disciplina no que diz respeito à atenção e ao interesse pelas matérias, mas não há  
22 problemas disciplinares propriamente no confronto com as regras instituídas  
23 diretamente ao professor. É mais problema de indisciplina nível 1 digamos assim, de  
24 falta de atenção, conversa com os pais...

25 **Entrevistador** - E isso a nível geral de todos os grupos...?

26 **Ed.** - A nível geral eu parece-me também que todas mais ou menos sentimos o mesmo  
27 problema.

28 **Entrevistador** - Sendo que a minha tese passa um pouco pela gestão de conflitos e os  
29 afetos, gostaria de saber qual é a sua opinião sobre a definição de conflito. E em que é  
30 que consiste.

31 **Ed.** - Eu acho que existe conflito quando existe... quando não existe correspondência  
32 entre aquilo que é exigido e aquilo que é oferecido, ou seja, e há, e quando isso provoca  
33 mal-estar, pronto. Quando o professor exige determinado, determinada resposta por  
34 parte do aluno e o aluno não, recusa-se a aceitar esse tipo de regra ou o dar a resposta  
35 que o professor pretende e isso implica mal-estar, ou o contrário, quando o aluno precisa  
36 de determinada resposta por parte do professor e o professor não lhe dá essa resposta,  
37 existe mal-estar existe conflito.

38 **Entrevistador** - E a afetividade qual é a sua definição de afetividade e em que é que  
39 consiste para si?

40 **Ed.** - A afetividade é a, é, são as manifestações quer verbais quer não-verbais que nos  
41 podemos dar ao outro de sentimentos, de sentimentos agradáveis, de, ao nível  
42 emocional. Pronto. O afeto é uma expressão de bem-estar e de bom relacionamento que  
43 nós conseguimos fazer passar ao outro.

44 **Entrevistador** - E porque é que acha que ocorrem conflitos nas crianças? Em que  
45 situações é que eles ocorrem maioritariamente?

46 **Ed.** - Quando os interesses são diferentes. Quando o interesse de um colide com o  
47 interesse do outro.

48 **Entrevistador** - Mas acha que esses conflitos são importantes para o desenvolvimento  
49 socio e moral das crianças?

50 **Ed.** - É impossível a vida sem conflito. Nós somos todos, pessoas diferentes e portanto  
51 temos interesses diferentes, e quando esses interesses colidem existe conflito. O conflito  
52 é fundamental, é fundamental nos conhecermos a nós e ao outro e para evoluir. É  
53 importante é saber gerir o conflito. Quando a gestão do conflito não se faz aí há um  
54 problema. O conflito não é nenhum problema.

55 **Entrevistador** - Essa resposta passa um pouco pela próxima questão que seria a partir  
56 de que momento é que o conflito passa a ser um obstáculo para o desenvolvimento da  
57 criança?

58 **Ed.** - Quando não se consegue ultrapassar o conflito, quando não se consegue gerir de  
59 uma forma equilibrada o conflito.

60 **Entrevistador** - E acha que as crianças devem resolver os conflitos por si?

61 **Ed.** - Efetivamente acho que sim, acho que devem essencialmente aprender a gerir por  
62 si os conflitos. Com muitas vezes é preciso haver a mediação, mas é a mediação do  
63 educador. Não é o educador envolver-se diretamente na gestão do conflito.

64 **Entrevistador** - Sendo que como acabou de referir o educador deve ter um papel de  
65 mediador, tem alguma estratégia com base em algum referencial teórico, como por  
66 exemplo o Piaget, ou é fruto da sua experiência?

67 **Ed.** - Não é fruto da minha experiencia. É muito fruto da minha experiencia, mas muito  
68 com base em várias teorias que tenho, que tenho lido e que tenho estudado e trabalho  
69 muito com base naquilo que estudo. Naturalmente aprendo muito com a experiencia  
70 mas acho que a teoria é fundamental, e eu não me baseio num teórico, mas em vários  
71 teóricos.

72 **Entrevistador** - E como é que ajuda a resolver as situações de conflito entre as  
73 crianças?

74 **Ed.** - Eu tento que a criança converse, que escute, converse com o outro, que escute o  
75 outro e tento que a criança se ponha no lugar do outro.

76 **Entrevistador** - Então acha que o diálogo é bastante importante para resolver os  
77 conflitos?

78 **Ed.** - É fundamental.

79 **Entrevistador** - E desvaloriza alguma situação de conflito?

80 **Ed.** - Muitas vezes.

81 **Entrevistador** - Quais?

82 **Ed.** - Aquelas que o conflito não implica confronto ou sofrimento.

83 **Entrevistador** - Considera importante o uso dos afetos para a resolução dos conflitos?

84 **Ed.** - É fundamental.

85 **Entrevistador** - Porquê?

86 **Ed.** - Porque através do afeto a criança é mais tocada, sente melhor o que o outro sente.  
87 Percebe, consegue manifestar o que sente e consegue perceber ou tenta conseguir  
88 perceber o que o outro sente. É através daquilo que sente que é importante para a gestão  
89 do conflito. Daí o afeto ser fundamental.

90 **Entrevistador** - E acha que a criança dá importância a essa afetividade transmitida pelo  
91 adulto?

92 **Ed.** - Claro.

93 **Entrevistador** - Passando agora um pouco para a articulação escola família acha que é  
94 importante?

95 **Ed.** - Sim, nem poderia ser de outra maneira.

96 **Entrevistador** - Em que sentido?

97 **Ed.** - Porque nós somos uma equipa, e temos que trabalhar todos em uníssono e a  
98 criança cresce se ouvir as coisas, ouvir a informação, numa só voz. Se houver  
99 dissonância, se a família não tiver com a escola ou a escola não tiver com a família a  
100 criança apercebe-se disso e não sente a escola como um parceiro do seu crescimento ou  
101 então não sente a família como um parceiro, e a criança vive no meio de nós, destes dois  
102 grupos, escola e família e portanto têm que sentir que somos um.

103 **Entrevistador** - Então acha que também essa articulação contribui para a resolução de  
104 conflitos?

105 **Ed.** - Claro que sim, acredito.

106 - **Entrevistador** - Queria agradecer-lhe pela entrevista. Muito obrigada.

107 **Ed.** - De nada.

108 **Entrevistador** - Dou por terminada.

**ANEXO C - PRIMEIRO NÍVEL DE ANÁLISE ÀS ENTREVISTAS  
DAS EDUCADORAS**





Blocos Temáticos	Objetivos	Indicadores/ Unidades de Registro	Unidades de Contexto
Caraterização das crianças enquanto grupo	Como caraterizam os grupo, em termos gerais e a nível de disciplina e comportamento?	<p>Estável</p> <p>Disciplinado</p> <p>Indisciplinado</p> <p>Barulhento</p> <p>Instável</p> <p>Calmo</p> <p>Conflituoso/Problemático</p>	<p><b>Sala 1</b></p> <p>“... a nível do comportamento é um grupo estável...” (L.22)</p> <p>“....não há assim situações graves de disciplina.” (L.25)</p> <p><b>Sala 2</b></p> <p>“... o meu é o grupo que tem um comportamento mais indisciplinado, são muito barulhentos, não cumprem muitas regras...” (L.26-27)</p> <p><b>Sala 3</b></p> <p>“Este grupo é um grupo que se controla bem apesar que revela alguma instabilidade a nível de cumprimento de regras e de rotinas...” (L.15-16)</p> <p>“...há grupos mais complicados que este...” (L.18)</p> <p><b>Sala 4</b></p> <p>“O meu grupo, no meu grupo não há, não há dificuldades, é um grupo muito estável, é um grupo que não e conflituoso, cumpre as regras, e mesmo a nível de instituição eu acho que este ano temos uns grupos muito calmos.” (L.18-20)</p> <p><b>Sala 5</b></p> <p>“... são um bocadinho conflituosos, vá, problemáticos, com algumas problemáticas específicas.” (L.20-21)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“... de uma forma geral eles têm bom comportamento e têm muito boa noção das regras e do cumprimento das regras... há um tipo de indisciplina que e muito frequente, que é muito frequente devido à falta de atenção... mas não há problemas disciplinares propriamente no confronto com as regras instituídas diretamente ao professor. É mais problema de indisciplina nível 1 digamos assim, de falta de atenção, conversa com os pais...” (16-24)</p> <p>“A nível geral eu parece-me também que todas mais ou menos sentimos o mesmo problema.” (L.26-27)</p>

**Tabela 1 – Crianças enquanto grupo**

Blocos Temáticos	Objetivos	Indicadores/ Unidades de Registo	Unidades de Contexto
Noção de Conflito	Qual a sua definição e em que é que consiste?	Agressão Verbal Agressão Física Não saber pedir Confronto	<p><b>Sala 1</b></p> <p>“...é quando há uma agressão que pode ser verbal ou física... é quando as crianças neste caso as crianças não conseguem resolver de uma forma através da conversa situações de conflito entre elas.” (L.35-38)</p> <p><b>Sala 2</b></p> <p>“... quererem ter um brinquedo e não saberem pedir... tira e empurra e isso surge logo ali um conflito...” (L.37-38)</p> <p><b>Sala 3</b></p> <p>“...um confronto entre opiniões e vontades diferentes das dos outros. É um confronto que existe interiormente entre a opinião de uma criança e uma vontade e a do outro.” (L.25-27)</p> <p>“...tem a ver com a gestão das emoções e dos sentimentos que se tem de fazer para se conseguir ultrapassar, compreender e aceitar que há opiniões e vontades diferentes das nossas.” (L.30-32)</p> <p><b>Sala 4</b></p> <p>“...é qualquer situação, em que eles disputem qualquer coisa.” (L.32)</p> <p><b>Sala 5</b></p> <p>“...é quando eles não conseguem chegar a nenhum entendimento e partem mais para a agressão física.” (L.31-32)</p> <p>“...é quando eles pronto se magoam uns aos outros vá.” (L.33-34)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“...quando não existe correspondência entre aquilo que é exigido e aquilo que é oferecido... e quando isso provoca mal-estar...” (L.31-33)</p>

Blocos Temáticos	Objetivos	Indicadores/ Unidades de Registo	Unidades de Contexto
Noção de Afetividade	Qual a sua definição e em que é que consiste?	Respeito Relação Confiança Base essencial Laços Afetivos	<p><b>Sala 1</b></p> <p>“... é a relação que a pessoa consegue estabelecer com outra, uma relação afável, uma relação baseada no respeito, na parte também emocional e relacional da relação...” (L.41-43)</p> <p><b>Sala 2</b></p> <p>“...é a base da nossa profissão...” (L.65)</p> <p>“...é a base da confiança...” (L.69-70)</p> <p>“...é um bocadinho do nosso amor para as nossas crianças...” (L.71)</p> <p>“...é essencial na nossa profissão é a base do desenvolvimento da criança.” (L.78-79)</p> <p><b>Sala 3</b></p> <p>“... passa por criar laços afetivos e uma relação segura e estável entre educador e criança, sendo essa relação essencial para todo o desenvolvimento, e sendo a afetividade o ponto de partida para todo o trabalho dentro da sala.” (L.34-37)</p> <p>“...consiste numa troca de afetos, numa confiança que a criança tem que ter no adulto e que se sinta segura.” (L.39-40)</p> <p><b>Sala 4</b></p> <p>“Colo, mimo, beijo, abraço, ralar!” (L.38)</p>

			<p><b>Sala 5</b></p> <p>“...é a base, é o essencial.” (L.40)</p> <p>“...é o carinho, é o saber escutar, é o saber ajudar, é muita coisa.” (L.42)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“...manifestações quer verbais quer não-verbais que nos podemos dar ao outro de sentimentos, de sentimentos agradáveis, de, ao nível emocional.” (L.40-41)</p> <p>“...é uma expressão de bem-estar e de bom relacionamento que nós conseguimos fazer passar ao outro.” (L.42-43)</p>
--	--	--	---

**Tabela 2** – Noção de conceitos

<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Indicadores/ Unidades de Registo</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
Ocorrência de conflitos e a sua importância	Em que situações ocorrem maioritariamente os conflitos?	Partilha Cansaço Gestão de interesses Gestão de emoções	<p><b>Sala 1</b> “...é na partilha...”(L.46)</p> <p><b>Sala 3</b> “...situações menos estruturadas que eles possam estar a atravessar e por alguma razão seja o despoletar sempre desses conflitos. E a outra será quando eles já estão mais cansados e que não conseguem gerir tao bem as emoções e os sentimentos.” (L.44-47)</p> <p><b>Sala 4</b> “...é a forma que eles sabem comunicar uns com os outros eles ainda não têm capacidade nem desenvolvimento para conseguirem doutra forma dizerem aquilo que querem.” (L.42-44)</p> <p><b>Sala 5</b> “...o contexto em que as crianças estão inseridas...” (L.45-46)</p> <p><b>Sala 6</b> “Quando os interesses são diferentes. Quando o interesse de um colide com o interesse do outro.” (L.46-47)</p>
	Porque é que são importantes para o	Controlo da frustração Melhor gestão futura de conflitos	<p><b>Sala 1</b> “...porque nós durante a nossa vida vamos tendo sempre que gerir conflitos...” (L.72)</p>

	desenvolvimento socio/moral?		<p>“...e é a partir da infância que nós começamos a conseguir geri-los de uma forma mais adequada.” (L.74-75)</p> <p><b>Sala 2</b></p> <p>“...eu acho que são importantes, mas também acho que aqui é em demasia...” (L.83)</p> <p>“...eles conseguem perceber que têm que saber esperar saber pedir têm que saber dizer as palavras ...” (L.85-86)</p> <p><b>Sala 3</b></p> <p>“Considero que são importantes porque ajuda-os a crescer e a perceber que nem toda agente pensa e tem as mesmas vontades deles e que têm que aprender a aceitar e a respeitar as opiniões e os interesses dos outros, mesmos quando são diferentes das deles. E isso gera crescimento.” (L.50-53)</p> <p><b>Sala 4</b></p> <p>“...poderem enfrentar quando as coisas, quando o conflito não é resolvido a favor deles próprios para saberem para começarem a controlar a frustração.” (L.49-50)</p> <p><b>Sala 5</b></p> <p>“...de uma maneira geral, os conflitos são importantes para que eles depois consigam resolver os seus problemas e conseguir dar a volta...” (L.56-58)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“ É impossível a vida sem conflito. Nós somos todos, pessoas diferentes e portanto temos interesses diferentes, e quando esses interesses colidem existe conflito. O conflito é fundamental, é fundamental nos conhecermos a nós e ao</p>
--	------------------------------	--	---

			<p>outro e para evoluir. É importante é saber gerir o conflito. Quando a gestão do conflito não se faz aí há um problema. O conflito não é nenhum problema.”</p> <p>(L.50-54)</p>
	<p>A partir de que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças?</p>	<p>Falta de controlo</p> <p>Falta de diálogo</p> <p>Agressão</p>	<p><b>Sala 1</b></p> <p>“...deixam de os conseguir gerir de uma forma através do diálogo e passam muitas vezes para a agressão física.” (L.78-79)</p> <p><b>Sala 4</b></p> <p>“Quando são em demasia e que não há controle nesses, nesses conflitos.” (L.53)</p> <p><b>Sala 5</b></p> <p>“A partir do momento em que a criança não consegue interagir com o outro.”</p> <p>(L.62)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“Quando não se consegue ultrapassar o conflito, quando não se consegue gerir de uma forma equilibrada o conflito.” (L.58-59)</p>
	<p>Devem as crianças a resolver e os seus próprios conflitos e qual a sua importância?</p>	<p>Sim, com regras</p>	<p><b>Sala 1</b></p> <p>“O educador deve intervir quando vê quando estão a chegar a um limite. Deve deixar que as crianças deixem, consigam gerir os conflitos entre elas sem intervir logo. Deixa-os primeiro resolver a situação e depois caso seja necessário intervir, mas é importante dar-lhes espaço para a resolução.” (L.82-85)</p> <p><b>Sala 2</b></p> <p>“Acho importante desde que seja com regras...” (L.125)</p>

			<p><b>Sala 4</b></p> <p>“Considero muito importante que eles consigam resolver os por si sempre com a supervisão do adulto.” (L.56-57)</p> <p><b>Sala 5</b></p> <p>“...defendo que eles devem de sempre tentar resolver os seus conflitos...”</p> <p>(L.66-67)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“...acho que devem essencialmente aprender a gerir por si os conflitos.” (L.61-62)</p>
--	--	--	---

**Tabela 3** – Os conflitos entre as crianças.



<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Indicadores/ Unidades de Registo</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
Papel do adulto na gestão de conflitos	Quais as estratégias utilizadas?	Estratégias Mediador Diálogo	<p><b>Sala 1</b></p> <p>“...através de jogos e dando-lhes também as ferramentas de forma a eles conseguirem resolver os problemas através do diálogo...” (L.55-56)</p> <p><b>Sala 2</b></p> <p>“...pela minha prática, com conselhos e por vezes com afetividade...” (L.140-141)</p> <p>“...tento sempre dar exemplos.” (L.143-144)</p> <p><b>Sala 3</b></p> <p>“...entrar como mediadora e fazer-lhes perceber que há vários pontos de vista...” (L.77-78)</p> <p><b>Sala 4</b></p> <p>“Pelo diálogo...” (L.66)</p> <p><b>Sala 5</b></p> <p>“...e a partir da conversa” (L.86)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“Eu tento que a criança converse, que escute, converse com o outro, que escute o outro e tento que a criança se ponha no lugar do outro.” (L.72-73)</p>

	Quais as situações de conflito desvalorizadas?	Partilha Chamada de atenção	<p><b>Sala 1</b></p> <p>“...pequeninos conflitos da partilha dos lápis...” (L.90-91)</p> <p><b>Sala 3</b></p> <p>“...a chamada de atenção...” (L.81-82)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“Aqueles que o conflito não implica confronto ou sofrimento.” (L.80)</p>
--	--	-----------------------------	--

**Tabela 4** – Papel do adulto nos conflitos

<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Indicadores/ Unidades de Registo</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
Afetividade do adulto na gestão de conflitos	Qual a importância da afetividade na resolução de conflitos?	Crianças mais seguras e capazes	<p><b>Sala 3</b></p> <p>“...formamos crianças mais seguras e capazes e posteriormente serão mais capazes de gerir e resolver os seus conflitos.” (L.94-95)</p> <p><b>Sala 4</b></p> <p>“A afetividade é a base de tudo, se não houver afetividade tu não consegues nada com esta faixa etária. Até com os adultos as coisas muitas vezes passam pela parte afetiva portanto se uma criança não tiver a parte afetiva bem desenvolvida, bem trabalhada e se sentir amada vai ser muito mais difícil o seu percurso.” (L.78-81)</p> <p><b>Sala 5</b></p> <p>“Se não houver uma boa relação entre o educador e o aluno nada se faz.” (L.104)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“Porque através do afeto a criança é mais tocada, sente melhor o que o outro sente. Percebe, consegue manifestar o que sente e consegue perceber ou tenta conseguir perceber o que o outro sente. É através daquilo que sente que é importante para a gestão do conflito.” (L.84-87)</p>

	Qual a importância da afetividade do adulto para a criança?	Base da relação	<p><b>Sala 3</b></p> <p>“...é a base de tudo, é a base de uma relação.” (L.98)</p> <p><b>Sala 4</b></p> <p>“É muito importante para toda a gente sentir-se amada...” (L.88)</p>
--	---	-----------------	---

**Tabela 5** – Importância da Afetividade

<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Indicadores/ Unidades de Registo</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
Articulação Escola-Família	Qual a importância da articulação escola-família na resolução de conflitos?	Importante Aferição de comportamentos e Atitudes	<p><b>Sala 1</b></p> <p>“A relação escola família é sempre importante e na resolução de conflitos entre eles também.” (L.114-115)</p> <p><b>Sala 2</b></p> <p>“...se a criança fez alguma coisa muito grave, e nós falamos com os pais, com a família, e a família em casa conversa sobre esse assunto...” (L.190-191)</p> <p><b>Sala 3</b></p> <p>“...acho que só se desenvolve um bom trabalho com a criança, mesmo se for feita em conjunto com a família de forma a aferir comportamentos e atitudes, que sejam, portanto, feitas de uma forma muito idêntica em casa e na escola.” (L.101-103)</p> <p><b>Sala 4</b></p> <p>“...tudo passa pela família, se a família não souber resolver os conflitos de uma forma calma, serena e pelo diálogo a criança é também esse modelo que tem é esse o modelo que aplica...” (L.100-102)</p> <p><b>Sala 6</b></p> <p>“...somos uma equipa, e temos que trabalhar todos em uníssono e a criança cresce se ouvir as coisas, ouvir a informação, numa só voz. Se houver</p>

			<p>dissonância, se a família não tiver com a escola ou a escola não tiver com a família a criança apercebe-se disso e não sente a escola como um parceiro do seu crescimento...” (L.95-98)</p>
--	--	--	--

**Tabela 6** – Articulação Escola-Família

## **ANEXO D - SEGUNDO NÍVEL DE ANÁLISE ÀS ENTREVISTAS DAS EDUCADORAS**





**Quadro 1** – Ao analisar as várias respostas dadas pelas várias educadoras é observável que os grupos pertencentes a este jardim-de-infância apresentam na sua maioria um comportamento indisciplinado, mostrando uma grande lacuna principalmente no cumprimento de regras e de rotinas. Ainda assim, todas as educadoras parecem concordar que, ainda que persista em todas as salas uma grande falta de atenção e barulho, maioritariamente das vezes persistente, por parte das crianças, são grupos relativamente de fácil controlo.

**Quadro 2** – Relativamente à análise feita às respostas dadas pelas educadoras entrevistadas, as opiniões mostraram-se relativamente semelhantes, sendo que é possível observar que todas concordam que o conflito surge durante uma disputa ou um confronto, quer de opiniões ou vontades, quer de objetos, que leva a uma sensação de mal-estar. Além disso, é retirado da análise que o conflito surge de uma má gestão de emoções e sentimentos, que muitas vezes é feita através de agressões físicas ou verbais e não utilizando a forma mais correta que é, segundo as educadoras, através da conversa.

Ao analisar as respostas dadas à questão da afetividade, é visível que todas as educadoras consideram a afetividade como sendo a base tanto da profissão, bem como da confiança, do respeito e de todas as relações criadas. A criação de laços afetivos, segundo as educadoras, quer entre adulto-criança, quer criança-criança promove segurança, essencial para um bom ponto de partida para o desenvolvimento de trabalho na sala de atividades quer para o próprio desenvolvimento da criança, emocional e intelectual. Segundo as mesmas, as demonstrações de afetividade podem ser manifestações tanto verbais como não-verbais, onde podem ser transmitidos sentimentos e sensações, por exemplo, através de uma troca de afetos, como com um beijo, um abraço ou até mesmo o ralar.

**Quadro 3** – Segundo a análise e interpretação das respostas dadas pelas educadoras, é possível observar que os motivos que podem levar à ocorrência de conflitos podem ser muito variados. Alguns dos exemplos dados são por exemplo, (1) a partilha, que neste caso seria de um brinquedo ou de um material, (2) uma situação menos estruturada, que crie nas crianças alguma instabilidade ou insegurança, (3) o cansaço tanto físico como psicológico que pode levar a uma má gestão de emoções e sentimentos, (4) a falta de capacidade para comunicar desejos e opiniões, que podem ser diferentes e ainda (5) o contexto onde as crianças estão inseridas.

Ainda assim, apesar dos motivos apresentados por cada uma das educadoras ser diferente, todas parecem concordar que os conflitos são importantes para o desenvolvimento socio/moral das crianças, visto que durante toda a vida surgirão conflitos de diversos tipos. Sendo que somos todos diferentes e assim sendo, não temos todos, as mesmas vontades, opiniões e interesses é inevitável que surja um conflito. Contudo o conflito não é um problema quando nos ajuda a conhecemo-nos e a evoluir, apenas o é quando há uma má-estão do mesmo e consequentemente uma incontrolável frustração.

Assim sendo, as educadoras são da opinião que deve haver e que é importante, para o crescimento da criança, o conflito desde que este não seja em demasia.

**Quadro 4** - É verificável que todas as educadoras consideram importante para o desenvolvimento da criança, que sejam as mesmas a resolver os seus próprios conflitos. Contudo, para que estas sejam capazes de os resolver é importante que lhes sejam dadas ferramentas, como por exemplo, algumas regras de convivência e interação grupal. É também importante que essa resolução de conflitos ocorra num ambiente controlado, ou seja, se necessário poderão contar com a supervisão e orientação do adulto, de forma a não alcançar nenhum limite.

Em suma, as educadoras defendem uma resolução de conflitos por parte das crianças, desde que esta esteja num ambiente estruturado e que as mesmas estejam cientes das várias formas corretas para a resolução do possível conflito.

Ao ser necessária a intervenção do adulto, para a gestão de conflitos, as educadoras apresentam um conjunto de estratégias variadas, onde ostentam um papel de mediadoras. Como exemplo disso, referiram como estratégias (1) a realização de jogos, (2) a demonstração com recurso a exemplos práticos do dia-a-dia e com a atribuição de ferramentas. Ainda assim, a estratégia mais destacada por todas as educadoras é o diálogo/conversa, sendo que, a partir da mesma é possível que a criança aprenda a escutar, a se colocar no lugar do outro e ainda seja capaz de transmitir o seu ponto de vista e sentimentos.

Ao colocar a questão “desvaloriza alguma situação de conflito?” às educadoras, estas mostraram-se relativamente mais hesitantes nas suas respostas. Ainda assim, foram todas muito concordantes no seu tipo de resposta, mostrando que desvalorizam muitas vezes

situações de conflito que sejam chamadas de atenção ou pequenos conflitos, como a partilha de objetos e muitas outras situações que não envolvam confronto ou sofrimento.

**Quadro 5** - À semelhança das respostas dadas anteriormente, as educadoras consideraram a afetividade como sendo a base de tudo. Defendem que através de uma relação baseada nos afetos é possível formar crianças mais seguras e capazes de compreender melhor tanto os seus sentimentos como os das restantes pessoas que os rodeiam, facilitando muitas vezes a resolução de conflitos e consequentemente promovendo um melhor ambiente de trabalho na sala de atividades e um melhor desenvolvimento de todas as crianças. É importante para todos, quer crianças quer adultos sentirmo-nos amados.

**Quadro 6** - No que respeita à articulação escola-família as respostas apresentadas pelas educadoras foram ao encontro das minhas expectativas, visto que ao longo do ano foi visíveis as várias tentativas de “chamar” à participação de diversas atividades. Assim, todas as educadoras referiram ser importante existir articulação entre as escolas e as famílias, visto ser mais facilmente possível verificar comportamentos e atitudes e atuar de forma uníssona para uma resolução do problema de forma mais eficaz. Contudo, tendo em conta que a família apresenta um papel crucial no desenvolvimento e educação da criança, ou seja, são modelos constantes, as mesmas ao verificarem, por exemplo, que ninguém em casa resolver os conflitos com base no diálogo, esta automaticamente aplicará o mesmo modelo e desta forma torna-se mais difícil a alteração do comportamento e realizar uma relação de parceria para um desenvolvimento pleno da criança.



## **ANEXO E - GUIÃO DE ENTREVISTA À PSICÓLOGA**



<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Formulário de questões</b>
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	<p>Motivar o entrevistado;</p> <p>Informar sobre o trabalho em curso e o objetivo da entrevista;</p> <p>Assegurar o carácter confidencial e anónimo dos dados Pedir autorização para gravação áudio.</p>
Psicóloga	Caracterizar o percurso profissional da psicóloga	<p>Há quanto tempo exerce as funções de psicóloga?</p> <p>Qual a relação da sua atividade com as crianças em idade escolar?</p>
Conceções sobre a valorização dos afetos no pré-escolar	Compreender qual a opinião da psicóloga sobre a valorização dada, a afetividade, dada no pré-escolar	Considera que as escolas, de um modo geral, se preocupam com a dimensão afetiva?
Meio e Grupo	Compreender qual a opinião da psicóloga sobre a influência do meio e do grupo no aparecimento de conflitos	Considera o meio e o grupo, como um fator possível propício de conflitos? Porquê?
Noção de conceitos básicos	Conhecer a opinião da psicóloga sobre a noção de conflito e de afetividade	<p>Na sua opinião, qual a definição de conflito?</p> <p>Na sua opinião, em que consiste o conflito?</p> <p>Na sua opinião, qual a definição de afetividade?</p> <p>Na sua opinião, em que consiste a afetividade?</p>

Os conflitos entre as crianças	Conhecer a opinião da psicóloga sobre a ocorrência de conflitos e a sua importância	<p>Porque pensa que ocorrem os conflitos entre crianças? Na sua opinião, em que ocasiões ocorrem maioritariamente?</p> <p>Qual o papel que os conflitos desempenham no desenvolvimento social/moral das crianças? Porquê?</p> <p>A seu ver, a partir de que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças?</p> <p>Qual a importância, na sua opinião, de serem as crianças a resolverem os conflitos por si?</p>
Papel do adulto na gestão de conflitos	Conhecer a opinião da psicóloga sobre o papel do adulto na gestão de conflitos	<p>Como devem as crianças, na sua opinião, ser ajudadas a resolver as situações de conflito entre elas?</p> <p>Devem ser desvalorizadas algumas situações de conflito? Qual ou quais?</p>
Afetividade do adulto na gestão de conflitos	Conhecer a opinião da psicóloga sobre a afetividade do adulto na gestão de conflitos	Considera importante o uso da afetividade para a resolução de conflitos? Porquê?



		Qual a importância da afetividade do adulto para a criança?
Articulação Escola-Família	Conhecer a opinião da psicóloga sobre a articulação escola-família na gestão de conflitos	<p>Considera importante a articulação escola-família? Em que sentido?</p> <p>E a articulação escola-família na resolução de conflitos?</p>



**ANEXO F - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA À  
PSICÓLOGA**



## Transcrição da Entrevista – Psicóloga

1 **Entrevistador** - Esta entrevista surgiu no âmbito da minha tese com o tema, a  
2 importância da afetividade do educador na gestão de conflitos... esta entrevista será  
3 confidencial e anónima, dá-me autorização para gravar?

4 **Psicóloga** – Sim...

5 **Entrevistador** - A primeira questão... há quanto tempo exerce as funções de psicóloga?

6 **Psicóloga** – Há 16 anos. Há 15 na equipa de saúde escolar.

7 **Entrevistador** - E qual a relação da sua atividade com as crianças em idade escolar?

8 **Psicóloga** – Eu realizo consultas no centro de saúde a crianças em idade escolar, que  
9 incluem avaliação psicológica, psicoterapia e apoio aos pais... Sou também terapeuta  
10 familiar, por isso realizo consultas a consultas com crianças em idade escolar.

11 **Entrevistador** – E considera que as escolas, de um modo geral, se preocupam com a  
12 dimensão afetiva?

13 **Psicóloga** – Acho que algumas sim, felizmente, principalmente no ensino pré-escolar.  
14 Após a entrada para o primeiro ciclo acho que tanto os pais como os professores  
15 valorizam muito o aproveitamento escolar e as notas e menos a parte afetiva. Cada vez  
16 mais vejo a parte afetiva ser passada para segundo plano e os educadores associarem a  
17 uma componente biológica, como é o caso da hiperatividade. Temos pressa em resolver  
18 as situações e em por um rótulo nas crianças, sem tentarmos perceber o que está por  
19 detrás. As notas e os exames têm, infelizmente, um peso enorme na educação das  
20 crianças, pondo para trás os afectos e a aprendizagem de outras competências...

21 **Entrevistador** - Considera o meio e o grupo, como um fator possível propício de  
22 conflitos? Porquê?

23 **Psicóloga** – É sempre relativo. Depende de muitas circunstâncias como a idade das  
24 crianças, o tamanho da escola, o tipo de população e de famílias das crianças. Crianças  
25 que provêm de meios muito conflituosos, onde os problemas são resolvidos através dos  
26 atos e da agressividade, não encontram outros meios para resolver conflitos. Já crianças  
27 criadas em meios afetuosos, que sentem a escola como um sítio positivo e que

28 aprendem a resolver conflitos de forma adequada será mais contido nesse aspeto. Em  
29 todo o caso, todas as escolas precisam de ter supervisão adequada por parte dos adultos  
30 (o que muitas vezes não acontece devido à falta de pessoal) e apoio dos adultos na  
31 resolução dos problemas e conflitos.

32 **Entrevistador** - Na sua opinião, qual a definição e em que é que consiste o conflito?

33 **Psicóloga** – Hum... Conflito seria uma situação em que duas ou mais pessoas  
34 discordam e entram num impasse. Pode ser positivo, se cada parte ouvir o outro e tentar  
35 perceber o seu ponto de vista de forma a chegarem a um acordo comum ou que haja  
36 respeito pelas diferenças de opinião ou negativo, se se tornar numa escalada de ações e  
37 reações (verbais ou físicas).

38 **Entrevistador** - Na sua opinião, qual a definição e em que é que consiste a afetividade?

39 **Psicóloga** – A afetividade é a capacidade que temos em experimentar afectos, sejam  
40 estes positivos ou negativos... A afetividade engloba sentimentos e atitudes que podem  
41 ser sentidos em relação aos outros. Todos precisamos de afetos positivos para crescer e  
42 aprender a lidar com os afetos negativos. Para isso precisamos aprender a reconhecer os  
43 diferentes afetos em nós próprios e saber como reagir a estes de forma adequada.

44 **Entrevistador** – E porque pensa que ocorrem os conflitos entre crianças? Na sua  
45 opinião, em que ocasiões ocorrem maioritariamente?

46 **Psicóloga** – Depende nas idades. As crianças mais pequenas têm dificuldade em  
47 partilhar e em colocar-se no lugar do outro, por isso muitos conflitos têm a ver com o  
48 egocentrismo próprio da idade. Consoante crescem ocorre principalmente em situações  
49 de recreio, onde têm mais liberdade e espaço para brincar, menos limites e por isso os  
50 conflitos são mais propícios, mas nem por isso negativos. É através dos conflitos que as  
51 crianças quando ajudadas, vão aprender a resolvê-los da melhor maneira e encontrar  
52 estratégias adequadas. Não podem, nem devem, ser evitados, mas sim aproveitá-los para  
53 que a criança aprenda e amadureça com os mesmos. Uma criança que não conviva, não  
54 entra em conflitos, mas um dia mais tarde, perante algumas situações também não teme  
55 estratégias adequadas para resolver, tanto se for vítima, como em controlar a sua própria  
56 zanga, em situações de discórdia com os outros, etc.

57 **Entrevistador** - Qual o papel que os conflitos desempenham no desenvolvimento  
58 social/moral das crianças? Porquê?

**Psicóloga** – Os conflitos são importantes para as crianças treinarem competências sociais que irão propiciar um melhor desenvolvimento social e moral. É importante para a criança perceber que todos temos emoções positivas e negativas, que não há problema em senti-las mas que há formas mais ou menos adequadas de reagir... Por exemplo, podemos ficar zangadas por um colega não nos convidar para os seus anos, mas não podemos magoa-lo por isso. Quanto mais estratégias a criança possuir, melhor conseguirá escolher a correta para resolver os problemas. É também importante para desenvolver conceitos como a empatia, o respeito pelas diferenças, a humildade, a capacidade de “reparação”, ou seja, pedir desculpa, emendar o erro feito, etc... Ao longo de toda a vida deparamo-nos com imensas situações de conflito e temos de saber avaliá-las, saber como reagir e antever as consequências do nosso comportamento.

**Entrevistador** - A seu ver, a partir de que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças?

**Psicóloga** – Quando estes não são monitorizados pelos adultos ou quando não são dadas as estratégias adequadas para a sua resolução, originando uma escalada nos conflitos e o uso de estratégias pouco eficazes e negativas como a agressividade e a rigidez de pensamento. As crianças aprendem com as pessoas que a rodeiam e naturalmente, se a criança está num meio onde aprende que os conflitos se resolvem através da violência, por exemplo, quando se deparar com uns problemas, será essa a única estratégia que conhece.

**Entrevistador** - Qual a importância, na sua opinião, de serem as crianças a resolverem os conflitos por si?

**Psicóloga** – Mais uma vez depende da idade da criança, das capacidades e maturidade que tem e do tipo de conflito. Não concordo que os adultos se metam em alguns conflitos entre pares, em que não há desigualdade de poder e que os conflitos não representam perigo para alguém e que sentimos que a situação é passageira. O adulto pode aconselhar a criança, mas não se meter, até porque muitas vezes agrava uma situação que iria resolver-se naturalmente, o que muitas vezes acontece quando os pais se envolvem em demasia em conflitos que ocorrem na escola, acabando por os agravar com queixas e acusações.

Por outro lado não concordo quando uma criança que queixa, por exemplo, que um colega lhe bate ou goza e os adultos respondem “resolve” ou põem ambos de castigo.

São estas crianças que muitas vezes são vítimas de bullying e não confiam nos adultos para os ajudar e por isso não contam: ou porque vão ser responsabilizadas ou porque acha que tem de resolvê-los sozinha. O truque está sempre no meio-termo. Se virmos que a criança tem estratégias e capacidade para resolver, podemos observar “mais ao longe”, mas se vemos que é uma situação que a criança não está a conseguir reagir de forma adequada, que está a deixá-la angustiada ou ansiosa, devemos intervir, mas sempre no sentido de ensinar estratégias, conseguir pôr cada uma das partes a pôr-se no lugar do outro.

Quando educamos uma criança a dizer simplesmente “resolve” não a podemos criticar quando esta usa estratégias menos adequadas, como o bater. Ela resolver de acordo com a capacidade que tinha.

**Entrevistador** - Como devem as crianças, na sua opinião, ser ajudadas a resolver as situações de conflito entre elas?

**Psicóloga** – O adulto deve sempre ouvir ambas as partes e ser empático com ambos, o que não significa desculpabilizar. Até a criança que foi agressiva ou perdeu o controlo precisa ser confortada, porque às vezes a sua reação é assustadora até para ela. Tentar que cada uma das partes perceba a perspetiva da outra, que procurem estratégias ou soluções para resolver o conflito, por exemplo, jogar à vez, trocar o brinquedo, etc... reparar o mal feito, por exemplo, pedir desculpa, arranjar o brinquedo estragado, etc... e lidar com as consequências, de preferências as naturais que advêm do conflito, por exemplo, se sujou, limpa, se estragou, arranja, se não consegue cumprir regras do jogo é afastado do grupo e perceber o porquê dessas consequências, os outros ficaram tristes, porque são necessárias as regras, etc... Podemos pedir ao grande grupo, turma que debatam sobre a situação, avaliem o problema, analisem situações hipotéticas, dramatizem situações, troquem de papéis.

**Entrevistador** – E acha que devem ser desvalorizadas algumas situações de conflito? Qual ou quais?

**Psicóloga** – Mais uma vez depende da idade, da situação, da maturidade e da capacidade para resolver o conflito. Por exemplo: muitas vezes podemos ignorar um palavrão, mas não o podemos fazer se isso é um ato frequente ou muito ofensivo para o outro. Por vezes basta separar as crianças e dar-lhes um tempo para se acalmarem, principalmente me crianças mais pequenas, em que a distração vai fazê-las esquecer o



123 conflito. Mesmo assim, muitas vezes é bom depois de se acalmarem falarem sobre o  
124 sucedido, por exemplo, “como achas que o teu colega se sentiu depois de lhe dares uma  
125 dentada?”. Alguns conflitos são naturais da idade e resolvem-se facilmente, quando se  
126 tornam frequentes ou com prejuízos para alguém deve sempre haver intervenção. Por  
127 exemplo, durante uma birra, por vezes é benéfico a criança ser ignorada. Outras vezes  
128 vemos que esta não consegue acalmar sozinha ou pode magoar-se e devemos intervir.  
129 Mesmo ignorando, devemos sempre mais tarde falar sobre o que aconteceu e dar  
130 estratégias de como podia ter reagido.

131 **Entrevistador** - Considera importante o uso da afetividade para a resolução de  
132 conflitos? Porquê?

133 **Psicóloga** – Muito, não só para reconhecer os afetos que estão por detrás dos conflitos,  
134 por exemplo, “ficaste zangado porque ele não quis brincar contigo e por isso foste  
135 estragar-lhe a brincadeira”, como para fomentar as atitudes positivas, colocando-se no  
136 lugar do outro e resolvendo as situações de forma a melhorá-las. Mesmo a criança  
137 agressiva pode ser a que precisa mais de afeto e seja ajudada a encontrar outra forma de  
138 obter o que pretende. O afeto está por detrás de todas as nossas atitudes e  
139 comportamentos.

140 **Entrevistador** - Qual a importância da afetividade do adulto para a criança?

141 **Psicóloga** – A criança aprende com o exemplo dos adultos. Por exemplo, um pai que  
142 diz a um filho que não deve bater e depois resolve um problema batendo está a  
143 passar uma mensagem ambígua e paradoxal. As crianças dão o que recebem. Uma  
144 criança criada com afetos positivos aprende a dá-los e a reconhecê-los nos outros. Se ela  
145 cresce a sentir que é amada, respeitada, compreendida, que as suas atitudes boas são  
146 valorizadas, que tem aspetos positivos, será uma criança muito mais afetuosa e  
147 adequada no contacto com as outras.

148 **Entrevistador** - E considera importante a articulação escola-família e em que sentido?

149 **Psicóloga** – Muito importante, com uma função de articulação, percebendo a criança  
150 como um “todo”, integrando todas as facetas da sua vida e com uma função pedagógica  
151 para os pais. Hoje em dia muitos pais não tiveram contacto com outras crianças. Não  
152 sabem o que esperar em cada idade, quais os comportamentos naturais ou esperados,  
153 qual a melhor forma de estimular e ensinar a criança, como reagir perante alguns

comportamentos. Vejo pais de bebés que não sabem quando lhes ensinar as cores, as partes do corpo, quais os brinquedos adequados, qual a idade para comer sozinho ou tirar as fraldas. Mais tarde, não sabem como reagir a alguns comportamentos, quais as melhores atividades para os filhos, como resolver alguns problemas, quais os comportamentos que são mais ou menos preocupantes. Por exemplo, as birras são naturais aos 2 anos, mas não o são aos 6. Os pais estão muitas vezes isolados e não têm onde aprender e perguntar. Sentem muitas vezes que a escola está também a “avaliá-los” e a culpabilizá-los do que não está bem e não confiam nela como espaço para aprender e crescer. A escola tem de conquistar a confiança dos pais, de forma a que ambos sintam que fazem parte e uma “equipa” à procura do melhor para ajudar e compreender a criança. Muitas vezes estão de costas voltadas, presas a acusações mútuas, que só prejudica a criança.

**Entrevistador** - E a articulação escola-família na resolução de conflitos?

**Psicóloga** – Sem dúvida, não só para mediar os conflitos em conjunto, como para perceber o porquê destes acontecerem, perceberem o que se passa com uma determinada criança (por exemplo, se há algo que esteja a deixar a criança mais perturbada e por isso mais conflituosa, ou mais incapaz de resolver conflitos) e coordenar estratégias, trocar impressões sobre estratégias a tomar e é também importante que a criança sinta que a escola e a família estão em contacto e apoiam-se mutuamente.

**Entrevistador** – Muito obrigada pela entrevista... Dou assim por concluída.

**Psicóloga** – De nada...

**ANEXO G - PRIMEIRO NÍVEL DE ANÁLISE À ENTREVISTA DA  
PSICÓLOGA**



<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Indicadores/ Unidades de Registro</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
Conceções sobre a valorização dos afetos no pré-escolar	Qual é a valorização dada, pelas escolas em relação à dimensão afetiva?	Muito aproveitamento escolar Menos parte afetiva	“Após a entrada para o primeiro ciclo acho que tanto os pais como os professores valorizam muito o aproveitamento escolar e as notas e menos a parte afetiva.” (L.14-15)
Meio e Grupo	Qual a influência do meio e do grupo no aparecimento de conflitos?	Meios conflituosos – atos de agressividade Meios afetuosos – sítio positivo Supervisão adequada	“ Crianças que provêm de meios muito conflituosos, onde os problemas são resolvidos através dos atos e da agressividade, não encontram outros meios para resolver conflitos. Já crianças criadas em meios afetuosos, que sentem a escola como um sítio positivo e que aprendem a resolver conflitos de forma adequada será mais contido nesse aspeto. Em todo o caso, todas as escolas precisam de ter supervisão adequada por parte dos adultos (o que muitas vezes não acontece devido à falta de pessoal) e apoio dos adultos na resolução dos problemas e conflitos.” (L.24-31)
Noção de conceitos básicos	Qual a noção de afetividade?	Afetos positivos Afetos negativos Sentimentos Atitudes Outros	“A afetividade é a capacidade que temos em experimentar afetos, sejam estes positivos ou negativos... A afetividade engloba sentimentos e atitudes que podem ser sentidos em relação aos outros.” (L.40-41)

	Qual a noção de conflito?	Duas ou mais pessoas Discordância Impasse	“ Conflito seria uma situação em que duas ou mais pessoas discordam e entram num impasse.” (L.33-34)
Os conflitos entre as crianças	Porque é que ocorrem conflitos?	Partilha Egocentrismo Situações de recreio Liberdade Menos limites	“ As crianças mais pequenas têm dificuldade em partilhar e em colocar-se no lugar do outro, por isso muitos conflitos têm a ver com o egocentrismo próprio da idade. Consoante crescem ocorre principalmente em situações de recreio, onde têm mais liberdade e espaço para brincar, menos limites...” (L.46-49)
	Qual é a sua importância?	Estratégias adequadas Treino de competências sociais e morais	<p>“ É através dos conflitos que as crianças quando ajudadas, vão aprender a resolvê-los da melhor maneira e encontrar estratégias adequadas.” (L.50-52)</p> <p>“ Os conflitos são importantes para as crianças treinarem competências sociais que irão propiciar um melhor desenvolvimento social e moral.” (L.59-60)</p>
	A partir de que ponto é que podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento	Falta de estratégias	“ Quando estes não são monitorizados pelos adultos ou quando não são dadas as estratégias adequadas para a sua resolução, originando uma escalada nos conflitos e o uso de estratégias pouco eficazes e negativas como a agressividade e a rigidez de pensamento.” (L.72-75)

	social e moral?		
Papel do adulto na gestão de conflitos	Qual o papel do adulto na gestão de conflitos?	<p>Aconselhar</p> <p>Ouvir</p> <p>Empatia</p> <p>Compreensão</p> <p>Debater</p> <p>Avaliar</p>	<p>“O adulto pode aconselhar a criança, mas não se meter, até porque muitas vezes agrava uma situação que iria resolver-se naturalmente, o que muitas vezes acontece quando os pais se envolvem em demasia em conflitos que ocorrem na escola, acabando por os agravar com queixas e acusações.” (L.84-88)</p> <p>“O adulto deve sempre ouvir ambas as partes e ser empático com ambos, o que não significa desculpabilizar.” (L.104-105)</p> <p>“Tentar que cada uma das partes perceba a perspetiva da outra, que procurem estratégias ou soluções para resolver o conflito...” (L.106-108)</p> <p>“Podemos pedir ao grande grupo, turma que debatam sobre a situação, avaliem o problema, analisem situações hipotéticas, dramatizem situações, troquem de papéis.” (L.113-115)</p>
	Devem ser desvalorizadas algumas situações de conflito?	<p>Idade</p> <p>Situação</p> <p>Maturidade</p> <p>Birra</p>	<p>“... depende da idade, da situação, da maturidade e da capacidade para resolver o conflito.” (L.118-119)</p> <p>“... durante uma birra, por vezes é benéfico a criança ser ignorada.” (L127)</p> <p>“Outras vezes vemos que esta não consegue acalmar sozinha ou pode magoar-se e devemos intervir. Mesmo ignorando, devemos sempre mais tarde falar sobre o que aconteceu e dar estratégias de como podia ter</p>

			reagido.” (L.127-130)
Afetividade do adulto na gestão de conflitos	Qual o papel da afetividade do adulto na gestão de conflitos?	Reconhecer afetos Fomentar atitudes positivas	“...reconhecer os afetos que estão por detrás dos conflitos...” (L.133) “...fomentar as atitudes positivas, colocando-se no lugar do outro e resolvendo as situações de forma a melhorá-las.” (L.135-136) “O afeto está por detrás de todas as nossas atitudes e comportamentos.” (L.138-139)
	Qual a importância para a criança?	Afetuosas Amadas Compreendidas	“As crianças dão o que recebem. Uma criança criada com afetos positivos aprende a dá-los e a reconhecê-los nos outros. Se ela cresce a sentir que é amada, respeitada, compreendida, que as suas atitudes boas são valorizadas, que tem aspetos positivos, será uma criança muito mais afetuosa e adequada no contacto com as outras.” (L.143-147)
Articulação Escola-Família	Qual é a importância da articulação escola-família na gestão de conflitos	Criança como um “todo” Coordenação de estratégias	“Muito importante, com uma função de articulação, percebendo a criança como um “todo”, integrando todas as facetas da sua vida e com uma função pedagógica para os pais.” (L.149-151) “ (...) mediar os conflitos em conjunto, como para perceber o porquê destes acontecerem, perceberem o que se passa com uma determinada criança (...) e coordenar estratégias, trocar impressões sobre estratégias a tomar e é também importante que a criança sinta que a escola e a família estão em contacto e apoiam-se mutuamente.” (L.167-173)



**ANEXO H - SEGUNDO NÍVEL DE ANÁLISE À ENTREVISTA DA  
PSICÓLOGA**



Através da psicóloga entrevistada, a exercer funções na equipa de saúde escolar, há já 16 anos foi possível esclarecer algumas questões já realizadas aos restantes participantes. Ao realizar consultas no centro de saúde e ao ser também terapeuta familiar, de crianças em variadas idades escolares, a mesma considera que existe uma maior preocupação com a dimensão afetiva, por parte das escolas principalmente no ensino pré-escolar e à medida que o nível vai aumentando estas vão dando maior destaque e prioridade ao aproveitamento escolar.

Na sua opinião, o meio e o grupo, onde estão inseridas as crianças por vezes são responsáveis pelo aparecimento de conflitos e pela forma como estes são resolvidos. Crianças em meios conflituosos, onde os conflitos são resolvidos com agressividade, não encontram meios adequados para a resolução dos mesmos, enquanto crianças em meios afetuosos, sentem a escola como um meio positivo e conseguem obter mais facilmente estratégias de resolução. Ainda assim, refere que as idades das crianças, o tamanho da escola e a falta de supervisão podem também ser causadores de conflitos.

No que respeita à noção de conceitos, a psicóloga considera que conflito é uma situação que envolve sempre mais do que uma pessoa e origina uma discordância e impasse. Este pode ser positivo se através do diálogo chegarem a um acordo comum e respeito pelas diferenças ou negativo caso parta para ações ou relações verbais ou físicas. Já em relação à afetividade, considera que é a capacidade de experimentar afetos quer sejam positivos quer negativos. A afetividade engloba sentimentos e atitudes e é necessário que cada um de nós os compreenda e aprenda a reagir de forma adequada.

Os conflitos, nas crianças mais pequenas, ocorrem maioritariamente em situações de partilha e em colocar-se no lugar do outro. À medida que vão crescendo passam a ocorrer em locais onde têm mais liberdade e menos restrições, como é o caso do recreio. Ainda que sejam conotados como conflitos, estes nem sempre são negativos, visto que ajudá-los-á cada vez a encontrar novas estratégias para que no futuro já tenham um conjunto de formas adequadas para resolver os problemas quer com um outra pessoa quer consigo mesmo. Estas estratégias resultantes dos vários conflitos são importantes para o desenvolvimento não só social mas também moral das crianças e para que futuramente sejam capazes de avaliar, reagir e antever as consequências de cada comportamento tido.

Ainda que, seja o papel do adulto transmitir várias formas de resolução de conflitos e por vezes representar um papel de mediador é importante que sejam as crianças a resolverem os conflitos por si, desde que estas possuam, maturidade, estratégias e capacidade de resolução.

Por vezes é também importante que o adulto tome uma atitude de desvalorização de algumas situações, como por exemplo uma birra, contudo mesmo ignorando é essencial conversar mais tarde sobre o assunto de forma a transmitir novas estratégias e assim ajudar a que não existam futuramente obstáculos no desenvolvimento social e moral da criança.

Algumas das estratégias que devem ser utilizadas e transmitidas às crianças são por exemplo, as conversas, entre os intervenientes do conflito, onde se tentam compreender e respeitar as várias opiniões, diálogos em grande grupo ou ainda jogos. Contudo, uma estratégia muito eficaz, a ver da psicóloga é o uso da afetividade, sendo que, o afeto está por detrás de todas as atitudes e comportamentos.

Sendo que as crianças aprendem com o exemplo dos adultos, uma criança criada num ambiente positivo aprende esses mesmos afetos positivos e torna-se capaz de transmiti-los, enquanto uma criança num ambiente oposto necessita por vezes mais de afeto e ajuda para encontrar formas de obter o que pretende.

A família, juntamente com a escola, articuladas, são capazes de ajudar a desenvolver, de melhor forma a criança, visto que desta forma existe a possibilidade de compreendê-la como um “todo” e adequar estratégias para que as medidas sejam tomadas em conformidade, tornando-se um ambiente mais seguro para a criança.

## **ANEXO I - GUIÃO DE ENTREVISTA AO TÉCNICO**



<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Formulário de questões</b>
Legitimação da entrevista	Legitimar a entrevista	<p>Motivar o entrevistado;</p> <p>Informar sobre o trabalho em curso e o objetivo da entrevista;</p> <p>Assegurar o carácter confidencial e anónimo dos dados;</p> <p>Pedir autorização para gravação áudio.</p>
Técnico	Caracterizar o percurso profissional do técnico	<p>Há quanto tempo exerce as funções como diretor Pedagógico do ATL?</p> <p>Qual a relação da sua atividade com a prevenção primária ao nível do pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico?</p>
Conceções sobre a valorização dos afetos no pré-escolar	Compreender qual a opinião do técnico sobre a valorização dada, a afetividade, dada no pré-escolar	Considera que as escolas, de um modo geral, se preocupam com a dimensão afetiva?
Meio e Grupo	Compreender qual a opinião do técnico sobre a influência do meio e do grupo no aparecimento de conflitos	Considera o meio e o grupo, como um fator possível propício de conflitos? Porquê?
Noção de conceitos básicos	Conhecer a opinião do técnico sobre a noção de conflito e de afetividade	<p>Na sua opinião, qual a definição de conflito?</p> <p>Na sua opinião, em que consiste o conflito?</p>

		<p>Na sua opinião, qual a definição de afetividade?</p> <p>Na sua opinião, em que consiste a afetividade?</p>
Os conflitos entre as crianças	Conhecer a opinião do técnico sobre a ocorrência de conflitos e a sua importância	<p>Porque pensa que ocorrem os conflitos entre crianças? Na sua opinião, em que ocasiões ocorrem maioritariamente?</p> <p>Qual o papel que os conflitos desempenham no desenvolvimento social/moral das crianças? Porquê?</p> <p>A seu ver, a partir de que ponto é que os conflitos podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral das crianças?</p> <p>Qual a importância, na sua opinião, de serem as crianças a resolverem os conflitos por si?</p>
Papel do adulto na gestão de conflitos	Conhecer a opinião do técnico sobre o papel do adulto na gestão de conflitos	Como devem as crianças, na sua opinião, ser ajudadas a resolver as situações de conflito entre elas?



		Devem ser desvalorizadas algumas situações de conflito? Qual ou quais?
Afetividade do adulto na gestão de conflitos	Conhecer a opinião do técnico sobre a afetividade do adulto na gestão de conflitos	<p>Considera importante o uso da afetividade para a resolução de conflitos? Porquê?</p> <p>Qual a importância da afetividade do adulto para a criança?</p>
Articulação Escola-Família	Conhecer a opinião do técnico sobre a articulação escola-família na gestão de conflitos	<p>Considera importante a articulação escola-família? Em que sentido?</p> <p>E a articulação escola-família na resolução de conflitos?</p>
Experiência pessoal	Conhecer a opinião do técnico, tendo em conta a sua experiência profissional, estratégias para a resolução de conflitos	<p>Que tipo de estratégias utiliza para a resolução de conflitos?</p> <p>Quais as que considera fundamentais para a resolução dos mesmos?</p>



**ANEXO J - TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA REALIZADA AO  
TÉCNICO**



## Transcrição da Entrevista ao Técnico

1 **Técnico** – Há uma, há uma, portanto eu sou coordenador pedagógico de um ATL, portanto  
2 está ligado ao tempo livre que uma criança tem e só aí faz toda a diferença entre o tempo,  
3 porque um educador, um professor tem tempo letivo e portanto tem muitos objetivos muito  
4 específicos que vão muito direcionados às competências escolares, apesar de no jardim-de-  
5 infância haver regras que dizem que não é para ensinar letras que não é para ensinar números,  
6 portanto é para experienciar os afetos, por exemplo, é uma das áreas. Há inclusive  
7 regulamentos principais de câmaras municipais que dizem que se deve dar oportunidade em  
8 tempo lúdico da criança escolher o que entende fazer, ter essa capacidade de escolher. Eu  
9 acho que um dos grandes problemas é que o educador não faz a mínima ideia do que é a  
10 afetividade e qual é a força da afetividade na resolução de conflitos ou apenas e só na  
11 aplicação de conteúdos escolares e nos resultados que podem vir e nos resultados do uso do  
12 afeto. Eu pessoalmente acho que é possível, é possível termos uma criança formada  
13 academicamente, formar criança que depois vai ser adulto academicamente, mas que depois  
14 vai ser infeliz. Acho que, é possível melhores resultados escolares e a criança bem estruturada  
15 afetivamente.

16 **Entrevistador** -- Com satisfação pessoal também...

17 **Técnico** – Que depois junta todos os mundos internos que nós temos. Portanto, agora penso  
18 que é claro que se dá muito pouca importância ao interno ao locus interno. Fala-se muito  
19 sobre o locus externo e quando é o tema, quando é os afetos, na resolução de conflitos é claro  
20 que as respostas, penso eu, se não me vou enganar muito, de que as respostas da parte de  
21 quem ensina conteúdos escolares, diz que a responsabilidade está direcionada à criança  
22 direcionada à família e muito pouco ao eu, o eu enquanto educador, porque eu é que estruturo  
23 o local onde está a criança. Se eu estruturo bem, com afeto, a resposta que ela me vai dar é  
24 afeto portanto claro que há outras coisas adjacentes, depois ponto a ponto podemos falar  
25 especificamente sobre isso, mas parece-me a mim que foi o que a M. disse primeiro que é as  
26 respostas foram muito vagas, são vagas porque se sabe pouco e quando se sabe não se quer  
27 saber. Porque eu ontem falava com um sobre uma situação na nossa escola, em que  
28 claramente não se quer saber porque não se quer envolver. Envolver-se é obrigatório. Somos  
29 obrigados a envolvermo-nos emocionalmente. Afetividade, isso dá muito trabalho interno  
30 nosso, mais do que trabalho de papéis que desgasta-nos emocionalmente e maior parte

31 infelizmente a estrutura está montada para do portão para fora é a minha vida pessoal. Não  
32 quer dizer que não tenha de ser assim, mas tem de se resolver as coisas antes do portão.  
33 Portanto não se pode ir embora, com a questão conflito, problema continuar a persistir e não  
34 se ver nem sentir as estratégias para a resolução da questão. Sai-se do portão para fora e o  
35 problema já não é meu. Isto sente-se muito nas escolas.

36 **Entrevistador** -De forma a iniciar um pouco de forma a perceber um pouco de si e de onde é  
37 que surgiu a sua opinião, há quanto tempo é que exerce estas funções de diretor pedagógico  
38 do ATL?

39 **Técnico** – Eu sou coordenador pedagógico desde 1999 portanto sou um pouco dinossauro, já  
40 ca ando há 16 anos mais ou menos. Eu começo com o meu mundo, eu detestava a escola,  
41 portanto eu não queria a escola. Cheguei aos 18 anos e decidi que ia trabalhar, já tinha muito  
42 fixo que quero ir trabalhar portanto é fazer o mínimo obrigatório e ir há minha vida. Nunca fui  
43 de faltar à escola, respeitei sempre o conceito de escola, nunca fui expulso, nunca fui para a  
44 rua e fui um aluno sempre de tirar o 10 e se pudesse ter o 9,9 já estava porreiro. Portanto  
45 escola era aquilo que eu não queria, mesmo nem sequer constitui dentro da escola grupos de  
46 amigos, foi sempre externo à escola. Clubes desportivos, os amigos de rua, esses foram de  
47 facto as minhas, os meus alicerces afetivos. Nunca na escola. Há pouco tempo pensava porque  
48 é que eu não fiz isso, porque provavelmente dentro da escola há uma competitividade cruel,  
49 em que nós estamos sempre a olhar para o que o outro teve enquanto no grupo de amigos de  
50 rua e do clube é instigado a ser um grupo e a olharmos uns pelos outros com as diferenças que  
51 todos nós temos e aí parte do princípio de uma afetividade positiva que é olhar para o outro de  
52 uma forma simples de não esperar... eu não posso esperar da M. nada eu só posso esperar de  
53 mim mesmo, da pele para dentro da minha pele para fora eu não domino nada, não posso ter  
54 esse fetiche de que eu consigo saber o que é que a M. está a pensar, é um erro, e nas escolas  
55 usa-se muito esta questão que é eu sei o que é que o outro está a pensar. O outro é que é  
56 responsável pela situação, o tal locus externo e é precisamente o contrário, se eu tiver um  
57 princípio que da pele para dentro mando eu e mesmo assim com as dificuldade que todos  
58 temos, não conseguimos controlar às vezes e se eu entender que a M. é a dona da sua pela  
59 para dentro, eu vou falar com a M. e não vou esperar nada da M. que não seja a verdade e  
60 portanto este jogo de interesses vai sempre encaixar porque nunca vamos ter expectativas um  
61 do outro e isso estrutura, ao contrario do que possa parecer porque toda a gente se lança para  
62 cima da mesa...

63 **Entrevistador** -... E aí ninguém cria expetativas.

64 **Técnico** – As expetativas são terríveis, quando eu tenho um grupo de crianças e crio  
65 expetativas de alguma coisa a grande probabilidade é de eu me frustrar porque primeiro,  
66 teima-se em Portugal em construir projetos antes de se conhecer grupos não posso, não faz  
67 sentido. Se eu não conheço o grupo eu não posso construir um projeto, portanto eu primeiro  
68 tenho de conhecer o grupo e depois então é que construo o projeto. E mesmo assim, e mesmo  
69 assim eu não posso fechar o projeto porque durante o ano vai haver muitas alterações das  
70 crianças e minhas próprias porque eu sou um ser, que sinto e que posso ter alterações na  
71 minha vida pessoal que possam mexer com alguma coisa isto no que diz respeito aos afetos  
72 como é óbvio, e portanto tem que se acabar, na minha opinião, de se fazer projetos à imagem  
73 do educador e do professor ou da escola ou do agrupamento ou do estado, do governo ou do  
74 país porque tem de se olhar para o individuo como individuo e criar um projeto à imagem do  
75 grupo e do individuo. Claro que não é fácil criar um projeto que contemple 26 almas ou 27  
76 almas que são as nossas crianças. Agora que é possível vê-as todas e construir algo em  
77 comum, porque há de haver pormenores em comum eu acho, que é possível. Isto para voltar  
78 há questão, eu não queria estudar, comecei a trabalhar cedo e por uma experiencia aos 16 anos  
79 soube que precisavam de monitores para colonias de férias e todos os técnicos que trabalham  
80 na educação deviam experimentar ser técnicos animadores, monitores de colonias de férias,  
81 porquê? Porque trabalham com grupos completamente desconhecidos. É do género eu tenho  
82 uma listagem hoje e amanhã eles aparecem e eu não sei quem é o pai a mãe o avô, a tia, etc.,  
83 portanto só aí eu tenho um filtro que é não tenho possibilidade de dizer que aquela criança se  
84 comporta mal por causa da mãe ou do pai, eu não conheço, obriga-nos a um trabalho  
85 suplementar de conhecer as crianças, de conhecer os jovens e foi isso que aconteceu. Fui fazer  
86 uma experiencia que era aprender o que era a praia, apanhar sol mas depois com uma situação  
87 eu e o colega que estava comigo perdemos uma criança entre aspas, quando saiu da água em  
88 vez de ficar a nossa espera foi para a toalha, e tava perdido, na nossa organização estava  
89 perdido e quando chegamos ao local da partida a responsável, a coordenadora da colónia deu-  
90 nos uma grande reprimenda ou seja cascou-nos em grande de tal forma que eu disse, nunca  
91 mais desta forma eu vou errar e isto se por acaso for o caminho eu vou ser bom naquilo que  
92 faço e pronto as coisas proporcionaram-se para eu trabalhar para um ATL portanto fui  
93 monitor de ATL, não tirei formação académica, não tenho formação académica, tenho  
94 formação profissional na área da animação e da prevenção e acho que a prevenção é o

95 caminho e portanto comecei nestas andanças de monitor de ATL até que fui convidado para  
96 ser coordenador pedagógico desta associação de pais e aqui estou desde 99.

97 **Entrevistador** - Qual é a relação da sua atividade com prevenção primária, tanto a nível do  
98 primeiro ciclo como do pré-escolar?

99 **Técnico** – A relação é total porque quando nós defendemos que o brincar é o principal  
100 instrumento que deve ser trabalhado com a criança a relação é toda. O tempo livre deve ser  
101 usado com as nossas crianças e mesmo os conteúdos escolares devem ser dados através de um  
102 método que motive, motivação é afeto. Pronto, é uma das formas, eu costumo dizer que não  
103 tenho falta de motivação, tenho é preguiça portanto, não há falta de motivação, há é preguiça  
104 ou há vontade não fazer nada. São coisas, a questão da motivação é relativa nós podemos  
105 estar aqui a discutir 200 horas do que é que é motivação, é dinheiro, é ser reconhecido, é ter  
106 um nome por baixo de um texto, é aparecer na televisão com certeza que se nós enchesse-mos  
107 esta sala, cada um diria que a sua motivação seria diferente conforme as nossas crenças a  
108 cultura a educação, a nossa idade porque um jovem de 20 anos terá uma motivação  
109 completamente diferente de mim que tenho 40. A palavra motivação é usada que é um afeto é  
110 uma atitude, uma afeto uma emoção, pois, porque a afetividade mistura uma serie de emoções  
111 e sentimentos e atitudes comportamentos, etc. A motivação justifica tudo, a M. tava há pouco  
112 a me dizer acaba e não sei se tenho trabalho. E se eu dissesse tem ali um grupo de crianças,  
113 dou-lhe 300 euros por mês e a M. dizia logo uau quero. E trabalhava 8h por dia e depois  
114 temos pessoas que estão no terreno há 20 anos que ganham um valor bastante elevado, 1000,  
115 1200, 1500, 2000 euros e depois dizem que há falta de motivação que não dão condições  
116 para... Portanto aqui claramente não há na minha opinião, há uma descrença na missão  
117 principal de um professor de um educador é ensinar que depois é recompensado. Quem vem  
118 para esta área sabe o que é que a área gasta tanto eu tenho colegas, tenho técnicos de ATL  
119 alguns com formação académica que ganham 550 euros, trabalham 8h por dia, entram as 7h  
120 da manha e saem as 19h da noite e fazem projetos deliciosos. Qual é a recompensa?  
121 Gostavam de ter mais dinheiro é um facto mas que entendem que as sementes que estão a  
122 colocar vão dar fruto não tenho duvidas que sim. Portanto a relação, eu faço uma relação de  
123 tempo livre, lúdico e prevenção. A prevenção e costuma-se falar muito da prevenção  
124 toxicodependências, não é nada mais nada menos que falar de afetos e de usar afetos. Nos  
125 podíamos com um grupo de 10, 12 pessoas fazer dinâmicas que se percebe que se trabalha  
126 determinadas áreas de conflito e por exemplo de uma forma que as crianças ou jovens nem  
127 percebem que estão a trabalhar isso de uma forma lúdica onde motiva e sim motivar, dar



vontade de fazer parte de alguma coisa fazer-se sentir-se parte integrante de um projeto que é muito importante que muitas vezes alguns agentes educativos sentem que não fazem parte ou que são mais um instrumento, só mais um dentro de uma escola... e isso tem que se acabar e tem-se que acabar na minha opinião por dois caminhos ou porque as pessoas entendem de facto que o caminho é a sensibilidade e mostrar-lhes o caminho correto ou então é por uma forma de obrigação. É dizer para fazer assim e ponto. Hoje é um dia que se está a comemorar pelo país inteiro o dia do pijama e para mim não é dia de prevenção nenhum. O dia do pijama devia ser todos os dias, mas é óbvio que tinha de haver um dia de referência, mas de que é que vale fazer hoje o dia do pijama se depois eu amanhã deito comida fora? Nós estamos já a falar de crianças com dificuldades e sem famílias... amanhã alguém vai agarrar em alguma dessas crianças e vai passear, vai à praia, ao museu...

**Entrevistador** - É um ato isolado...

**Técnico** — Vamos dar dinheiro para quê? Se calhar era melhor hoje toda a gente refletir e amanhã toda a gente ia a uma instituição acolher uma criança e passear e dar-lhe um almoço digno e ir a um museu. Portanto, faz-se momentos pontuais de prevenção mas depois na prática o que é que isso representa? Quem é que avalia? Que consequências, dinheiro... Andamos à volta do mesmo... Dinheiro, dinheiro, dinheiro. Por isso acho que o caminho e os professores... Há duas semanas atrás uma professora desta escola pediu-me para ir dar uma aula ao ar livre... Nós temos passeios pedestres construídos aqui em B. já definidos, são três caminhos já definidos, são determinadas áreas da freguesia com características específicas da nossa vila e a professora agarrou, saímos às 10h da manhã e chegamos às 17h da tarde... Eles trabalharam matemática, estudo do meio, língua portuguesa, trabalharam cultura, trabalharam características, trabalharam a história, trabalharam uma série de coisas... Aqueles miúdos aprenderam mais em seis horas naquela aula do que num mês de aulas numa sala de aula, isto porque a professora optou por uma aula há imagem deles, há imagem de um grupo de crianças que é isso que eles são.

**Entrevistador** - O estímulo era outro...

**Técnico** – Estímulos, motivações porque eles andaram cerca de sete quilómetros a pé, eu não vi um a queixar-se. Há que promover dinâmicas e quando se estrutura o projeto, depois de conhecer o grupo... Uma das coisas é oferecer-lhes novidade, oferecer-lhes criatividade. Como é possível querer-se que uma criança tenha capacidade criativa se nós lhes prendemos os braços e a mente? Uma vez tive uma colega que fez o disparate do tamanho de um planeta

que foi: deu umas folhas com uns belos desenhos, aquelas folhas que todos nós fazemos, faz de conta do pai natal, e na altura até acho que era do outono. Deu a folha da árvore e depois pegou numa caneta castanha e fez traços em todos os troncos e ramos da árvore, ou seja, aquilo é para pintar de castanho. Porquê? E se a criança Y queria que a árvore fosse amarela? A verdade dela é a minha mentira? É o contrário? Uma criança desenha o sol azul... Porque é que o sol não pode ser azul? Ele vai perceber, não hoje, não amanhã, depois de amanhã... Ele vai perceber que o sol é amarelo, ou não, as vezes é amarelo, as vezes é laranja, às vezes é cor de rosa, sei lá... Porque é que eu hei-de bloquear a criatividade daquela criança? Depois é tudo o que é criativo é para deitar fora, as crianças não são computadores, as pessoas têm que se mentalizar que as crianças não são computadores. É fácil meter um computador nas mãos para distrair crianças mas elas não são um computador. Mas nós formatamos crianças. A estrutura escola e sociedade está de tal modo modelada que a criança entra naquele padrão e é formatada. Portanto dar oportunidade para cada um ser o que é à sua imagem. Goste-se de arte, goste-se de matemáticas, goste-se de ciência, goste-se de varrer a rua... Eu tenho uma filha e prefiro que ela seja varredora de rua, que é uma posição muito digna porque infelizmente em Portugal há pouca cidadania e continuam-se a sujar ruas, porque alguém tem de fazer o trabalho que os outros deviam prevenir mas que seja feliz... Do que seja uma psicóloga ou uma arquiteta e seja uma miúda infeliz. E isto ela sabe e os pais têm obrigação e os professores de lhes dizer as coisas como elas são... E há pouco tempo dizia-lhe B. eu prefiro que tu... Deu-me uma mentira normal, porque faz parte... E eu disse que... Prefiro que tenhas maus resultados na escola do que me mintas. Mentir faz com que tu não sejas uma pessoa, és uma coisa. Não tens resultados... hoje não estão amanhã vão ser, e se nunca for paciência é porque não tinha que ser. Tens de te esforçar como é óbvio. Portanto a minha relação com o trabalho é, eu uso o meu trabalho para colocar sementes, na minha equipa técnica, nas crianças e nas famílias, sendo que eu tenho o meu conceito que da minha pele para dentro mando eu... eu sei que daquela semente... eu sei que aquela semente depende de uma série de coisas...

**Entrevistador** - E essa série de coisas pode ser por exemplo o meio e o grupo? Foi uma das coisas que me questionei no meio onde estagiei se seriam um fator propício ao conflito.

**Técnico** — Isso é uma pergunta, uma resposta para mais de 200 horas. M. repara numa coisa, há escolas no meio de bairros sociais que têm resultados fantásticos e ninguém pergunta porquê. Há escolas no meio de bairros sociais com resultados muito dramáticos e com uma série de conflitos com crianças, famílias, professores, etc... Há de tudo. O que se faz é, não se

193 tenta perceber. Porque é que onde há grupos de risco, no meio de bairros sociais por exemplo,  
194 porque é que há escolas que têm bons resultados? Tem que se perceber e aí para mim é claro.  
195 E até porque eu conheço um caso de uma escola aqui perto de nós, em que a escola está  
196 inserida num bairro extremamente complexo e onde tem resultados brutais, tem projetos  
197 maravilhosos, onde consegue envolver as famílias mesmo as destruturadas, mesmo as ditas  
198 que vivem nas barracas ou que não há pai, não há mãe ou que o pai tá preso ou o quer que  
199 seja. Portanto é possível, o que é que eles fazem? Fazem projetos motivadores. Não faz  
200 sentido que uma criança, que o pai tá preso por droga e a mãe está na prostituição e vive com  
201 os avós que são as melhores pessoas para deixarmos os nossos filhos mas são os piores  
202 educadores porque mimam, como não mimaram os filhos, que é natural. É quase impossível  
203 que estas crianças tenham vontade de estarem sentadas numa cadeira... o que lhes é feito  
204 nessa escola que conheço é darem-lhes projetos que lhes permitam experienciar, como já os  
205 levaram à equipa nacional de cadeia de rodas, convidaram o Figo para dar a experiencia de  
206 pessoa que deixou o futebol e contruiu uma vida e que não foi daqueles que ganhou muito  
207 dinheiro e estoirou e não destruturou a vida... Como lhes dão tarefas da comunidade, com a  
208 junta de freguesia onde existem trabalhos feitos por eles... Uma série de projetos que são  
209 integradores. Portanto, eu não posso ter logo à partida um projeto, mas claro tem a ver com o  
210 problema de fazer projetos antes de conhecer o grupo. Eu não posso ter à partida um projeto  
211 de vai limitar determinadas crianças e jovens porque aí é natural que num grupo de vinte e  
212 cinco se não mais que existam crianças com dificuldades e pouco motivadas e que vão  
213 incomodar uma turma. É óbvio que vão haver conflitos, é óbvio que vão haver poucos  
214 resultados, porque as coisas não são pensadas antes. São atalhadas, são feitos muitos atalhos.  
215 Para teres uma ideia eu gosto muito das pirâmides, justificam muita coisa. Uma pirâmide tem  
216 uma base, não se constrói pirâmides ao contrário porque ela cai. Portanto as crianças, as  
217 escolas deviam ser como as pirâmides. São a base de tudo e depois vai-se crescendo. No  
218 nosso agrupamento há uma escola que tem uma população dividida entre raça cigana, raça  
219 cabo Verdiana e guineense e branca. Vou-lhe chamar assim sem qualquer tipo de  
220 preconceitos, ate porque é uma escola onde mais prazer me deu estar presente no projeto  
221 “Missão gostar” que é um projeto de prevenção que nós temos. Foi a escola mais  
222 enriquecedora porque o que nós fizemos foi: Agarrar nas diferenças e unir os pontos. O que  
223 habitualmente se faz é usa-se as diferenças para separar pontos, para se justificar porque é que  
224 não se tem resultados. Porque a guineense não percebe, porque a cigana só vai à escola para  
225 receber o subsídio. O locus externo, eu como técnico, professor, animador, o que quiserem  
226 chamar... eu não tenho nada a ver com isso, eu até estou ali porque caí ali, portanto, enquanto

227 tivemos esta postura não vamos consegui chegar lá à frente, porque eu tenho que assumir o  
228 meu papel não sei se o grupo vai corresponder lá está... mas eu tenho que ter a noção que  
229 criei-o à imagem do grupo e não há minha. É claro que depois isso inclui os nossos saberes e  
230 o nosso conhecimento mas eu tenho de perceber quem é que eu tenho à frente. Não posso  
231 falar de pais, não posso falar da morte sem tentar perceber se tenho crianças que os pais  
232 tenham morrido. Tenho que saber, tenho que conhecer, tenho que me informar para depois  
233 poder abordar a questão.

234 **Entrevistador** - A conversa passa muito pelas motivações pessoais, interesses, sentimentos e  
235 duas palavras que eu considero chave no meu tema foi a afetividade e o conflito. Sendo que  
236 são definições muito abrangentes, mas na sua opinião como caracterizava e qual a sua  
237 definição de conflito e em que é que consiste?

238 **Técnico** — Eu primeiro divido conflito em duas áreas. O meu conflito e o conflito dos outros.  
239 O locus interno e o locus externo. Eu vou, e desculpa dar-te exemplos pessoais, mas com eles  
240 nós vamos aprendendo. É sabedor na minha opinião e aqueles que utiliza os aspetos pessoais  
241 para refletir. Um dia destes numa hora de trabalho em casa com a minha filha... Exaltei-me  
242 passei me completamente da cabeça, gritei e bati com a mão na mesa...ela chorou, fez o  
243 trabalho. No dia seguinte a caminho da escola, vínhamos a falar e ela disse-me: possa pai  
244 ontem exaltaste te muito e eu sim, não é verdade filha e ela ficou a olhar para mim e eu disse  
245 não eu estava zangado era comigo mesmo porque não estava a conseguir fazer aquilo que tu  
246 tinhas que fazer e esta errado porque eu não estou dentro da tua cabeça. Eu tenho de exigir  
247 aquilo que eu sei e tu exiges aquilo que tu sabes e portanto quando eu bati com a mão na mesa  
248 e gritei não estava a gritar e a bater com a mão para ti era para mim só como também nos  
249 andamos distraídos. Portanto conflitos, não há conflito com uma única pessoa teoricamente há  
250 um conflito de duas ou mais pessoas eu pessoalmente acho que o conflito começa com nós  
251 próprios. Portanto eu se tiver chateado tenho a mania que tenho de influenciar o outro.  
252 Portanto a maior parte dos conflitos se nos fossemos a espremer muito bem o conflito tinha  
253 origem normalmente em 80% das situações em nos próprios. Portanto se nos resolvêssemos o  
254 nosso conflito não havia conflito com o outro. Para mim e claro e isto sente se nas crianças e  
255 uma criança não dá um pontapé na porta porque lhe apetece ele não sabe fazer de outra  
256 maneira a criança não sabe fazer de outra maneira porque viu o pai zangar se com a mãe  
257 vamos imaginar e chega a gastar energia só que não sabe gerir isso por isso o conflito dela  
258 manifesta se na porta e que depois vem o funcionário da escola e que há conflito porque ele  
259 deu um pontapé e o funcionário só se preocupa com o pontapé não se importa porque e que

260 deu o pontapé nem tenta ouvir portanto ai há um conflito portanto há duas pessoas que tem  
261 estão em dimensões opostas e dimensões em estádios em estados de emoção diferentes que e  
262 aquela criança que deu o pontapé está frustrada por alguma coisa o auxiliar está zangado  
263 porque se deu um pontapé numa porta e não há encaixe e chocam. Portanto há choque de  
264 afetos de atitudes, de sentires e não há encaixe... Bastava só o adulto que é teoricamente o  
265 mais racional mudar um bocadinho e já encaixava e aproximavam se... e os dizem os livros  
266 temos uma barreira na nossa pele de 20cm, ou seja eu não tenho a confiança suficiente para  
267 chegar e tocar-te... pois é aqueles tais 20cm, que nos protegem, é como se fosse uma  
268 armadura que nos protege de nos atingirem. Portanto, somos muito fortes e colocamos essa  
269 armadura. Nas crianças essa armadura está sempre aberta. Há sempre qualquer coisa, há um  
270 ponto neles que nós conseguimos entrar, temos é que ser inteligentes, temos é que perceber o  
271 porquê, temos é que lhes dar oportunidade de se manifestarem. Esses afetos, essa afetividade,  
272 de alguma forma, o conflito, a maior parte das vezes é potenciado porque alguém ainda lança  
273 madeira para o fogo. Portanto, se uma criança estiver a dar um pontapé a uma porta e eu a  
274 abraçar e ao ouvido com uma voz calma disser “queres falar comigo?”, há primeira vez ela  
275 não vai ouvir porque não está habituada a isso, há segunda já duvida, há terceira fala. Agora  
276 nós estamos habituados, aos conflitos, aos choques, só vai mudar quando o adulto entender  
277 que tem que rodar e encaixar. Encaixar é aproximar-se, é quebrar a barreira dos 20%,  
278 dizermos assim, a minha barreira pode ser partilhada, desde que seja com uma noção do que  
279 estamos a fazer, é vir um pouco ao mundo da criança, cá a baixo, ter noção que nós somos  
280 adultos e temos que nos transformar em crianças para poder entender o que vai nele, porque é  
281 difícil. Eles às vezes nem sequer conseguem explicar o que é que sentem, portanto para mim é  
282 claro que a maior parte dos conflitos, eram resolvidos se a pessoa primeiro se resolvesse a ela  
283 própria primeira. Isto nos adultos técnicos, depois nas crianças, é natural, eles estão em  
284 processo de evolução e crescimento e a mente deles é um bocado como a dos  
285 toxicodependentes é o aqui e o agora. Se tu disseses agora a uma criança, que entra aqui agora  
286 “Olha António queres um chocolate agora, ou há noite cinco?”. Ela vai querer agora, porque  
287 ela não tem noção. Ela até pode ter noção de que até há noite está quase mas ela quer o agora,  
288 o imediato. É o prazer imediato e o toxicodependente é assim, vive o agora e o agora e não  
289 interessa o amanhã. Depois há a espiral do consumo no caso dos toxicodependentes, depois o  
290 super eu, depois passo o efeito, fico frustrado, consumo, super eu, frustrado... portanto é um  
291 ciclo. As crianças são um bocado assim por isso nós temos de ter a capacidade de entender o  
292 que eles têm e é normal que o mecanismo de resposta a uma provocação seja de provocação.

293 Nós temos é que ser o exemplo, dar-lhe, deixá-los experimentar, como pode ou não ser feito.  
294 Trabalhar o ouvir o outro.

295 **Entrevistador** – Então acha que os conflitos ocorrem maioritariamente principalmente por  
296 nós e então depois pelos outros?

297 **Técnico** – Não, o meio envolvente é importante não podemos dissociar-lhe. Eu considero que  
298 há o eu os outros e comunidade neste sequencia por isso o dizer-lhe que o conflito para mim  
299 começa sempre no nosso dentro de nos depois tem o outro e depois tem a comunidade é a  
300 envolvência que esta a volta com certeza que é porque que há pessoas que tiveram sucesso em  
301 varias áreas da sociedade e eram e bairros sociais. Porquê? Porque tiveram sorte? Não me  
302 parece!

303 **Entrevistador** – Só sorte...

304 **Técnico** - Não pode ser só sorte. Conquistar o seu espaço e portanto é obvio que uma escola,  
305 aqui já falamos de outra coisa que é escolas estruturadas não se pode, ou seja escolas que não  
306 exista estrutura não se pode crer que exista crianças estruturadas é obvio que se vai refletir. Se  
307 não há um acompanhamento no intervalo, se não há estratégia no acompanhamento de  
308 intervalo é obvio que o intervalo vai ser anarquia mas, está-se a espera do que crianças quem  
309 não gostava de subir as árvores não havendo arvores sobe-se as redes, se houvesse arvores  
310 subia-se as arvores portanto quem não gosta de pegar em pedras e brincar com pedras porque,  
311 porque não há bolas, não há balizas ou quando há não é estimulante portanto a nossa escola  
312 tem 25 bicicletas e nos intervalos são usadas zero vezes. Não tenhas duvidas nenhuma que se  
313 eu agarrasse nas bicicletas e as pusesse lá em baixo tinha uma fila de cinquenta crianças atrás  
314 para andarem de bicicleta. O que é q isto faz, faz com que minimize os conflitos, minimize os  
315 acidentes e maximize o respeito de esperar na fila, o respeito

316 **Entrevistador** – A compreensão...

317 **Técnico** - Compreensão.

318 **Entrevistador** – Partilhar.

319 **Técnico** - O fazer desporto, partilhar a saúde física e podíamos falar de todos o benefícios s  
320 que trás. Agora se eu tenho um recreio que não é vigiado e quando é vigiado é mal vigiado e  
321 não há instrumentos de motivação é natural que os conflitos existam porque uma criança traz  
322 uma bola de futebol a bola é dela. Mas se a escola tiver a regra de que quem trás a bola e a  
323 bola é de todos como é no ATL que coordeno. No ATL o que eu coordeno é que quando uma

324 criança trás um brinquedo, o brinquedo é de todos e o primeiro que disser que o brinquedo é  
325 meu eu digo que é teu do portão par fora e que aqui dentro o brinquedo é de todos. Vás ter  
326 duas hipóteses ou vais meter dentro da mala ou todos podem brincar. Portanto, há regras  
327 algumas são ditadoras chamemos aquilo, mas nos felizmente temos professores diferentes,  
328 culturas diferentes, educações diferentes e se não houver uma regra de uma conduta e de uma  
329 diretriz é uma autarquia.

330 **Entrevistador** – A tal estruturação...

331 **Técnico** - Completamente.

332 **Entrevistador** - Então acha que os conflitos ocorrem nas crianças maioritariamente quando  
333 existe estruturação?

334 **Técnico** - Isso mesmo, vai haver sempre conflitos. O conflito não deixa de existir ate porque  
335 já vi que há ai uma pergunta a frente que se é ou não o conflito é muito importante para as  
336 crianças é aquela que nos ajuda em que no futuro eu saiba responder ou não a uma  
337 provocação de um adulto portanto vai depender se eu tenho um pai que passa a vida a insultar,  
338 vai no carro e passa alguém e faz não sei o que e passa a vida a chamar e a mostrar os dedos  
339 da asneira, aquela criança é naturalíssimo porque as crianças aprendem oitenta por cento  
340 daquilo que veem e veem por aquilo que se diz portanto o pai faz a asneira e diz nunca faças  
341 isto é fumar faz mal esquece eles memorizam o nosso cérebro tem uma lógica, eles  
342 memorizam aquilo que via ficar para o futuro portanto os conflitos vão existir sempre, fazem  
343 parte são estruturantes mas estamos a falar de conflitos estruturantes conflitos normais em  
344 crianças que se frustram que é normal a criança ficar frustrada é importantíssimo que a  
345 criança sinta momentos de frustração. Há dados que dizem que o maior consumo de drogas  
346 esta entre os trina e quatro e quarenta anos. Porque que será? Na minha opinião e de alguns  
347 entendidos da matéria eu sou só um simples curioso é que ate lá era tudo muito bonito, a vida  
348 era fantástica, nunca havia problemas, havia trabalho, mas depois quando há problemas em  
349 volta, divórcios, desemprego, conflitos sociais eu senti-mo desamparado e não sei o que sei de  
350 fazer e frustro-me vou para a frustração portanto tenho vários caminhos ou recorro ou ajuda  
351 medica ou vou para as dependências. Por exemplo, o conflito é estruturante desde que esteja  
352 dentro de um meio estruturante porque o conflito permite a criança saber se defender, saber  
353 alegar, saber reproduzir o que pensa e o que não pensa, brincar com a justiça e com a injustiça  
354 e brincar mesmo com a justiça e a injustiça, portanto permite marcar a sua posição, permite

355 fazer parte de um grupo. Portanto, o conflito para mim se for dentro de um contexto  
356 estruturante só há vantagens nisso

357 **Entrevistador** – A partir de que momento é que começa isso começa a ser um obstáculo para  
358 o desenvolvimento da criança social e moral. É a partir do momento que a criança sente  
359 frustração?

360 **Técnico** - Não, eu acho que a frustração faz parte, acho que tem que existir. Nós temos  
361 atividades, nos temos um projeto que é de prevenção que é a viagem de finalistas dos quartos  
362 anos é três dias nós levamos as crianças para fora de B? Para longe das famílias, longe da  
363 família tira-lhes a zona de conforto e isso é um dos problemas dos adultos é que eu conheço  
364 esta cadeira opa esta cadeira sento-me mesmo bem, mas se eu for ter com a Maria noutro  
365 local em que a deixa é diferente eu vou estar ansioso o tempo todo porque não é a minha zona  
366 de conforto e na nossa zona de conforto somos os super heróis a grande diferença entra um  
367 super heróis a serio e os super heróis a brincar é a minha capacidade de me adaptar a zonas  
368 diferentes. Desconforto, a zonas de risco e portanto nos tiramos as crianças da zona de  
369 conforto para experimentar frustrações e há resultados incríveis há situações incríveis de  
370 perceber que a criança não está minimamente preparada para entrar no segundo ciclo. Porque  
371 nunca lhes foi permitido frustrar. Os conflitos foram sempre resolvidos pelo adulto.

372 **Entrevistador** - Então acha que é importante que as crianças resolverem só conflitos por si  
373 próprias?

374 **Técnico** - Completamente, agora volta a dizer M. que é num local, numa entidade, numa  
375 escola colégio ou jardim-de-infância estruturante perfeitamente seguros, num local sem  
376 estrutura é perigoso. É perigoso porque depois advém de todo o lado provocado risco a  
377 prevenção deve ser fatores de prevenção e fatores de risco e o equilíbrio do indivíduo vê-se no  
378 equilíbrio dos fatores de risco e de prevenção quanto mais fatores de prevenção eu tiver  
379 menos fatores de risco eu tenho mesmo que eles estejam minha volta eu posso viver num  
380 meio de um bairro onde oitenta por cento consome droga e cinquenta são traficantes e portanto  
381 e eu nunca ter experimentado porque os meus fatores de prevenção, o gosto pela vida, o saber  
382 dizer que não, o ter passado por experiências negativas que me ajudaram a ficar forte faz com  
383 que eu diga que não, não é aquele caminho que eu quero. Se tiver num espaço estruturante  
384 com fatores de prevenção e fatores de risco baixo se for pouco estruturante é ao contrário.

385 **Entrevistador** – Exato.



386 **Técnico** - Portanto e o que acontece várias vezes e que os agentes educativos das escolas  
387 justificam o locus externo com tudo e não há volta. Nós nesta escola, não sei se reparaste nós  
388 temos um espaço exterior péssimo mandar pedras é atrativo. Todos dizem que o espaço não  
389 presta isto é uma porcaria e que ninguém faz nada, não sei. Eu tenho uma biblioteca fechada,  
390 tu viste, tenho quarto salas vazias tenho vinte e cinco bicicletas estacionadas tenho duas salas  
391 de pré-escolar sem fazer nada das nove as cinco. Então, isto são faltas de prevenção eu uso-os  
392 nada portanto, o que é que eu faço? Faço, atribuo ao outro a responsabilidade e deixo os  
393 fatores de risco de serem elevados porque neste caso ate há muita pedra é verdade o fator de  
394 risco deve estar elevado mas eu se calhar consigo elevar os fatores de prevenção também e o  
395 que acontece é que isso não é feito então há conflitos como é natural, como pedras eu ate  
396 posso não estar a brincar contigo mas eu mando uma pedra ao António a pedra vai ter contigo  
397 e tu vens ter comigo e passaste da cabeça porque se eu chegar ao pé de ti tu dizes-me que a  
398 tua reação é reagir

399 **Entrevistador** – Exato.

400 **Técnico** – Só tem que ser assim o normal da situação é que a criança não reage. Portanto, o  
401 conflito é estruturante na minha opinião desde que seja num local estruturante, em locais que  
402 não existem estrutura conflito é perigoso.

403 **Entrevistador** - Acha que deve haver situações de conflito que devem ser desvalorizadas?

404 **Técnico** – Olha vou dar-te este exemplo penso que vai responder a tua pergunta, se eu for  
405 estruturante e conhecer o meu grupo e eu tiver duas crianças que as duas peguem cada uma  
406 numa pedra e as duas mandam uma pedra ao vidro por exemplo, e eu sei que uma os pais  
407 acabaram de se divorciar, separar e a outra de uma família perfeitamente estruturada e mega  
408 feliz eu não posso agarra e castigar de igual maneira as duas crianças eu tenho que olhar e a  
409 minha atuação tem que ser aquilo que eles são, habitualmente centra-se na ação foi a pedra  
410 esquece a pedra olha para ele, esquece a pedra no sentido de não decidas olhar para a pedra a  
411 pedra ate esta parada é perceberes quem são. Se há motivo escondidos de terem mandado a  
412 pedra, uma coisa é um conflito de andarem aos pontapés uns aos outros. Repara, eu há  
413 bocadinho falei num pontapé na pedra mas pode ser pontapé no colega ou pontapé no adulto  
414 não pode, o ato tem que ser castigado. O ato é para castigar mas o castigo tem que ser a  
415 proporção daquilo que a criança ou jovem são. Porque que raio, ate porque um miúdo que tem  
416 os pais a separar-se e que ate viu guerras em casa colocar-lhe numa cadeira de castigo é igual

417 ao litro, é indiferente a diferença é que eu vou estar estando a sofre só portanto, aqui a  
418 afetividade tem que mostrar o caminho e no tema em que tu estas a desenvolver, eu tenho que  
419 ter uma capacidade efetiva de entender quem esta a minha frente e isso é muito complexo  
420 porque dizem as pessoas não há tempo para isso. Claro que eu não concordo.

421 **Entrevistador** - Aí vamos ter ao outro conceito, que é a afetividade. Qual é a sua definição e  
422 em que é que consiste?

423 **Técnico** – Olha não há afetividade que resulte se o “eu” não se preocupar com ele mesmo.  
424 Portanto, não é possível desenvolver projetos pedagógicos nada da afetividade se eu não  
425 estiver resolvido comigo mesmo e quando eu digo resolvido não é perfeitamente são é só  
426 daquilo que falávamos há pouco. Por exemplo, aquilo que eu falava a bocado, a pele para  
427 dentro eu se estiver mesmo na minha cabeça acreditar no fundo, fundo de que de facto eu só  
428 mando em mim mesmo, eu vou ser muita mais tolerante e vou me chegar mais as pessoas e  
429 por tanto a minha postura perante as coisas, depois também recebo por essa postura porque se  
430 for agressivo por vezes respondem com agressividade, se eu for afetivo dão-me afetos  
431 portanto não tenho duvidas nenhuma em relação a isso. As crianças por algum motivo, as  
432 crianças para além de serem esponjas são transparentes portanto elas: M. gosto de ti ou M. ao  
433 gosto de ti portanto elas dizem o que sentem. Se elas tem essa capacidade é porque há um  
434 clique, é porque ainda não estão formatadas como nos adultos, de dizermos hoje alguém  
435 dizia-me ao telefone assim elogia em publico critica a parte portanto, esta é uma fase muito  
436 interessante que é elogia em publico, critica a parte porque normalmente temos a mania que lá  
437 esta na cabeça dos outros somos muito sabedores da verdade e não sei o que é a verdade é  
438 absoluta e interna então massacrados as pessoas e as crianças com verdades absolutas que  
439 não tem nada a ver com a vida real deles, não faz sentido nenhum. Há um filme muito bom e  
440 estava a dar agora na televisão um dia destes que eu não me lembro o nome é um da Michelle  
441 Pfeiffer é um que...ela é professora de uma escola de uma turma altamente conflituosa e ela  
442 trabalha-os para isso, trabalha-os para os afetos, trabalha-os para as relações uns com os  
443 outros e se não for dessa forma aquilo que nos fazemos é basicamente formatar, formatar,  
444 formatar...

445 **Entrevistador** – Então, acha que essa a afetividade que nós damos a criança acaba por ser  
446 importante para ela e que ela sente?

447 **Técnico** – Completamente. É como os radares dos morcegos, o morcego não vê portanto o  
448 morcego o que faz é emitir determinados sons (...) bate num objeto e devolve. Nós  
449 mandamos afetos e eles devolvem-nos...

450 **Entrevistador** - E que tipo de estratégia é que costuma utilizar para essa resolução de  
451 conflitos?

452 **Técnico** - Ouvir, ouvir primeiro... não primeiro não, primeiro, eu não sou dono da razão eu  
453 não tenho a verdade absoluta, segundo eu só posso controlar a mim mesmo, terceiro eu não  
454 sei o que vai na cabeça do outro e nem quero adivinhar. Muito importante, não sei nem quero  
455 adivinhar, quarto ouvir e por ultimo negociar, a ouvir ou negociar a entender e depois atuar.  
456 Não estou a dizer que não se deve castigar muito pelo contrario eu tinha falado em justiça e  
457 em injustiça, há um problema muito grande na nossa sociedade que é como é que eu explico a  
458 uma criança o sentido de justiça se na pratica o que eles mais veem é injustiças e ninguém é  
459 penalizado por isso portanto, eles para terem o conceito de justiça tem que entender que há  
460 consequências das nossas ações portanto uma coisa é ser afetiva e outra coisa é eu penalizar,  
461 eu posso dizer Pedro eu gosto muito de ti mas hoje não vás poder jogar a bola porque não  
462 respeitaste o colega portanto eu dou o meu fator protetor que é eu gosto muito de ti e mostro-  
463 lhe o risco que ele correu porque tratou mal o colega portanto há uma penalização mas eu  
464 reforço o fator protetor.

465 **Entrevistador** - E é uma penalização de algo de que ele goste?

466 **Técnico** – Pois isso é uma boa pergunta. Olhe, em primeiro lugar não pode passado um mês.

467 **Entrevistador** - Tem q ser na hora.

468 **Técnico** – Tem que ser no máximo dos máximos no dia seguinte. Depois, não é fazer castigos  
469 e não são castigos eternos, ou seja vás jogar a bola durante seis meses porque lá esta eu sou  
470 dono de mim mesmo mas eu não sei quando é que eu fico contente, não sei, ou seja, eu  
471 amanhã posso ficar doente e pode ser que não venha portanto ele vai jogar a bola portanto os  
472 castigos tem que estar balizados não posso dizer que ele vai estar seis meses sem jogar a bola  
473 porque isso não vai acontecer nós não sabemos o que acontece daqui. Prepotente e vaidosa  
474 aquele que sabe que de manha acorda, a M. não sabe se ta cá amanhã e eu também não sei  
475 portanto estamos aqui a viver o momento agora, eu não posso dizer que amanhã a criança vai  
476 ficar sem jogar a bola é longe amanhã até porque lhe causa frustração trabalha a ansiedade de

477 saber o que é que amanhã vai acontecer. Preocupa-os é para preocupar acho e tenho a certeza  
478 que é uma preocupação que ajuda a crescer a verbalizar. Comportamentos e avaliar atitudes.  
479 Uma criança que se comporta mal vai melhorar porque a sentam ali no corredor, Muitos pais  
480 se queixam-se já tirei a televisão, já tirei o computador. Claro! Porque isso é o menos  
481 importante isso é mesmo menos importante. Portanto, a afetividade tem que ser dada com  
482 toque, com palavras e com exemplos, não faças a asneira que eu fiz que é feio não faz  
483 sentindo portanto nós temos que chegar a eles, tocar-lhes porque o toque ate significa toque  
484 nas costas, nos braços significa que eu estou dentro do mundo dele agora eu chego aqui e já  
485 começo a levantar os meus braços mas depois os ficamos agressivos e fizeste mal e os braços  
486 andam de um lado para outro e parece que é mãos a bater que não é mas é uma imagem de  
487 isso é tudo movimentos isso é tudo menos construtivos ou melhor pode ser através do medo,  
488 eu não sei se caminho é educar através do medo portanto a que educar através do respeito pá  
489 ter respeito é preciso estruturar e saberem as regras não é portanto necessário isso é outra que  
490 é quando se fala de uma escola estruturada é meter regras por exemplo portanto e dar a  
491 conhece-las não é fazer um desenho e afixar é de mês a mês, semana a semana, quando for  
492 preciso dizer quais são as regras de convivência. Convivência é saber dar-nos uns com os  
493 outros portanto, temos que lembrar as crianças esquecem de hoje para amanhã é natural nós  
494 esquecermos com certeza já vai estar a espera daquilo que eu vou dizer se vires um acidente  
495 grave de carro, vás de carro a conduzir não sei se conduzes?

496 **Entrevistador-** Aqui não.

497 **Técnico** – Pronto mas imaginas que conduzes e vês um acidente grave, pessoas a correr e nem  
498 sei que e tu vás bué devagarinho para casa, fica-te a moer a cabeça no dia seguinte voltas  
499 outra vez a pensar mas passado das duas é mentira já te passou ao lado já vás outra vez a  
500 conduzir com velocidade porque nos filtramos o nosso cérebro filtra e as crianças são o  
501 melhor exemplo disso portanto, a afetividade é o conhecer-me a mim mesmo e oferecer-me ao  
502 outro agora não é oferecer-me ao outro só porque eu posso oferecer uma coisa que não  
503 interessa dar uma palmada a uma criança é oferecer-lhe não é o que deve ser é o eu conhecer-  
504 me a mim mesmo.

505 **Entrevistador** - Compreender o que ele precisa.

506 **Técnico** – Ou compreender o que ele precisa ou entender as vezes posso ate não chegar a uma  
507 conclusão porque não há dados sei lá há situações em que eu posso não ter dados do que é que

508 se passas no papel da criança portanto eu vou ter que chegar de outra forma e que as vezes é  
509 difícil as vezes não há dados para se conseguir lá chegar vai-se pela afetividade pura que é o  
510 abraço, é o ouvir é amparar o choro se for preciso e é o respeitar o outro é respeitar é uma  
511 criança mas é um ser já pensa uma criança pensa eu agora não tenho uma ordem do numero  
512 de sinapses que a criança tem na cabeça que é o que serve para nós pensarmos e são milhões  
513 de sinapses até porque é uma capacidade brutal a criança até aos três anos, a criança esta no  
514 auge de aprender e depois começa a baixar nós já estamos em declino nós ok. Temos que  
515 compreender mas com menos capacidade a criança aos três anos está no máximo se nos já  
516 andamos a ensinar ao contrário não há um futuro lá muito famoso...Vamos formatar e criar  
517 crianças competitivas e desonestas, competitividade não é mau.

518 **Entrevistador** – Saudável.

519 **Técnico** – Tem que ser... tem que ser saudável, tem que fazer parte quem melhor tem que ser  
520 premiado por isso. Porém, o meu sentir tem que perceber uma coisa, que o dez de uma criança  
521 que vive numa barraca sem pai porque foi preso, uma mãe que não tem dinheiro para dar  
522 comida é se calhar mais valioso do que o vinte daquele que tem uma casa perfeitamente  
523 estrutural, e quando eu oiço falar em prémios q são para os melhores alunos e não sei o que,  
524 eu gostava de ver os critérios. Na há de lá estar de certeza os critérios de afetividade, critérios  
525 de relação entre os colegas entre os outros, critério de solidariedade normalmente quem vive  
526 em barracas é o primeiro a esticava mão para ajudar, quando eu digo barracas é no bom  
527 sentido ou seja, crianças com dificuldades afetivas q não lhes passa isso esses afetos, são os  
528 primeiros a esticar a mão, não sabem o que é dar, oferecem porquê? Porque aquilo que eu  
529 estava a dizer a pouco que é, há quem sai do portão para fora e esquece...

530 **Entrevistador** - Mas mesmo que não tenha, como é que se lida com essa situação? É preciso  
531 ter também alguma segurança a nível pessoal.

532 **Técnico** – Sim claro, para mim é claro que quando eu digo, falo do eu, eu, eu, eu... Não é?

533 **Entrevistador** - Tem que ser um “eu” seguro.

534 **Técnico** – É o seguro, é o estruturar-me a mim mesmo para depois poder oferecer estrutura. O  
535 tal radar do morcego que bate e volta, porque depois eu só vou ter que me... é que as coisas  
536 estão mal pensadas é que se eu oferecer estas coisas boas se eu oferecer tolerância, se eu  
537 oferecer saber ouvir, o respeito é assim que eu vou ser tratado e por tanto tudo se vai

538 estruturar para ser melhor. Agora, há quem opte por tipo não quero saber e as coisas vão se  
539 resolvendo e põe na cabeça e a criança já nem liga, e isto acontece muitíssimas vezes. Eu  
540 tenho pena é que as avaliações não sejam mais rigorosas...

541 **Entrevistador** - Falando na família, acha importante a articulação escola-família?

542 **Técnico** – É muito importante para a afetividade, para a nossa afetividade venha de uma  
543 família.

544 **Entrevistadora** - E essa resolução de conflitos pode ser feita em conjunto? Deve ser feita em  
545 conjunto com a família?

546 **Técnico** – Atualmente, estamos no oitenta, antigamente tínhamos professores educadores, ou  
547 seja, professores que não entravam na escola que resolviam com as regras os conflitos, hoje  
548 em dia temos os pais que entram dentro da escola para bater ao professor ou bater aos alunos  
549 que bateram aos filhos, ou seja, não o permite que seja resolvido entre crianças entre a  
550 estrutura quando existe. Quando há uma estrutura então aí não há hipótese... Eu acredito que  
551 uma escola estruturada, uma sala estruturada, um grupo estruturado as questões não saem para  
552 fora. Quando saem a família vem ter comigo como colaboradora não como inspirada ao  
553 conflito e o que maior parte das vezes acontece é que como não há estratégia não há uma  
554 estratégia de resolução de conflito do saber ouvir. Por exemplo, não é feito uma grelha hoje  
555 em dia diz-se que todas as crianças são hiperativas nós temos nós associação de pais temos  
556 uma grelha onde os técnicos respondem questões que por acaso, estão divididas por estágios,  
557 ou seja, hiperativo, infeliz uma série deles e conforme as respostas nós vamos percebendo se  
558 de facto a criança está, tem prepotência em ser hiperativa, ou infeliz, ou líder, ou promotor de  
559 conflitos, uma série de coisas. Porque é um estudo de crianças, aquilo ali não serve para  
560 colocar rótulos “ a olha tu és hiperativa e então “ não serve para eu entender a criança e  
561 perceber qual é a minha reação perante ela e isso não se faz, e como não se faz, quando há um  
562 conflito e vai a família puf eu não sei, epá, nós já avisamos o que é que é isto de avisar só é  
563 muito curto... Em relação as famílias há aqui uma mistura. A escola serve para dar-lhes  
564 conteúdos escolares, a família serve para educa-los no que respeita atitude, comportamento e  
565 afetos. Portanto, a criança teoricamente deve vir estruturalmente emocionalmente de casa e  
566 que aprende os conteúdos escolares o que acontece é que há muitas famílias a delegarem na  
567 escola e aqui acho que pela primeira vez na nossa conversa é um ponto favorável aos  
568 professores e educadores. Os professores têm um papel muito complexo que é as exigências

569 que são feitas pela família bloqueiam-nos. Portanto, quem tem que estruturar é claramente a  
570 família. É a família repara, em caso de escolha a criança vai escolher sempre a família,  
571 quando não escolher é porque alguma coisa tá mal ok? Portanto, emocional, afetividade,  
572 família, escola, escolar porem a estratégia, coisas diferentes da escola pode continuar a  
573 afetividade, a relação entre o “eu” o outra e a comunidade, o saber ouvir, o haver momentos  
574 de relação, o haver debates sobre os comportamentos. Eu não sei, aqui nunca se fez perceber-  
575 se porque que tantas crianças atiram pedras. Ouvi-los porque que eles atiram pedras! Será que  
576 eles vão dizer porque é que não tem brinquedos para brincar? Se eu os ouvir e eles me  
577 disserem porque é que não temos brinquedos para brincar se calhar eu vou arranjar  
578 brinquedos para brincar. Pá, não se ouve, porque não se tem o trabalho de se centrar no  
579 mundo dos afetos e do sentir.

580 **Entrevistador** - E aí seria aumentar para a prevenção e...

581 **Técnico** – Prevenção e baixar o risco. Fatores de prevenção e fatores de risco e é esta volta  
582 opa é tão básico isto é como tipo o Benfica marcar cinco golos e ao Sporting marcar quarto  
583 pronto quer dizer apesar de eu ser do Sporting dou lá eu esperança ao Benfica de ganhar a  
584 vontade, portanto isto é igual, repara, não quer dizer q a criança não vá cair numa situação de  
585 risco na mesma ninguém está imune a isso. Disse-te a bocadinho que o maior consumo de  
586 drogas está entre os trinta e quarenta anos portanto ninguém está livre disse eu não estou, tu  
587 não estarás, ninguém estará ok? Agora eu se aumentar os fatores de proteção, e aumentar os  
588 fatores de proteção é eu saber pensar em mim, dizer que não, é eu saber o q é frustrar, a  
589 ansiedade. Tu sabes o que é um ataque de ansiedade? É o quê diz-me lá?

590 **Entrevistador** - É, na minha opinião a uma sensação de uma incapacidade de conseguir  
591 realizar alguma coisa que a gente queira. Uma frustração interior.

592 **Técnico** – E que se manifesta de determinada forma.

593 **Entrevistador** – Sim.

594 **Técnico** – E se eu te disser que essa manifestação é igual a um ataque cardíaco?

595 **Entrevistador**- Talvez acredite, não sei.

596 **Técnico** – Ouve maior parte da gente não sabe. Os sintomas do ataque de ansiedade, estou a  
597 falar de um ataque de ansiedade, não estou a falar daquelas coisas que as vezes ficamos  
598 nervosos e tal. Um ataque de ansiedade é igual a um ataque cardíaco, dor no peito, braço  
599 dormente, dores de cabeça é igualzinho se nos não conhecermos não podemos estar  
600 preparados portanto nos temos q dizer as nossas crianças, temos q fazer experimentar,  
601 fazemos experimentar os afetos o q é o amor, o ódio dizer nos temos que chegar ali e dizer  
602 assim – ó António tu és um grande parvo não é assim, mas é no local próprio eu uma vez fiz  
603 uma coisa, isto vai ficar gravado e ainda vou ser despedido por causa disso mas prontos e se a  
604 professora A. ouvir ainda pior. Num autocarro com trinca crianças, chamei um a um e disse  
605 escolhe o colega, vem a Antónia e agora dizes que, ou melhor quem é que tu gostas menos  
606 daqui. Ele, gosto menos dele. Chama-lhe todos os nomes que souberes, mas estou a falar de  
607 nomes a serio, daqueles que eles dizem que começa por P e acaba por não sei que disseram  
608 tudo, e eles ficaram estupefactos uma viagem de finalista de prevenção ficaram estupefactos  
609 como é que nos que não há asneira não a nada os deixamos fazer e ai explicamos nós temos  
610 direito de dizer aos outros aquilo que sentimos o que não gostamos neles nos locais próprios  
611 na tal situação elogia em público crítica à parte, a parte eu posso dizer tudo M. gostes ou não  
612 gostes, não posso é, repara não é...

613 **Entrevistador** - Obrigada a aceitar.

614 **Técnico** – Não é atacar-te é dizer o que eu senti sobre ti, pá não gosto de ti porque quando eu  
615 tenho uma coisa tu brincas comigo, mas quando eu não tenho tu não brincas. Dizer, a minha  
616 filha um dia deste chegou a casa as monitoras do hotel, as minhas colaboradoras pai não  
617 gostei uma coisa que a Rute fez, então? Há é nos fizemos um jogo, era uma equipa contra a  
618 outra para separar os dois e a outra equipa ganhou por um ponto, só um de nos do grupo é que  
619 falhou e eles ganharam rebuçados e nos não ganhamos nada, mas nos falhamos por um pai  
620 sabíamos tudo menos uma resposta então o que é que tua achas eu acho que nos devíamos ter  
621 recebido qualquer coisa e eu disse espera lá mas os outra ganharam la não interessa  
622 mereceram ganhar. Há sim. Então o que é que tu achas que eles ganhavam três rebuçados e  
623 vocês ganhavam um? Há sim acho que sim, porque assim nós fomos premiados, não fomos os  
624 melhores mas fomos premiados.

625 **Entrevistador** - Premiados pelo esforço.



**Técnico** – Pelo esforço, pela dedicação, pelo empenho faz todo o sentido agora ou outros tem que ter mais não tenho duvidas nenhuma e ela consegui chegar lá agora, não é fácil no contexto muitas vezes os agentes educativos são colocados assim é lhes dado qualquer tipo de estratégia é muito muito complexo portanto quando não há é quase tipo tu és uma ilha e como uma escola não pode ser um ilha, ou melhor uma escola não pode ser uma ilha que dentro da ilha tem varias ilhas. Repara é um continente, ou seja, o que acontece maior parte das vezes nas escolas é das nove as três há ilha s que são os próprios professores estipulares me que não deixam entrar la dentro nada nem ninguém, porque tem a verdade deles absoluta depois vem os professores das AEC's que é aquele senhor q esta ali e que maior parte das vezes nem sequer é lhe dado estratégias nem conhecer o projeto pedagógico da escola, nem objetivos atingir, nem como vai ser feita a avaliação, etc... E depois tem que trabalhar numa ilha, pois se não sabem trabalham sozinhos, e isto tudo não é estruturante, não faz sentido eu quando comecei a trabalhar neste ATL comecei por fazer algumas horinhas ao final do dia, trabalhava noutro e vinha fazer umas horas e eu chegava e via os miúdos a pegarem na televisão e iam para outra sala e eu tipo espera lá o que é isto pá! Estive ali uma semana pá tentei perceber e tentei mudar o comportamento não vai haver televisão. Rejeição se os outros deixavam das seta da manha das cinco da tarde podiam fazer o que queriam, eu das cinco as oito era o mauzão porque não deixava eu cheguei e disse olha quais são as regras, explicaram-me não servi adeus e fui-me embora. Tinha duas hipóteses ou ficava e seguia as regras porque não havia abertura para mudar, ou então ia-me embora e foi isso que eu fiz. Passadas duas semanas convidaram-me para coordenar porque perceberam que de facto tem que haver estrutura não pode haver, a escola é um todo.

**Entrevistador** - Dar a liberdade, dá-nos liberdade, uma estrutura.

**Técnico** – Repara é fundamental que ate aqui cada um ter a sua liberdade porque cada um ter a sua liberdade promove criatividade, criatividade promove inovação, inovação promove motivação, etc.. Muitas coisas acabadas em “ão”. Porém, é muitas vezes uma liberdade fingida porque repara se eu não conheço liberdade, se eu não conheço a estrutura não tenho liberdade isso é uma utopia não existe, é uma utopia porque depois há isto que é o professor das AEC's, eu falei que nós já demos... Com um projeto que era a missão gostar. Nos depois fazemos alterações que vem ter connosco e não pode ser assim mas também ninguém nos disse como é que pode. Portanto, não há comunicação que isto era outro tema que a nível de comunicação dava para outra tese e outra coisa qualquer. Portanto, a família é estruturante e

658 tem que entender que dentro do espaço quem toma as decisões é os estruturantes da escola  
659 desde que existam e as escolas onde há estrutura, jardins-de-infância, colégios os pais não  
660 entram melhor reclamam no seu devido direito como é óbvio, dão opinião, sugerem mas não  
661 entram a querer bater ao professor ou aos alunos.

662 **Entrevistador** - Mas participam em atividades?

663 **Técnico** – Esse é o outro desafio.

664 **Entrevistador** - Mas é um bom desafio, desejável.

665 **Técnico** – Faz todo o sentido que os pais tenham o máximo de formação possível no que diz  
666 respeito a escola. Eu sou um crítico. Porque por exemplo, a minha filha eu não sei qual é o  
667 programa de inglês da minha filha, eu não sei qual é o programa de inglês da minha filha ou  
668 da música da minha filha, eu não sei qual e o programa de educação física da minha filha, não  
669 me é feito chegar.

670 **Entrevistador** - E gostava?

671 **Técnico** – É um direito que eu tenho. Não é uma questão de um gostar, porque eu ate posso  
672 rasgar e não ler mas é um direito que eu tenho. Eu estar informado protege não só os técnicos  
673 ou agrupamento, mas a mim como pai porque depois é o contrario, pode haver o efeito ao  
674 contrario que é o professor exigir que é a minha participação na escola, mas qual participação  
675 na escola se eu não sei o que é para fazer eu não tenho que ensinar, o meu papel não é ensinar,  
676 a escrever ou ler, o que quer que seja. O meu papel no que diz respeito a conteúdos escolares  
677 é de fiscalizador, saber o que eles estão aprender, se houver alguma duvida poder ajudar, nas  
678 minha limitações, fazer com que eles cumpram com que as obrigações normais e que ele seja  
679 respeitador filho ou filha, respeitador junto da escola e depois os professores fazem o papel  
680 deles. Agora, é difícil quando não há comunicação, quando não se passa o que é que se faz ou  
681 deixa de fazer e depois perde, por exemplo, pessoas como aquele senhor que é desvaloriza-se  
682 as...por exemplo, tipo as atividades de regimento curricular quer dizer que é uma atividade  
683 que vai ajudar a criança a ser melhor. Por outras palavras, mas desvaloriza-se porque não se  
684 conhece e começa pelos professores titulares que não dão importância. Se eu perguntar aquele  
685 senhor, ele não vai responder porque esta a ser gravado, mas se eu perguntar quantas vezes é  
686 que uma pessoa titular já foi ter com ele, há aqui um professor na escola que deve ter ido  
687 muitas vezes, mas todos os outros tenho duvidas que tenham ido, porque não há envolvimento,

688 afetividade, não se vê isto como a tal situação de engrenar e todos trabalharem da mesma  
689 forma pá não quer dizer que trabalhe assim ou assim, mas estamos dados, estamos cá depois  
690 há a tal duvida, a tal baliza, as energias das crianças são fundamentais, uma criança às quatro  
691 e quinze da tarde depois de estar das nove da manhã até agora dentro de uma sala de aulas,  
692 chega ao professor de música e só faz disparates, mas porque, experimenta estar dentro de  
693 uma, ou eu dentro de uma sala durante seis horas a ouvir alguém o que é que nos vamos querer  
694 fazer a seguir.

695 **Entrevistador – Pois.**

696 **Técnico –** Ou é lúdico, o tal jogo, através da prevenção. A prevenção trabalha-se através do  
697 jogo, nós podemos trabalhar a resistência ou resistir às frustrações temos que trabalhar a  
698 confiança. Eu já fiz com que uma criança perdesse o medo das alturas com um jogo, feito pelas  
699 crianças não por mim eu fui o orientador só portanto os colegas fizeram com que aquela  
700 criança deixasse de ter medo de alturas com um jogo só básico, portanto com um jogo, motiva  
701 mais do que estar sentado a olhar tipo o professor ou a professora pode até ser a mais bonita  
702 do planeta que opa não é aquilo que eles querem naquele momento, não é a cabeça deles está  
703 noutro lado, as energias...

704 **Entrevistador -** São demasiadas energias sentadas numa cadeira.

705 **Técnico –** É isto, um contratempo é um mais e um menos, e as poucas energias que têm  
706 querem investi-las noutra coisa saltar, o correr, o jogar a bola, andar de bicicleta, o mandar  
707 pedras. Portanto, a família para poder estar mais envolvida tem que ter mais conhecimentos  
708 do que é que se passa na escola e por vezes as escolas fecham-se no mundo delas e isso não  
709 promove afetividade, cria bloqueios, cria muros invisíveis onde não permite as pessoas se  
710 relacionarem. A melhor professora desta escola na minha opinião, a nível de conteúdo escolar  
711 é aquela que é menos afetuosa com as crianças: Ó P. mas então estás a dizer a figura dela é  
712 muito importante, pois é, mas eu tenho é dúvidas que algumas daquelas as crianças vão ser  
713 felizes, a nível do conteúdo escolar pode ser do melhor que há e Einstein se calhar, agora  
714 também é verdade que houve determinadas personalidades que do nosso mundo, da nossa  
715 história que foram grandes carolas, mas suicidaram-se. Porque que será, tanto conhecimento e  
716 depois foram para o outro mundo. Porque será? É complexo é o mundo das emoções e afectos  
717 e um mundo mesmo, e quanto mais desvaloriza, mais difícil é entendê-lo e praticá-lo. Por-  
718 tanto usa-se por exemplo as...para castigar crianças, que volto a dizer que há criatividade... é

719 castigar, não vai porque porta-se mal, não aprende tipo é afastada até dá jeito se calhar porque  
720 não gosta, não gosta portanto é retirada (...) e não é trabalhada através dos afetos. Não há um  
721 programa em que retire a criança da sala e que se converse, não tem que ser por um psicólogo,  
722 pode até ser pela cozinheira.

723 **Entrevistador** - Mas alguém que saiba ouvir.

724 **Técnico** – Que oiça o que a criança tem para dizer, ou oiça o silencio também é importante as  
725 vezes. Que entenda o que é aquela criança naquele momento basicamente.

726 **Entrevistador** – É isto, queria agradecer-lhe por ter ajudado.

727 **Técnico** – Espero que tenha ajudado...

728 **Entrevistador** - Ajudou bastante, muito obrigada novamente.

## **ANEXO K - PRIMEIRO NÍVEL DE ANÁLISE À ENTREVISTA DO TÉCNICO**



<b>Blocos Temáticos</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Indicadores/ Unidades de Registro</b>	<b>Unidades de Contexto</b>
Conceções sobre a valorização dos afetos no pré-escolar	Qual é a valorização dada, pelas escolas em relação à dimensão afetiva?	Pouca	<p>“ Eu acho que um dos grandes problemas é que o educador não faz a mínima ideia do que é a afetividade e qual é a força da afetividade na resolução de conflitos ou apenas e só na aplicação de conteúdos escolares e nos resultados que podem vir e nos resultados do uso do afeto.” (L.9-12)</p> <p>“O tempo livre deve ser usado com as nossas crianças e mesmo os conteúdos escolares devem ser dados através de um método que motive, motivação é afeto.” (L.104-106)</p>
Meio e Grupo	Qual a influência do meio e do grupo no aparecimento de conflitos?	Importante Indissociável	<p>“... há escolas no meio de bairros sociais que têm resultados fantásticos e ninguém pergunta porquê.” (L.199-200)</p> <p>“... o meio envolvente é importante não podemos dissociar-lhe. Eu considero que há o eu os outros e comunidade neste sequencia por isso o dizer-lhe que o conflito para mim começa sempre no nosso dentro de nos depois tem o outro e depois tem a comunidade é a envolvência que esta a volta...” (L. 310-313)</p>
Noção de conceitos básicos	Qual a noção de afetividade?	Atitude Motivação Emoção Abraço Ouvir Respeito	<p>“A palavra motivação é usada que é um afeto é uma atitude, uma afeto uma emoção, pois, porque a afetividade mistura uma serie de emoções e sentimentos e atitudes comportamentos, etc.” (L.114-116)</p> <p>“... afetividade pura que é o abraço, é o ouvir é amparar o choro se for preciso e é o respeitar o outro é respeitar é uma criança...” (L.531-532)</p>

	Qual a noção de conflito?	Frustração	<p>“Eu primeiro divido conflito em duas áreas. O meu conflito e o conflito dos outros. O locus interno e o locus externo.” (L.248-249)</p> <p>“... conflitos, não há conflito com uma única pessoa teoricamente há um conflito de duas ou mais pessoas eu pessoalmente acho que o conflito começa com nós próprios.” (L.259-261)</p> <p>“... eu acho que a frustração faz parte, acho que tem que existir.” (L.375)</p>
Os conflitos entre as crianças	Porque é que ocorrem conflitos?	Nós próprios	<p>“... eu se tiver chateado tenho a mania que tenho de influenciar o outro. Portanto a maior parte dos conflitos se nos fossemos a espremer muito bem o conflito tinha origem normalmente em 80% das situações em nos próprios. Portanto se nos resolvêssemos o nosso conflito não havia conflito com o outro.” (L.261-265)</p>
	Qual é a sua importância?	Estruturante	<p>“...o conflito é estruturante na minha opinião desde que seja num local estruturante, em locais que não existem estrutura conflito é perigoso.” (L.269-270)</p>
	A partir de que ponto é que podem constituir um obstáculo para o desenvolvimento social e moral?	Pouco estruturante	<p>“... o conflito é estruturante desde que esteja dentro de um meio estruturante porque o conflito permite a criança saber se defender, saber alegar, saber reproduzir o que pensa e o que não pensa, brincar com a justiça e com a injustiça e brincar mesmo com a justiça e a injustiça, portanto permite marcar a sua posição, permite fazer parte de um grupo. Portanto, o conflito para mim se for dentro de um contexto estruturante só há vantagens nisso.” (L.366-371)</p>



Papel do adulto na gestão de conflitos	Qual o papel do adulto na gestão de conflitos?	<p>Ouvir</p> <p>Negociar</p> <p>Entender</p> <p>Atuar</p> <p>Promover dinâmicas</p> <p>Oferecer criatividade</p>	<p>“ Ouvir, ouvir primeiro... não primeiro não, primeiro eu não sou dono da razão eu não tenho a verdade absoluta, segundo eu só posso controlar a mim mesmo, terceiro eu não sei o que vai na cabeça do outro e nem quero adivinhar. Muito importante, não sei nem quero adivinhar, quarto ouvir e por ultimo negociar, a ouvir ou negociar a entender e depois atuar.” (L. 471-475)</p> <p>“ ...eu faço uma relação de tempo livre, lúdico e prevenção. A prevenção e costuma-se falar muito da prevenção (...), não é nada mais nada menos que falar de afetos e de usar afetos.” (L.127-129)</p> <p>“ ... promover dinâmicas e quando se estrutura o projeto, depois de conhecer o grupo... Uma das coisas é oferecer-lhes novidade, oferecer-lhes criatividade.” (l.163-165)</p>
	Devem ser desvalorizadas algumas situações de conflito?	Sim	<p>“O ato é para castigar mas o castigo tem que ser a proporção daquilo que a criança ou jovem são.” (L.432-433)</p>
Afetividade do adulto na gestão de conflitos	Qual o papel da afetividade do adulto na gestão de conflitos?	<p>Oferecer segurança</p> <p>Saber ouvir</p> <p>Tolerância</p>	<p>“ ... o morcego não vê, portanto o morcego o que faz é emitir determinados sons (...) bate num objeto e devolve. Nós, mandamos afetos e eles devolvem-nos...” (L.466-468)</p> <p>“ (...) o seguro, é o estruturar-me a mim mesmo para depois poder oferecer estrutura. O tal radar do morcego que bate e volta, porque depois eu só vou ter que me... é que</p>

			<p>as coisas estão mal pensadas é que se eu oferecer estas coisas boas se eu oferecer tolerância, se eu oferecer saber ouvir, o respeito é assim que eu vou ser tratado e por tanto tudo se vai estruturar para ser melhor.” (L. 558-562)</p> <p>“... se eu oferecer estas coisas boas se eu oferecer tolerância, se eu oferecer saber ouvir, o respeito é assim que eu vou ser tratado e por tanto tudo se vai estruturar para ser melhor.”(L.560-562)</p>
	Qual a importância para a criança?	Total	“Completamente.” (L.466)
Articulação Escola- Família	Qual é a importância da articulação escola-família na gestão de conflitos	Importante	<p>“É muito importante para a afetividade, para a nossa afetividade venha de uma família.” (L. 566-567)</p> <p>“A escola serve para dar-lhes conteúdos escolares, a família serve para educa-los no que respeita atitude, comportamento e afetos. Portanto, a criança teoricamente deve vir estruturalmente emocionalmente de casa e que aprende os conteúdos escolares o que acontece é que há muitas famílias a delegarem na escola e aqui acho que pela primeira vez na nossa conversa é um ponto favorável aos professores e educadores. Os professores têm um papel muito complexo que é as exigências que são feitas pela família bloqueiam-nos. Portanto, quem tem que estruturar é claramente a família.” (L.588-595)</p>

## **ANEXO L - SEGUNDO NÍVEL DE ANÁLISE À ENTREVISTA DO TÉCNICO**



Através da entrevista ao técnico, coordenador pedagógico de ATL há já 16 anos, foi possível compreender algumas questões realizadas já aos outros atores, de forma a analisar as várias concepções sobre este tema. Ao estar diariamente em contacto com várias crianças e projetos, este considera que a preocupação com a afetividade nas escolas não é muito notória, talvez, na sua opinião, porque muitos dos profissionais de educação ainda não compreendem todos os benefícios que esta relação pode vir a ter.

Na sua opinião, o meio e o grupo, onde estão inseridas as crianças por vezes são responsáveis pelo aparecimento de conflitos e pela forma como estes são resolvidos, dizendo mesmo que os dois são indissociáveis. Ainda assim, considera que na maior parte das vezes o conflito é maioritariamente provocado por um conflito interior de cada um, e que se esse fosse resolvido muitos conflitos seriam evitados. Um outro motivo para a ocorrência de conflitos é também a falta de estruturação dos meios, como por exemplo dos recreios.

No que respeita à noção de conceitos, o técnico considera que conflito é uma situação que envolve sempre duas ou mais pessoas, onde uma, tenta levar a outra pela sua ideia. Este conflito, pode ser positivo se estruturante ou negativo se pouco estruturante e acabar por originar uma frustração não controlada por parte da criança. Já em relação à afetividade, considera que esta é a capacidade de permitir que a criança experiencie um pouco de tudo, usando a sua criatividade, não criando barreiras. É também um abraço, o saber ouvir e o respeitar o outro.

O adulto, na resolução de conflitos deve, na sua opinião deixar que as crianças resolvam os seus próprios conflitos. Contudo, quando necessário deverá intervir começando por ouvir, em seguida entender, negociar e por último atuar. Assim sendo, compreende-se que privilegia o diálogo e muitas das vezes também a utilização de dinâmicas de grupo entre elas, os jogos. Além do referido, o técnico considera importante que exista prevenção, ou seja, falar e usar afetos, várias vezes, antes de os conflitos acontecerem, para que as crianças interiorizem o que lhes é explicado.

O adulto, deve apresentar sempre um papel de exemplo, sendo que nesta fase as crianças aprendem com base nos exemplos que observam, sejam estes dados na escola ou em casa. Já no que respeita às relações entre a família e as escolas, ainda que seja complicado, o técnico defende que deve haver sempre tentativas para esta articulação, sendo que estas serão benéficas para as crianças.